



JAN VAL ELLAM

A DIVINA COLMEIA

A TRIMURTI DESENCANTADA

A DIVINA COLMEIA

A TRIMURTI DESENCANTADA

JAN VAL ELLAM

CONECTAR



CONECTAR



A Divina Colmeia: A Trimurti Desencantada

Copyright © Jan Val Ellam, 2019. Todos os Direitos Reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistemas de armazenamento em bancos de dados, sem a devida permissão, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos e estudos.

* * *

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Capa: Luciana Lebel

Diagramação: Krysamon Cavalcante

Revisão: Maria Helena Kummer

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

www.conectareditora.com.br | email: info@conectareditora.com.br

* * *

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E46re Ellam, Jan Val, 1959-

A divina colmeia – A Trimurti desencantada / Jan Val Ellam. Natal: Conectar Editora, 2019.

220 p., 21,6 cm.

1. Colmeia Universal. 2. Transcendência (Filosofia).
3. Deuses da Trimurti hindu – Brahma, Vishnu e Shiva.
4. Universo Biológico - Plano Colmeia I. Título.

CDU 133.93

ISBN Papel: 978-85-62411-48-9

1a. Edição. Natal - RN/2019

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Introdução](#)

1. [A “Abelha-Rainha” e os seus Súditos](#)
2. [A “Colmeia do Éden”](#)
3. [A “Colmeia Universal” e Seus Dois “Grandes Favos”](#)
4. [Cego Guiando Cegos](#)
5. [Três “Amalucados” e Quintilhões de “Apalermados”](#)
6. [“Projeto Talm”](#)
7. [O “Plano Colmeia” para o Universo Biológico](#)
8. [Subserviência “Deslacrada”](#)
9. [Ignorância Cultivada e Crescente](#)
10. [Inesperada Liberdade](#)
11. [Subordinação aos Fins](#)
12. [“Mediocridade e Vexame” vistos como “Divinos”](#)
13. [Pluribus Unum](#)
14. [Unus Pluribus](#)
15. [O “Fator Colmeia” e o Cenário Final](#)

[Notas Explicativas](#)

[Sobre o Autor](#)

[Entrevista com Jan Val Ellam](#)

[Guia e Roteiro de Leitura dos Livros](#)

[Por que o IEEA?](#)

[Manifesto Projeto Orbum](#)

[Mais informações](#)

Sinopse

Quantas “verdades eternas” os seres humanos colecionam na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução? Quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois da Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo e “A Divina Colmeia” se apresenta como sendo a descrição da “forma-modelo” jamais compreendida de como Javé — o criador universal — se relaciona com suas criaturas.

É leitura inadiável para os que lutam por se afastar da ignorância — entronizada como verdade — que tanto tem infantilizado o intelecto na ampliação das suas perspectivas sobre o sentido da existência, vindo daí, seguramente, a estranha mania que temos de apequenar a vida com as nossas opiniões pouco refletidas e viciadas.

É leitura para adultos!

Jan Val Ellam

Introdução

Somente após colecionar todos os principais tipos de sofrimentos humanos – os mais facilmente identificáveis – e de ponderar, com cores próprias, sobre o porquê dos mesmos existirem, é que me permiti escrever estas reflexões.

Na condição em que me encontro, sou levado a conviver com uma faixa de realidade que, ao que parece, ninguém mais neste mundo percebe. Nessa convivência forçada, por louco ou extraordinário que isso possa parecer, sou constantemente levado a decifrar certas situações que estou me obrigando a relatá-las neste livro, na esperança de que possam ser motivo para reflexão agora ou, pelo menos, no futuro – porém, caso estejam equivocadas, que sejam descartadas como tudo o mais que, na lenta evolução do pensamento humano, se possa perceber como erro.

Aqui não estão em jogo questões de crença ou de personalismos – que a minha consciência mais profunda livre o meu ego terreno de tal “imbecilidade espiritual”. Sim, “espiritual”, porque esse é o nome correto para a causa raiz do que vemos na Terra como “estupidez” e outros traços da imbecilidade.

Não é um livro para gente infantilizada nas crenças dos que anseiam pela verdade fácil das religiões ou do “ilusório conforto espiritual” dos dogmas comercializados pela incúria dos que vendem e dos que compram as eternas indulgências da “demência humana”, herdeira maior de uma outra que os terráqueos ainda não tiveram olhos para perceber. Sim, existe ainda a incúria de consciências que residem além da nossa percepção e essa arte do descuido existencial tem neles a autoria registrada. Muitos de nós, os humanos, tão somente pagamos a esses Seres os “direitos autorais” pelo uso do mesmo “padrão demente e robótico” de como abrir mão da gestão das suas vidas, sem que disso saibamos.

Peço, portanto, desculpas pela inevitável “ferida” que o mesmo possa causar na sensibilidade de quem, inapropriadamente, vir a ler o que aqui está registrado.

Assim, deixo esses registros para a posteridade. Espero que possam ser úteis

a alguém.

Atlan, 23 de junho de 2019
Jan Val Ellam

1

A “Abelha-Rainha” e os seus Súditos

No Egito, em um dos templos da cidade de Sais, atualmente dedicado a Isis, encontra-se registrada mais uma das categóricas afirmações aretalógicas de um Ser que se autoproclamou “Deus” e, desde que os humanos surgiram para a vida, ele vem se esforçando bastante para que a humanidade o aceite e o veja como tal.

Diz a antiga inscrição:

“Eu sou tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que há de ser, e mortal nenhum conseguiu ainda erguer o véu que me encobre”.

Apesar da afirmação feita em sentido mais amplo, penso que, no caso dos seres humanos, realmente não há como a natureza psíquica de alguém, dotado ou não da faculdade da mediunidade, possa a tanto pretender, no sentido de erguer a tal “camuflagem”.

Mais especificamente ainda, em se tratando do caso de “alguém do meu tamanho”, aí é que a premissa dessa inscrição se assume como garantida e perfeita, pois jamais existiu em mim qualquer habilidade, talento ou mesmo vontade de qualquer intenção nesse sentido. Contudo, algo de muito estranho aconteceu em torno desse Ser que se pretende o “Alfa e o Ômega” desta Criação: **o “véu” caiu!**

Curiosamente, ninguém jamais “ergueu o véu” para revelar o que ele encobria – caiu sozinho ou apodreceu! A “camuflagem” simplesmente se desfez, ao ser levada por alguma força destruidora ou alguma coisa que a esse processo se assemelhe!

Fui obrigado a deduzir que um tipo de “entropia” – algo diferente da que atua no nosso universo material –, pesou dramaticamente na faixa de realidade em que vive o Criador e demais membros que compõem a “Aristocracia”

construída em torno dele. Simplesmente, a “camuflagem” veio abaixo, como se corroída em seus alicerces. Ruiu!

O “rei ficou desnudo”, eu lhe disse em um “encontro”, no ano de 2010¹, momento em que pude ver o descerramento do “véu interdimensional” que o encobria e, então, perceber o conjunto de “doenças” e de “esquisitices” que marcavam – e ainda marcam – o corpo fragilizado desse Ser que se diz “tudo o que foi, tudo que é e tudo o que há de ser!”.

Comuniquei-lhe que aquilo que nele se podia observar – e o que nele existia, ali estava registrado desde o início de todo esse tempo em que se afirma como “tudo o que foi e estava ainda sendo” –, me parecia “câncer”, o que me fez receber “energias de contrariedade e mesmo de repulsa”, vindas de sua parte, as quais tiveram o efeito de detonar, em mim, um processo de dor corporal que somente a custo de muito remédio consigo suavizar até os dias em que escrevo estas reflexões.

Nada fiz! O “véu” caiu, não porque algum mortal o descerrou, mas sim, o repito, por atuação da “entropia” comum àquela realidade antimaterial, que se separa da nossa – a de ordem material – por algo que, ao mesmo tempo, as mantém juntas, e que garante a ambas as partes desta Criação “amalucada” continuarem a existir, sem se aniquilarem.

Como tudo o mais que aconteceu e ainda se encontra de pé nesses **dois compartimentos que coexistem paralelamente**, o tal “véu” “caiu” por “acidente”, por “podridão acumulada”, pois que é assim que tudo “retorna ao pó”, seja no âmbito material ou antimaterial do que foi gerado.

Pelo menos, em ambos os contextos, isso possibilita que as individualidades espirituais, que estruturam os seres vivos, se liberem do fardo de sustentarem corpos prenhes de “doenças” de todo tipo e, aqui, a morte aparece como portal libertador para essas consciências.

Quando “limpas”, essas individualidades retornam ao “mundo maior”, ou seja, às faixas mais evoluídas da espiritualidade, que envolvem esta Criação “problemática”. Contudo, infelizmente, quase nenhuma consegue esse feito, e a erraticidade espiritual será o destino temporário delas, até que outras vidas, no âmbito das realidades material ou antimaterial, lhes sejam encomendadas pelos fatos, a cujo circuito de eventos e de fenômenos costumamos chamar de “carma” – ou “karma”.

“A Obra de Deus, contudo, é perfeita”, dirão alguns!

Não entro nesse mérito, mas não foi preciso nem que o “véu” fosse removido para que se notasse que o lado de cá – o universo material –, por si só, já padece de problemas que envergonhariam qualquer “Deus” minimamente bem-intencionado de aparecer como autor de algo tão “vexaminoso”.

1ª Constatação:

“Deus”? Será que devemos utilizar esse conceito tão elevado para nos referirmos a um Arquiteto de um “programa existencial” cuja marca principal é a da violência, que a própria natureza legitima como sendo o modo natural de convivência entre os seres?

Somente esse aspecto deveria constituir dose suficiente de inquietação para que se percebesse que, um “Deus” pretensamente perfeito, não geraria espécies vivas que já nascem com a destinação de serem assassinas, de modo a manterem a própria vida.

Se neste lado da Criação, no qual vivemos, tudo é um misto de aparentes maravilhas, desafios cruéis e esquisitices de todo tipo, após tirado o tal “véu” – cuja queda a minha cota humana parece ter sido a azarada expectadora a assistir –, aí, é que o outro lado se me revelou ainda mais estranho e sem qualquer dose de “deslumbramento”, pelo menos superficial, que assim me parecesse.

Foi quando, então, pude perceber, ao longo dos anos situados entre 2007 e 2010, **como era “esquisita e constrangedora” a maneira como o Criador e seus anjos-clones viviam.**

Fui me acostumando com as curiosas paisagens e com alguns dos seus habitantes pitorescos e, a partir de 2010, algumas outras “coisas” e “aspectos” começaram a ficar desgraçadamente claros para a minha sensibilidade.

Comecei a tomar notas do que julguei ter deduzido e todas elas me pareciam problemáticas, e de fato eram.

“Aquilo não podia ser coisa do bem, arquitetada por seres sensíveis e preocupados com o que, na Terra, chamamos de bom gosto e de bem comum” – pensava, seguidamente.

Uma das primeiras “coisas” que me obriguei a registrar após ver o modo como aquele Ente – que insistia em se apresentar como Javé, “Deus-Pai e Criador dos Céus e da Terra” – tratava os seus anjos-clones e os humanos da Terra, foi a certeza de que, caso realmente ele fosse quem afirmava ser, **se os seres humanos não cuidassem uns dos outros, ninguém mais o faria.** Por quê? Porque Javé e os dois outros “Seres da *Trimurti*” se encontravam “doentes”!

Aqueles Seres não podiam cuidar nem deles próprios, quanto mais das civilizações do nosso universo e, mais especificamente, dos seres terráqueos. Nós éramos complexos demais para que o grau psíquico, que eles demonstravam possuir, pudesse dar conta daquela tarefa a qual viviam se referindo, provavelmente para impressionar os humanos.

Essa anotação me perturba até os tempos atuais porque a minha geração foi formada na “certeza romantizada” de que “Confederações Galácticas” cuidavam

dos terráqueos, de que “Deus” cuidava dos povos da Terra que fossem selecionados por ele, e educava os demais humanos por meio desses “escolhidos”. Sinceramente, quanto mais estudo e observo a vida, seja a daqui como a que me é permitido observar em algumas das “moradas” desse universo paralelo, menos observo qualquer evento no sentido de que “Alguém” cuida dos humanos terrestres. Muito pelo contrário!

Até agora, procuro me perceber em erro ao pensar desse modo, por ser tão diferente a minha constatação quando comparada com as crenças que eu havia colecionado à época da juventude. Elas, que me conduziram a elaborar a fé em um “Deus” com “letra maiúscula” – e não em diversos “deuses” das incontáveis mitologias do passado, dentre os quais o “Javé bíblico” é tão somente um deles –, não mais “habitavam o meu psiquismo”, porque as circunstâncias me levaram a delas me afastar, por prudência filosófica.

No que me dizia respeito, a insistência daqueles “Senhores da *Trimurti*” para comigo passou a me assustar mais ainda pelo fato de afirmarem que o que estava acontecendo “tinha que ser especificamente com a minha pessoa e não com outro humano”. O pior é que jamais julguei que poderia ser real exatamente o tal Javé (ou Brahma) que, de estranho ao extremo, envolveu a “minha vidinha” em questões tão absurdas quanto as que me eram propostas por ele, com a justificativa de que os “seus desígnios precisavam ser cumpridos” de qualquer maneira e independente do que pudessem custar.

Ao me ver obrigado a jogar fora o romantismo de outrora sobre a crença de que “Alguém bondoso e justo” cuidava dos humanos, hesitava em assumir outra qualquer para substituí-la. Além disso, a versão que se me apresentava de um Ser “amalucado” e “doente” – aos meus olhos –, insistindo por ser tido como o “Deus Criador dos Céus e da Terra” e de tudo o mais que existia, inclusive e principalmente dos humanos, parecia-me algo tão horroroso de se assumir como verdadeiro, que me esforcei ao máximo para jamais fazê-lo, até o ruir do tal “véu” que deixou o Criador “desnudo” frente a um “assustado par de olhos humanos”, que tudo fez para não fixar a sua visão naqueles painéis esquisitos. Contudo, a constatação de que alguma coisa “muito podre” existia “naquele reino” ingenuamente anunciado por João Batista e, depois, pelo próprio Jesus – por insistência desses “Seres da *Trimurti*”, e mais notadamente pela do próprio Javé –, inexoravelmente, se fez presente frente ao meu desavisado tirocínio.

Foram dias e noites tortuosos, pois eu estava aterrorizado com aquela perspectiva.

“Mesmo o Deus Incognoscível também parece nunca ter cuidado dos humanos, pois jamais deixou rastro nesse ou em qualquer sentido que pudesse me consolar” – pensava.

Medindo por mim mesmo, cheguei a desagradabilíssima conclusão que, somente a fé infantilizada das pessoas é que permite que elas acreditem piamente que tem “Alguém muito importante” cuidando delas, ainda que os fatos apontem para outro sentido.

Aqui, costumam confundir “ajudas” que recebem de “santos católicos”, de espíritos benfazejos, e de outros seres que trabalham na difícil arte da construção do bem – e isso é real –, com bençãos inexistentes e milagres corrompidos e falsamente televisados para os incautos e viciados em “graças”.

Do mesmo modo, enganam-se quanto a influências complicadas, vindas de seres não humanos – infelizmente, isso também é real –, colocando culpa num “diabo” inexistente, mas que precisa ser temido, para que as religiões possam servir de refúgio e cobrar o preço da proteção que elas dizem ofertar aos seus fiéis, por “ele” perseguidos.

O que isso significa? O que explicam as teologias religiosas sobre essas questões?

2ª Constatação:

O conjunto dos valores e das pseudoverdades teológicas, voluntariamente adquiridos e colecionados ao longo dos últimos milênios, representa um compêndio de ignorância infantilizada, que foi transformado em teologia redentora e salvacionista.

Sancta simplicitas!

E ali estavam um Ser e toda a sua Assessoria que, juntos, pareciam atuar como os responsáveis pela “cretinice” semeada entre os seres humanos, e da qual, atualmente, todos se alimentam, sem que disso cuidem, restando somente a poucos, a habilidade mental e espiritual de se manterem em equilíbrio e livres de maiores desgastes nesse campo.

Se, efetivamente, aqueles “Seres da *Trimurti*”, antes encobertos pelo “véu”, fossem quem diziam ser, o problema do fenômeno a que chamamos de “vida”, era e é muito mais complexo e inquietante do que o romantismo religioso pôde vislumbrar até agora.

No que me foi dado perceber, o registro que fiz, naqueles dias em que eles procuravam me impressionar com a coreografia do seu aparente poderio, está descrito na constatação a seguir.

3ª Constatação:

Existe um Ser entronizado como uma espécie de “Abelha-rainha”, sendo ele o único a poder ter qualquer vontade, enquanto um bando de outros seres, absolutamente destituídos de qualquer traço de humanidade – fosse em forma corporal ou mesmo em atitude –, parecia tão somente constituir um grupo de simples “ferramentas” ou “operários robotizados” da

organização existente em torno dessa “Figura Principal”.

Com o tempo, fui sendo esclarecido de que **aquele modelo era o mesmo que Javé havia sonhado para a humanidade**, antes do despertar de Pandora e de Eva, sendo a primeira, protagonista das páginas da mitologia grega, e essa última, a já tão conhecida “mãe da humanidade”, conforme a mitologia judaico-cristã.

O “deslacre mental” que Pandora promoveu em si mesma e as “travas” rompidas pelo movimento do psiquismo de Eva, associados aos desdobramentos que se seguiram, num enredo que levou cerca de 50 mil anos para se estabilizar nos padrões da natureza humana atualmente conhecida, produziram o “grande desencanto” ao qual Javé se referiu ao perder o controle sobre a “colmeia *Homo* terrestre” que ele tinha – e tem – como sendo sua.

4ª Constatação:

A humanidade não faz a menor ideia da destinação da qual escapou, ou seja, a de se tornar parte de uma grande “colmeia”, tendo Javé na função de “abelha-rainha”.

Sim, era esse planejamento do Criador “decaído” – que o ocidente conhece como sendo o “Javé bíblico”, e que a cultura *demodharmica*² oriental denomina como “Brahma” – para a mais “recente espécie biológica” a ter surgido no panorama universal: a dos humanos da Terra.

Por “muito pouco”, na verdade, “bem menos” do que poderemos um dia imaginar – no momento nos é impossível – **é que, atualmente, não funcionamos do mesmo jeito que se pode observar no modo como as abelhas³ se organizam nas suas colmeias, absoluta e completamente condicionadas à dura genética que faz com que as mesmas vivam para servir a sua rainha.**

“Criaturas-ferramentas” de uma construção societária, na qual a abelha-rainha leva tudo, as abelhas-operárias tão somente trabalham e se alimentam para mais labutar – e isso é tudo!

Totalmente submissas aos desígnios genéticos daquele tipo de “organização modelar”, as “criaturas-ferramentas” de uma “colmeia” nascem já destinadas a tão somente servir, e aí das que desobedecem ao “império do mais forte ente”, ali existente!

Observando-se através da ótica judaico-cristã, **compreende-se perfeitamente o “choque” do Criador ao perceber a atitude de Eva, “destravando” aquela condição covardemente imposta a seres que poderiam, sim, viver de outro modo**, que não o da submissão total aos ditames do pretensamente “mais forte”.

Punida por ter sido a protagonista daquele momento histórico – que nada tem de parábola, mas de traços de uma realidade cruel, camuflada pela ignorância adquirida por tanto tempo e, posteriormente acondicionada no psiquismo humano –, Eva e todos os seus descendentes passaram a ser considerados “pecadores”. Essa e outras estranhas notícias de um passado tido por mítico, demonstram problemas tão duros de serem agora analisados pela sensibilidade infantilizada das atuais gerações de humanos, que me fere o coração ter de fazê-lo.

A expulsão de Adão e de Eva do “paraíso” e o “pecado original”, monstruosamente imposto aos “filhos de Eva”, até a atualidade, estranhamente, necessitam do “esperto concurso da igreja católica” para providenciar o “batismo salvador” – que livra o ser humano da “espúria condição” de ser “filho do demônio”, por ter sido ele a tal “serpente bíblica” que desencaminhou Eva.

Milênios e milênios do mais grosseiro tipo de ignorância imposto à humanidade, por Seres “desqualificados”, mas que, ao investirem na ignorância dos humanos infantilizados pelo terror psicológico, foram considerados “deuses” e/ou “anjos”, quando eram e são apenas “criminosos”, “autores e atores cósmicos de um crime universalizado sobre os ombros de qualquer criatura” que passou a existir no âmbito interno desta Criação “vexaminosa”.

Pandora, primeiro, há cerca de uns 48 mil anos, e depois Eva, bem mais recente, por volta de 23 mil anos, foram as duas heroínas que libertaram a recém-surgida espécie *Homo sapiens* do condicionamento genético, inicialmente prevista para o **“modelo colmeia”, já vigente entre Javé e os seus anjos-clones**, que sempre funcionou no universo paralelo ao nosso, onde esses Seres vivem até estes tempos atuais.

Na verdade, **foi desse tal “modelo colmeia”, vigente no universo antimaterial, paralelo ao nosso, denominado em sânscrito como sendo o “Brahmaloka” (“morada” de Brahma ou de Javé)**, que, muito mais tarde o código “apodrecido” e “doente” do Criador –, atualmente conhecido como “DNA”⁴, na sua versão físico-química-biológica – veio de lá, e aqui se tornou a “molécula-mãe”, “geneticamente codificada”, da qual **surgiram todos os corpos dos seres vivos biológicos deste universo, inclusive os dos ratos-toupeiras-pelados, dos ratos-toupeiras-de-damaraland e das espécies de abelhas e vespas eussociais, de cupins e de formigas, que vemos na Terra.**

Por que estou citando os ratos-toupeiras-pelados, os ratos-toupeiras-de-damaraland e esses outros quatro tipos de insetos como exemplo? A resposta é complicada e inquietante, mas vamos a ela!

Dentre todas as espécies conhecidas na natureza planetária, pouquíssimas são capazes, como essas – pela codificação genética que possuem –, de edificar

vastas colônias para que seus membros vivam em sociedade, num sistema conectado e bastante complexo, no qual cada indivíduo tem uma função específica.

O detalhe é que todas essas sociedades possuem um membro “alfa”, que impera sobre a coletividade, recebe dos demais absolutamente tudo que precisa para viver e se reproduzir, e que tem a definição de todos no seu genoma pessoal, sendo os outros indivíduos tão somente operários, soldados, ou seja, servidores em geral, e para seu acasalamento, enfim, “ferramentas” cuja genética os obriga a obedecerem cegamente a essa “rainha”⁵.

Nem mesmo espécies aparentemente mais complexas do que as dos insetos, inclusive de mamíferos – como baleias, golfinhos, leões, cães, macacos e outros –, com exceção dos ratos-topeiras-pelados e os ratos-topeiras-de-damaraland, conseguem tal proeza.

A “maior metrópole” já descoberta na Terra⁶ foi construída por formigas de nacionalidade argentina, que invadiram a Europa e lá se estabeleceram como “donas do continente” perante as demais espécies de formigas que antes dominaram aquela parte exterior da crosta terrestre.

Para bem citar as referências sobre o assunto, reproduzo abaixo o que foi noticiado pelo jornal português “*Público*”, no seu caderno sobre *Ciências*:

“As formigas da Argentina passeiam-se, insistentemente, pelas nossas casas. Já todos as vimos, num momento ou outro, pois é muito difícil vermo-nos livres delas: são aqueles seres castanho-claro minúsculos, até três milímetros de comprimento, que andam em carreirinhos por cima do lava-loiças. Nem sempre andaram por cá, porque esta espécie só chegou à Europa há cerca de cem anos. Mas hoje constituem a maior supercolónia de formigas conhecida no mundo: estende-se desde o Norte de Itália, passando pela costa Sul de França e por toda a costa mediterrânica de Espanha, até chegar a Portugal e, contornando todo o litoral português, atinge a Galiza. A descoberta desta supercolónia de formigas da Argentina — ou “Linepithema humile”, como é o nome científico desta espécie — é relatada na última edição da revista norte-americana “Proceedings of the National Academy of Sciences”. É a maior unidade cooperativa destes insectos sociais alguma vez notificada, diz a equipa de cientistas suíços, franceses e dinamarqueses. Ao longo deste gigantesco carreiro de seis mil quilómetros, as formigas da Argentina construíram milhões de formigueiros. Ser uma supercolónia significa que biliões e biliões de formigas, de diferentes formigueiros, podem misturar-se livremente, sem agressividade. A formiga da Argentina é originária da América do Sul, vivendo, além daquele país, no Chile, Brasil e noutros países ali à volta. Os navios levaram-na a dar a volta ao

mundo, no final do século XIX, e agora até está na Austrália, por exemplo. “Em Portugal, tem mais de cem anos. Um estudo de 1955 diz que está cá desde 1890, mas não se sabe bem”, conta ao PÚBLICO a engenheira do ambiente Evelyne Rodrigues, aluna de doutoramento na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. “Provavelmente, veio para Portugal de São Tomé em navios que transportavam especiarias e outros carregamentos, como bananas. Para lá, foi em navios que vinham da América do Sul”, acrescenta.”

A questão que se impõe para reflexão é a do porquê essas pouquíssimas espécies, dentre os muitos entes irracionais da natureza terrestre, possuem a habilidade de agir como uma grande equipe coordenada por uma inteligência central, e são capazes de produzir obras coletivas bastante complexas, mas sempre ancoradas no sentido de beneficiar “um” indivíduo, em detrimento dos demais.

Todas as espécies de seres biológicos que vemos na Terra surgiram a partir da “molécula-mãe” que apareceu por aqui há cerca de 3,8 bilhões de anos, ou seja, veio com ela o código-fonte definidor de vida – “CFD” ou, no caso dos seres vivos terrestres, “DNA” –, inclusive dessas espécies que possuem essa estranha característica.

Cientistas como Francis Crick⁷, ganhador do Prêmio Nobel de Biologia, por ter sido um dos descobridores das hélices espiraladas, presentes na genética humana e em todas as demais que compõem a vida biológica terrestre, defendia a ideia de que essa “molécula-mãe” não havia surgido espontaneamente na Terra, nem muito menos teria vindo para cá no interior de um cometa ou outro bólido celeste qualquer. Defendia, corajosamente, que ela havia sido trazida ou enviada para o nosso planeta num artefato hermeticamente fechado.

5ª Constatação:

Segundo as notícias de um “circuito cósmico”, ainda desconhecido para o atual nível do conhecimento humano, que ignora tudo o que existe além do limite traçado pela dita prudência científica – e o panorama exterior não é tão belo assim –, os tais “Anjos” do Criador (conhecido como “Brahma”, “Javé” ou “Alá”) foram os “Arquitetos” que, cumprindo as ordens dele, promoveram diversas “levas de sementeira” do seu código-fonte pessoal, em alguns mundos propícios à aventura da vida, numa tentativa algo desesperada de produzir espécies diversas, para ver no que viria a dar.

Portanto, em sendo verdade esse aspecto da desconhecida História Universal, que explicaria o que a ciência terrestre admite como certo, que é o aparecimento da “molécula-mãe” na Terra, há 3,8 bilhões de anos, mas não sabe como ou o quê a produziu, não seria mesmo estranho se **o próprio “modelo colmeia” de funcionamento dos tais “Anjos-arquitetos” com o seu Comandante, fosse a**

face do que terminaria aparecendo por aqui, e também em outros planetas – como aconteceu, segundo o que informam as “fofocas cósmicas” advindas do tal “circuito”.

Essas “fofocas” já foram e continuam sendo escutadas por muitos cientistas geniais, como Nicola Tesla, que tinha inclusive a ousadia disso afirmar, independente do que pensassem os seus pares. Infelizmente, porém, as sequências genéticas referentes à honestidade e aos princípios nobres, parecem não estar disponíveis para toda a humanidade, pois existe sempre um “preço” a ser pago, sendo “mais barato” viver conforme os ditames da conformidade e da conveniência do momento.

O espantoso é que as tais “fofocas cósmicas” dizem muito mais, ainda que essas notícias necessariamente precisem ser vistas com prudência, pois não se deve dar como sabido o que ainda se pretende descobrir e, no caso, o que aqui vou ressaltar, carece, sim, de confirmação da parte das gerações futuras da humanidade. Ou seja, tais revelações indicam que enquanto o “jogo bioquímico” somente conseguiu produzir insetos eussociais na natureza terrena, que são espécies irracionais vivendo em sociedades altamente organizadas, em outros mundos, elas evoluíram, e algumas despertaram para os padrões mínimos do que entendemos por racionalidade – como espécies extraterrestres insectoides, com capacidade técnica avançada para construir naves espaciais, mas que apresentam um comportamento “automatizado”. Nada ainda parecido com os padrões que possuímos na natureza humana! Assim, esses extraterrestres vivem com um “grau limitado” – algo “robotizado” – de conduta, nos moldes a que cada “colmeia” pode almejar, conforme **os ditames da “Abelha-rainha Universal”, a qual chamamos de “Criador”**.

No caso terrestre, do mesmo modo que as abelhas e vespas eussociais, cupins e formigas, a espécie humana também pertence a esse “clube restrito” capaz de elaborar construções suntuosas, como é o caso de uma metrópole ou megalópole, e nisso reside um mistério ainda por ser descoberto pelos cientistas que estudam o “jogo dos genes” que, para o conhecimento atual, parecem “adormecidos” – o chamado “DNA-lixo” –, pelo menos, em relação ao sentido do organismo biológico poder produzir as proteínas que parecem definir a formatação de cada espécie biológica.

Por que funcionamos, no sentido comunitário, em moldes parecidos com os dos ratos-toupeiras-pelados, ratos-toupeiras-de-damaraland, formigas, cupins e vespas e abelhas eussociais? Por que as demais espécies da natureza terrestre não logram realizar o que as desses tipos de seres conseguem produzir?

Será que temos uma relação direta com esse padrão de espécies do jeito que, lá na sua gênese, funciona exatamente como o “fator colmeia”, existente entre

Javé e seus anjos-clones robotizados?

Geneticamente, estamos tão perto ou tão longe das abelhas, vespas, cupins, formigas, ratos-toupeiras-pelados e ratos-toupeiras-de-damaraland quanto das demais espécies da natureza, à exceção daquelas que se aparentam em grau mais próximo na árvore genealógica da humanidade, como os chipanzés.

Para complicar mais um pouquinho, observemos uma singela questão, antes de seguirmos adiante com as nossas reflexões: se o sistema que rege a coexistência altamente organizada de abelhas e vespas eussociais, e de cupins, formigas, ratos-toupeiras-pelados e ratos-toupeiras-de-damaraland fosse democrático, e não determinado geneticamente, seriam possíveis tais construções da parte dessas espécies? Parece que a resposta é um sonoro “não”!

6ª Constatação:

A “Ordem da Colmeia” – ou seja, Javé e seus “Anjos-Arquitetos” – não gosta da democracia, uma vez que esta implicaria ou poderia implicar desordem, pois o que funciona em espécies irracionais “robotizadas”, deste universo material, é o mesmo “jogo” que se pode perceber entre a “ordem” e o “caos”, os dois únicos padrões que os habitantes do universo paralelo ao nosso conhecem, e deles se utilizam para viver.

Os humanos são um ponto fora da curva da “árvore genealógica de controle geneticamente robotizado” desde que Pandora e Eva agiram, em épocas separadas por quase 25 mil anos, segundo as revelações que nos foram ofertadas sobre as páginas mitológicas, que nada têm de lendárias – apenas compõem um passado desconhecido!

Nós somos livres, e podemos decidir agir em equipe, para realizarmos um objetivo comum. Javé e toda a sua Hierarquia, porém, morrem de medo só de pensar que o “mel” que eles precisam para manter as suas vidas, vai ter que ser produzido por humanos livres que, ao descobrirem a verdade, que nem ele próprio sabia, podem não gostar da “pílula vermelha” – uma alusão à trilogia cinematográfica “Matrix” –, e com ela se engasgarem, resolvendo cobrar o preço pelo passado escravocrata e desleal, quando, ingenuamente, foram levados a pensar que estavam sendo cuidados por um “Deus” justo e bondoso.

7ª Constatação:

Eis o problema da realidade: mais cedo ou mais tarde, ela sempre cobra seu preço por meio dos choques que provoca ao se mostrar em toda sua plenitude.

E não nos iludamos, como foi o caso da ingênua pretensão dos autoaclamados “Deuses da *Trimurti* hindu” – Brahma, Vishnu e Shiva –, que tomaram um susto indescritível ao perceberem que estiveram enganados por cerca de 13 bilhões de anos em relação à noção que construíram sobre o que

pensavam ser a realidade. A questão é que, sempre que possível, a realidade mostra a sua face, ou seja, o estado natural do que existe nesta Criação “indevida”! Em cada uma das etapas evolutivas destes dois universos, meio que interacoplados energeticamente, o que chamamos **“CHOQUE DE REALIDADE”** parece ser o fator comum do progresso dos seus habitantes. Entretanto, o problema é quando as “camuflagens” iludem e impedem a visão das coisas como elas realmente são – mas os “choques de realidade” fazem com que esses “véus” se desfaçam, para que possa existir evolução.

Sob essa ótica, **as religiões e todos os avatares terão mesmo que, um dia, pedir desculpas aos seres humanos.**

Se o plano sempre foi o de uma “Abelha-rainha Universal” reinar e o resto das criaturas servirem apenas para cumprir o papel de “súditos”, a estratégia parece não ter dado certo ou, se deu, foi tão somente até o surgimento dos terráqueos pensantes, ainda que, desde a chamada “Rebelião de Lúcifer”, um enigmático e estranho **“processo de inconformismo”** parece ter tido início.

Nem mesmo o irresponsável e criminoso uso indevido do epíteto “Deus” conseguiu enganar a todos, por toda a eternidade. Não! Só quase todos, e por algum tempo: o equívoco durou aproximadamente esses 13,8 bilhões de anos, que corresponde à idade da Criação Universal. Doravante, porém, tanto o “enredo” como o “roteiro” da História Universal precisarão ser modificados, e parece que não será mais a “Rainha” – refiro-me a Javé – que “dará as cartas” para a construção do futuro que nos espera a todos.

Esse Ser se esgotou e quase implodiu pelo acúmulo de “doenças” e do mau uso da sua expressão mental. A sua “Criação-colmeia” não produziu o “mel” necessário para manter os seus habitantes, notadamente os do universo vizinho, que residem nas incontáveis “moradas”, que por lá existem.

Em outras palavras, a “Abelha-rainha” falhou profundamente na construção da “Colmeia” que tentou criar. Incapaz de corrigir o rumo desta, reordenando os “processos criativos”, sempre foi contrário a que as suas “criaturas-ferramentas” assumissem o comando do seu “projeto de sobrevivência”. Contudo, parece não existir mesmo outra solução!

2

A “Colmeia do Éden”

A vida de uma colmeia sempre me chamou a atenção desde os tempos que eu me escondia com o objetivo de “escapar” das “vacinações obrigatórias” do colégio Marista, quando procurava, feito um camaleão, disfarçar-me no meio do mato que rodeava a atividade apicultora de um dos irmãos da congregação na qual vivi toda a minha trajetória de estudante.

Numa cumplicidade que funcionou por algum tempo, saí daquelas fugas sem saber se as picadas das injeções doíam mais do que a possibilidade de ser ferroadado pelas abelhas, pois que, certa vez, pego em falta, terminei sendo o primeiro dos alunos a receber a tal injeção no braço, cuja dor disfarcei o que pude perante os colegas. Talvez, com pena, as abelhas me permitiram crescer e viver sem conhecer o ferrão das mesmas.

Não imaginava que, um dia, teria que cruzar com uma “Abelha Metida à Rainha”, ainda que, de majestade, ela nada tivesse, sendo duvidosa também a sua intenção para com seus súditos terrenos. Dela, sim, conheci o “ferrão”, quando a mesma, na sua **deplorável situação existencial** enquanto entidade, decide punir os humanos que não a obedecem.

Antes disso, porém ainda na juventude, sempre procurava, nas enciclopédias da vida estudantil, estudar sobre o sentido da colmeia, do porquê existirem abelhas servis e uma “metida à besta”, que mandava nas demais.

Para meu espanto, evoluindo nos estudos, fui percebendo a história do “macho alfa” em determinadas espécies, além de descobrir que, dentre outros seres da fauna terrestre, existiam “rainhas” (fêmeas “alfa”) e até “reis” – como é o caso do rei-cupim.

Será que isso, que percebi, constituía a mais significativa evidência de que a natureza biológica estava obrigada a copiar um sistema ditatorial do império do mais forte, geneticamente programado para ser o que manda, enquanto os demais membros da espécie eram simples criaturas trabalhadoras, destinadas, pelos ditames dos seus genes, simplesmente a obedecerem e a servirem, sem

possuírem conveniência de qualquer ordem, inclusive sendo impelidas a darem as suas vidas em sacrifício pela “rainha” ou pelo “rei”?

Por que a natureza é detentora, em todos os conjuntos de códigos genéticos que geram a vida, de um sistema tão cruel para produzir seres predadores e outros mansos e inofensivos, no qual esses últimos foram “amorosamente gerados no âmbito de Obra perfeita” – como afirmam equivocadamente os religiosos – para servirem de comida aos primeiros?

Se a vida surgiu no maravilhoso “Jardim do Éden”, que classe de “laboratório” seria esse lugar, então, pois que todas as expressões de vida que dele saíram, o fizeram absolutamente devotadas ou desgraçadamente submetidas à violência? Ou esse planeta todo seria um “grande laboratório”, no qual uma “molécula-mãe” – com o código genético que está por trás da edificação de todos os seres vivos que se conhece por aqui –, foi “semeada” há cerca de 3 bilhões e 800 milhões de anos, já trazendo consigo a exata definição desse tipo de situação ditatorial, de um lado, e a de subserviência, do outro, para o que chamamos de “dívida da vida”?

Sob a perspectiva científica, a história dessa molécula de DNA – que apareceu na Terra (teoria da geração espontânea), ou que foi trazida, enviada para o planeta, seja por meio de um bólido celeste (teoria da panspermia balística) ou mesmo de um artefato (teoria da panspermia dirigida) –, deveria responder a mais enigmática das questões sobre o surgimento da vida. Entretanto, os cientistas dessa área jamais se entenderam sobre a questão, e sempre foram superficiais nas suas análises conclusivas, a exceção do já citado cientista Francis Crick, conforme posso avaliar.

Sempre faltou coragem aos cientistas do meu tempo para observarem a questão de frente, de maneira imparcial, como fez Crick, ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1962, com James Watson e Maurice Wilkins.

Crick teve a honesta ousadia de reconhecer que, conforme o volume acumulado das informações da época, a presunção de que a “molécula-mãe” – surgida na Terra – tenha sido gerada espontaneamente, era uma espécie de absurdo lógico, por uma série de motivos. Um deles, dizia respeito ao fato de que, para que pudesse existir a síntese dos ácidos nucleicos, era necessária a existência das proteínas, só que, essas últimas não podem existir sem os primeiros.

Isso parece ser uma outra face do “velho problema do ovo e da galinha”, só que bem mais considerável, porque, para Crick, em termos de lógica e de racionalidade, aquele modelo de molécula que deu origem à vida terrestre, somente poderia ter-se originado em um ambiente planetário onde existisse algum tipo de mineral ou de composto que substituísse a função das enzimas, e

que, de lá, essa molécula fosse exportada por um processo deliberado, promovido por alguma sociedade extraterrestre.

Muitos anos depois, foi descoberto que o RNA (ácido ribonucleico) poderia atuar como enzima no “jogo” da produção proteica, substituindo essas últimas no processo de produção da vida, o que, aparentemente, enfraqueceu a teoria da panspermia dirigida, de Crick, e voltou a reforçar a teoria da geração espontânea, que nem mesmo foi comprovada em laboratório – ainda que alguns defendam que já. Assim, o mistério permanece em aberto, apesar de que o dogma científico afirme que essa questão já se encontra resolvida. Contudo, jamais o foi!

Imitando, com maior “grau de cretinice” do que aquele que se costumava aplicar aos dogmas religiosos, o academicismo assim age para fugir, se afastar de qualquer opção racional que possa apontar para o “fator extraterrestre”, do mesmo modo que algumas pessoas acreditam que o crucifixo repele o demônio.

Apesar das novas descobertas relativas ao RNA, Crick nunca considerou a questão como fechada e, corajosamente, defendia seu ponto de vista, o qual, observando todos os elementos e indícios disponíveis do contexto cósmico e terreno, a Terra se enquadrava muito bem na categoria de um “planeta reserva florestal” de uma civilização extraterrestre. Ou seja, **um “Jardim do Éden”, produzido por inteligências não terráqueas.**

Jamais teve lugar uma repercussão como a que se deu sobre o fato de um ganhador de Prêmio Nobel ter a coragem e a honestidade de princípios em se expor, colocando-se em risco ao defender a busca pela verdade de modo destemido, livre e não corrompido por interesse de verbas de pesquisa e, mais ainda, sem receio de afrontar os dogmas do *establishment* científico, que naturalmente se esperaria – e a reação de alguns cientistas foi algo muito enigmático e mesmo pouco elegante, conforme meus próprios critérios de análise.

O surgimento, em 1968, do livro “*A Dupla Hélice*”, de autoria de James Watson – um dos ganhadores do Prêmio Nobel, junto com Crick –, cujo subtítulo é “*Como Descobri a Estrutura do DNA*”, foi, no mínimo, uma tentativa de engrandecimento da atuação do autor, em detrimento da do seu parceiro Crick. Em 1953, quando Watson estava com 24 anos, eles publicaram o trabalho sobre a decifração da estrutura do DNA, que foi merecedor do Nobel de 1962.

De maneira espantosa, esse livro foi vendido exatamente pelo seu lado sórdido, ainda que saudado pela imprensa e cientistas importantes da época por ser uma grande contribuição sobre as descrições do modo como as descobertas científicas se processam.

Peço permissão e paciência da parte de quem porventura vier a passar os olhos por estas páginas, mas julgo importante reproduzir, em primeiro lugar, o

que se encontra escrito na contracapa do referido livro, para promover a sua venda:

“Em 1953, Francis Crick e o jovem James D. Watson, na época com apenas 24 anos, revolucionaram a química ao decifrar a estrutura do DNA. A descoberta foi um divisor de águas não apenas na área científica, mas também para a compreensão da própria base da vida, e valeu aos dois o Premio Nobel.

No entanto, por trás da fama há uma história de rivalidade, ambição e controvérsia. Com talento narrativo irresistível, Watson reconta de forma direta, irônica e muitas vezes ácida o nascimento da ideia revolucionária, os esforços, dúvidas, dilemas, a luta repleta de tensão para cruzar a linha de chegada na frente dos adversários – e o triunfo final.”

Existia, de fato, uma natural competição entre o grupo chefiado por Crick e um outro, no qual se encontrava o já famoso cientista Linus Pauling, pois que ambos procuravam oferecer uma solução cientificamente aceitável para a questão. Contudo, o que o livro apresenta é a parte “podre” da equipe que trabalhou com Crick. Em outras palavras, e sendo generoso, revela tão somente uma versão de uma história cheia de perspectivas distintas.

Podemos ver como a busca pela compreensão da verdade é complexa, porque mesmo pessoas dessa categoria – cientistas –, no campo da inteligência, demonstram quão pouco possuem em termos de estatura moral em relação as suas posturas e atitudes.

James Watson resolveu, na altura dos seus 35 anos, escrever a respeito de como havia sido a história dos bastidores daquela descoberta, e deu ao manuscrito, que veio a se tornar o referido livro, o título original de *“Honest Jim”*.

Na apresentação à edição brasileira, Fernando Reinach, no ano de 2013, diz que:

“Livros em que cientistas famosos, com egos enormes, relatam suas descobertas dificilmente são page turners (livros excitantes). Uma das poucas exceções é a Dupla Hélice.

O que se passou durante os meses em que a estrutura do DNA foi decifrada lembra um romance de suspense. As aventuras amorosas, as intrigas, a concorrência entre os diversos grupos e a personalidade dos envolvidos estão em cada página. E se misturam à ciência que estava sendo criada.

Você não vai encontrar um assassinato, mas os outros elementos de um romance policial estão presentes. É assim que é feita a ciência no mundo real, por pessoas semelhantes ao resto da humanidade. É difícil parar de ler.

Foi esta descrição realística do que ocorreu naqueles meses que tornou o livro um grande best seller. Muitos dos protagonistas ficaram indignados como

“Honest Jim”. Alguns tentaram convencer Watson a desistir do projeto. Mas do alto da estrutura do DNA e com o prestígio de um ganhador do Prêmio Nobel, o jovem Watson resistiu. O resultado é a primeira descrição indiscreta de uma grande descoberta científica. E nós devemos agradecer.”

Sempre me impressionou como as pessoas adoram quando a verdade alheia vem à tona. O pior é que, muitas vezes, sequer é a verdade, mas tão somente a narrativa de uma das partes que, por honesta que possa ser, ainda assim, pode conter equívocos interpretativos, além de outras imprecisões e parcialidades. Mais esquisito ainda se torna quando, no final, o narrador é o “herói” e os demais, os “vilões” ou, no mínimo, os “comuns”. Entretanto, o aspecto mais abjeto de contextos desse tipo – e que são tidos como normal – é desejar que a verdade alheia apareça, mas nunca a nossa.

Assim, o livro de James Watson foi saudado por muitos e criticado por outros tantos. Sinceramente, não sei se os que o aclamaram como grande livro, não “iam lá muito com a cara” de Crick, pelo seu temperamento expansivo e mesmo pela sua ousadia de utilizar o contexto extraterrestre como ponto de apoio para a busca científica e da compreensão da verdade. Em outras palavras, Crick não agradou a muitos pelo fato dele ser um cientista desassustado em relação ao tema “vida extraterrestre”, proibido pelo academicismo, que criticava seus pares pela sua simples menção. Também, não sei se os que criticaram esse livro apenas se sentiram traídos, ou se viram algo mais do que estava à vista, como algum interesse do *establishment* científico, talvez motivado para mostrar respeito aos órgãos e institutos – ou até mesmo por imposição desses – que financiavam as pesquisas, e que sempre desqualificaram qualquer pessoa que ouse falar sobre o tal tema proibido, relativo à “vida lá fora”.

Além do que, Crick conseguiu, ao longo da sua vida, desagradar também a filósofos e neurocientistas ao publicar livros como *“The Astonishing Hypothesis: The Scientific Search for the Soul”* (*“A Hipótese Espantosa: A Busca Científica da Alma”*), dentre outros. Ou seja, ele falou de **extraterrestres**, da **alma**, além de uni-la à **busca da consciência**, dentre outros temas proibidos.

Tenho pesquisado, ao longo da vida, para deduzir quantos cientistas, premiados com o Nobel, se expuseram como Crick o fez na busca desassustada e honesta da verdade.

Watson, com seu estranho *“Honest Jim”*, cujo título passou a ser *“A Dupla Hélice”*, talvez tenha nos ajudado a compreender a trágica comédia em que se transformou a busca pela compreensão do “Divino”, do “Sagrado”, enfim, da “Verdade”, caso nela, efetivamente, se encontre algo de realmente divino.

Triste “comédia” esta, a da humanidade, na sua lenta e penosa ascensão forçada pela inescapável vontade de viver, que faz com que o ser humano seja

um incansável participante da “corrida de obstáculos entre o berço e a cova”, chamada “vida”. Enquanto isso, os “Deuses”, as ditas “Abelhas-rainhas”, deveriam agradecer, mas não o fazem. Muito pelo contrário: constroem e ultrajam as suas “criaturas-ferramentas” desavisadas!

Desconhecendo esse aspecto, mas curiosamente chamando a “corrida de obstáculos” do ser humano de “comédia”, seja essa empreendida no “inferno”, no “purgatório” ou no “paraíso”, conforme descrito na sua obra “*A Divina Comédia*”, Dante Alighieri¹ se autopersonifica como o protagonista do bem, e que se fez acompanhar, no “inferno”, do grande poeta Virgílio – da antiguidade romana, ao tempo de Júlio César –, que simboliza a razão, e de Beatriz, no “céu”, a sua paixão platônica, que incorpora a fé, compondo, assim, um poema épico o qual, segundo os críticos, foi considerado uma das obras-primas da humanidade.

Muito de mistério deve existir em torno do psiquismo de Dante Alighieri para ele ter chamado a jornada do “eu” humano – seja enfrentando os painéis da vida, como também os do além dessa – de “comédia”.

Afinal, qual o conceito de “comédia”?

Na sua definição mais simples, é o que é engraçado, o que faz rir.

Será que foi esse exatamente o conceito que Dante pretendeu dar ao seu poema, ao intitulá-lo de “*Comédia*”?

Seu poema é, basicamente, a história da conversão de um pecador ao caminho de Deus. Todos os seus versos proclamam a necessidade de se seguir o caminho do bem e da ética cristã.

Dante Alighieri escreveu a sua “*Comédia*” no início no século XIV, a qual, merecidamente, recebeu o título de “Divina” cerca de 34 anos após a morte do seu autor e, como ressaltou o papa Bento XV: “*a Divina Comédia não visava a outro fim senão a glorificar a justiça e a providência de Deus*”.

De minha parte, porém, estou sendo obrigado a criticar e a ressaltar exatamente a “Abelha-rainha”, o “Deus” que, de boa crença, Dante enalteceu.

Que Dante me perdoe a usurpação que fiz de parte do sentido do título da sua obra, mas **o aspecto tragicômico de como as religiões vigentes enxergam a função do “pecaminoso ser humano”, e o que ele precisa fazer para se “salvar”, ainda que não se saiba muito bem o porquê, nem de quê. Haja comédia e ironia: os seres humanos são aqueles estão “salvando” as “Abelhas-mestras”, que sempre se venderam como “deuses”.**

A noção condicionada que temos sobre o contexto em que vivemos, com a peja de “pecador”, desgraçadamente estabelecida na testa, é realmente escárnio indescritível para com a verdade dos fatos!

Edward Wilson², biólogo estadunidense, autor do livro “*Sociobiology: The New Synthesis*” (1975), com o qual introduziu um novo campo científico que estuda as sociedades dos insetos, oferece-nos, também, reflexões muito importantes sobre o “planeta-laboratório”, ou seja, sobre o “Jardim do Éden” chamado “Terra”.

Em seu novo livro, “***A Conquista Social da Terra***”, Wilson afirma que nem a “seleção individual” nem a “seleção de grupo” se aplicam ao ser humano. Em seu lugar, ele propõe uma nova teoria, a “seleção multinível”, uma combinação das “seleções individual e de grupo”.

A “**seleção multinível**” é o principal motor da evolução humana. Ela é o produto do conflito entre as escolhas egoístas da “seleção individual” e as escolhas altruístas da “seleção de grupo”.

Isso porque a condição humana é produto da história, não apenas dos últimos 6 mil anos, mas de milhares de milênios. Por exemplo, cerca de 2 milhões de anos atrás, na África, nossos ancestrais do gênero *Australopithecus* tinham uma dieta vegetariana. Aos poucos, como comprovaram os paleontólogos, aqueles primatas foram tomando gosto pelo consumo de carne. A transição de uma dieta vegetariana para outra carnívora não poderia ocorrer em bandos de caçadores que fossem sedentários, como acontece com os chimpanzés da atualidade. Seria mais eficiente manter um acampamento em que as mulheres pudessem tomar conta das crianças e mandar caçadores atrás da caça, para alimentar o grupo. Apesar dessa divisão de tarefas, nem todos os caçadores nem todas as mulheres poderiam conquistar o direito de se acasalam, terem filhos e transmitir seus genes. Mesmo assim, todos continuavam contribuindo para a sobrevivência do bando.

Segundo o mecanismo da “seleção natural”, de Charles Darwin, a evolução das espécies se processa quando os indivíduos com características vantajosas à sobrevivência da espécie se acasalam e transmitem tais atributos às gerações futuras. Essa é a “**seleção individual**”, que ocorre no âmbito do indivíduo. **Ela não se aplica às formigas**, pois, entre elas, o que atua é a “seleção de grupo”.

As formigas-operárias não se acasalam, logo não transmitem seus genes. A única fêmea que reproduz é a formiga-rainha. Ela é “mãe” de todas as formigas e transmite seus genes a todo o formigueiro. Segundo a “seleção de grupo”, às operárias não importa que jamais reproduzam nem transmitam genes. Elas evoluíram para contribuir para a sobrevivência do formigueiro.

Edward Wilson afirma que o conflito entre altruísmo e egoísmo é o que define a condição humana. A “seleção individual” tende a promover o egoísmo e o interesse individual dentro do grupo, inclusive o familiar, enquanto a “seleção

de grupo” promove as características – entre elas, está a moral, o altruísmo, a coragem, a fidelidade e a lealdade – que fazem a coletividade prevalecer.

A “seleção natural” do ser humano é resultado da tensão constante entre esses dois fatores. A “seleção individual” é responsável pela maioria das coisas que definimos como “pecado” entre os seres humanos. **A “seleção de grupo” é responsável por nossas virtudes. A generosidade, que originalmente se sobrepôs a nossos instintos egoístas mais primitivos, foi o principal ingrediente da evolução humana.**

Nesse ponto, convido o(a) leitor(a) a se questionar sobre a seguinte questão: se **Adão e Eva tivessem permanecido no Éden**, ou seja, se os nossos ancestrais continuassem “robotizados” e sob o controle do Criador e dos seus anjos, a generosidade, o altruísmo, o bom humor, o sorriso e a capacidade de amar, que agora se percebe na natureza humana, teria existido?

No prólogo do seu livro “O Código Básico do Universo”³, do Dr. Massimo Citro, o autor nos lega uma reflexão sobre um *insight* acerca da presença dos humanos no “Jardim do Éden”:

“Prólogo – O outro lado das coisas.

Foi somente alguns minutos antes de morrer que Jeremiah Johansohn finalmente compreendeu o que havia acontecido com os humanos depois que Deus os expulsou do Jardim do Éden. Seu insight foi resultado do método de indagação a que ele obedecera, como uma lei, durante toda a vida. Ele o chamou de “o jogo da margem do rio”. Ele havia pressentido esse jogo pela primeira vez muito tempo antes, quando o propósito da vida parecia claro, mesmo que apenas como um reflexo. Foi durante a tarde de um dia de usar roupas novas – talvez para a comunhão, que, delirante de felicidade por ter marcado um gol num treino do time infantil, ele abraçou a castanheira do jardim de seus avós. Enquanto a envolvia com os braços, sentiu uma vibração transmitida através do tronco e, olhando para cima, viu as extremidades finas dos galhos movendo-se, como se fossem sopradas pelo vento, mas não havia vento. Ele não fugiu correndo, mas este primeiro encontro deixou uma marca em sua memória e em sua alma.

Nos anos que se seguiram, ele focou seu interesse dentro dos campos da ciência e da biologia e, à época de sua graduação, já estava bem familiarizado com o mundo da farmacologia. Para ele, a questão que o intrigava não era tanto o que os seres humanos, ou qual poderia ser nosso destino, mas sim por quê? Por que as coisas são naturais e os humanos não? Por que os animais são naturais e os humanos não? Por que a criação é tão perfeita e os humanos não? Foi em resposta a essa última questão que Jeremiah escreveu em seu livro de laboratório de uma forma clara e decidida: “Por que a humanidade perdeu

algo, algo que o Criador vê, mas nós não vemos? Será que a expulsão do paraíso foi a perda da percepção da parte mais importante das coisas? Cada elemento da criação vive um estado de consciência eterno e está intrinsecamente acabado e completo. Naquele reino das coisas desconhecidas, a morte não existe. Com essa percepção, não há necessidade de indagação, como acontece com um filme visto muitas vezes. Somente os humanos são cegos dentre a criação, humanos que de todo e qualquer ângulo clamam por uma explicação para o filme.”

Será que perdemos algo? – pergunto.

Será que não foi exatamente o contrário? Penso que sim! Alguém ou alguns perderam o controle que exerciam sobre uma determinada tribo ou agrupamento humano, e jamais essa história foi efetivamente contada com suas cores reais.

Querer decifrar uma explicação para uma realidade cheia de “feridas” e de problemas, parece ser algo que, somente quem deixou o “paraíso da robotização”, da “pílula azul” – referência à trilogia cinematográfica “*Matrix*” –, da “crença infantilizada, feita verdade”, pode ter olhos e razão crítica para compreender o “filme visto muitas vezes”, que faz do ser humano, além de um mero expectador, um ator de undécima hora, pelo fato dele ter surgido para a vida muito recentemente na história do universo, ou seja, na linha do tempo universal.

Quando se estuda os padrões da **evolução da inteligência**, os cientistas partem da premissa de que, um intelecto razoavelmente avançado, ostenta um estágio considerável de autoconsciência, o que lhe permite se reconhecer no espelho. Isso não quer dizer que os que tal não conseguem, não possuam graus de destreza para outros fins, como é o caso de espécies de abelhas, vespas, formigas e cupins. Partindo-se dessa perspectiva, poucas foram as espécies que conseguiram evoluir no âmbito da natureza terrestre.

8ª Constatação:

Chimpanzés, orangotangos, gorilas, elefantes, golfinhos, orcas e uma ave europeia chamada “pegas”, são exemplos de animais irracionais que se reconhecem como “indivíduos”. Contudo, jamais foram adiante no sentido evolutivo de formar grupos complexos.

Um ponto comum entre essas espécies é que os seus membros são sociais, mas não no mesmo sentido do que, em outras, também se considera como sendo altamente sociais, que é o caso do rato-toupeira-pelado, do rato-toupeira-de-damaraland, e das espécies de formigas, cupins e abelhas e vespas eussociais, ainda que seus membros se organizem em **colônias totalitárias, com divisão específica de trabalho e de funções.**

Nessas espécies, **um único indivíduo fêmea** – a abelha-rainha, no caso das

colmeias – **tem direitos reprodutivos e mantém, sob sua submissão, tudo o mais que concerne à vida dos outros moradores da colônia, ou seja, da colmeia, do formigueiro ou do cupinzeiro, por exemplo.**

O que isso tem a ver com o tema central deste livro?

Obviamente, esse **“indivíduo alfa”** será sempre a **representação emblemática do jeito de ser do Criador “caído”, enquanto os demais são as suas “criaturas-ferramentas”, operários escravizados ao jugo das suas necessidades** que, eufemisticamente, ele costuma chamar de **desígnios**.

Traçar uma analogia entre o convívio da abelha-rainha e as demais abelhas-operárias com o relacionamento de Javé e os anjos-clones, não seria um disparate, nem muito menos um despropósito. Muito ao contrário: tem tudo a ver! E é por isso que tanto a evidencio. Contudo, ainda não será esse o painel principal abordado neste ponto da análise.

Ressaltarei, tão somente, que existiam espécies intermediárias entre o gênero demo (seres que habitam o já referido universo vizinho, antimaterial) e o homo (humanos do universo biológico), sendo que estes últimos estavam mais destinados a se tornarem um tipo de criatura que não se reconheceria perante um espelho, e que seriam **adestrados à obediência por meio da dura disciplina advinda das ordens de um “Demônio-rei” ou “Demônio-rainha”,** que dominava por completo a vida dos seus anjos-clones.

Ao que tudo indica, essa era a destinação dos humanos do “Jardim do Éden”.

As futuras gerações humanas terrestres, inevitavelmente, terão que constatar esse aspecto óbvio, que bem traduz os estranhos painéis da nossa ancestralidade.

3

A “Colmeia Universal” e Seus Dois “Grandes Favos”

A “verdade” que nos serve de gênese, e que nos envolve, parece não caber no âmbito da “compreensão do academicismo” e, por isso, foi jogada para o campo das lendas e mitologias por esses pretensos “donos” do conhecimento. Ainda assim, de lá, ela parece começar a assustar os “cegos por opção”, que preferem não observar os enigmáticos registros e as inexplicáveis cidades submersas e as construções megalíticas ainda expostas, referentes a um tempo passado, situado além da “história acadêmica”.

Nós, os humanos, não percebemos que evoluímos por caminhos tortuosos e, muitas vezes, inglórios ou mesmo irônicos.

O maior gênio da nossa espécie, que a opinião abalizada dos cientistas costuma apontar, é Albert Einstein¹, com o que concordo. Entretanto, reside um mistério, pelo menos para mim, como Einstein pôde estar equivocado em relação a certas questões científicas – ao afirmar que o universo era estático e que “Deus não joga dados”, ao não compreender ou não gostar do enunciado de Bohr sobre a Física Quântica, num primeiro momento, e ao formular e anunciar a sua constante cosmológica como meio de justificar as suas argumentações, reconhecendo, mais tarde, que aquele foi o seu maior equívoco –, e, ainda assim, ter sido o maior revolucionário no modo como a razão humana observa o espaço-tempo universal, atualmente.

Muitas coisas que, agora, são tidas como verdadeiras, doía em Einstein aceitar que o pudessem ser, como o caso da interconectividade não-local, à qual ele mencionava com ironia, dizendo que se tratava do “efeito fantasmagórico à distância”.

Por que estou me referindo a esse aspecto?

Assim relato pelo fato de que, muitas das faces desagradáveis da provável verdade que a minha pequenez humana está sendo forçada a constatar e a apontar, obviamente, **nem de longe são vislumbradas**, nem mesmo pelo mais

brilhante cientista, como sendo possivelmente verídicas – ou seja, tenho sido obrigado a “engoli-las como reais”, ainda que nenhuma delas, na atualidade, seja minimamente compreendida pela ciência.

Uma delas foi e é a **estranha parceria existencial** que antes existia entre os agentes da vida de dois universos que coexistem paralelamente, sendo um de ordem material – o biológico no qual vivemos –, e o outro de ordem antimaterial, formado de plasma moldável, onde vivem seres que, no passado, foram tidos como “deuses”, “demônios”, “monstros”, “aberrações” e outros tipos de entes.

A Criação, com suas duas grandes faixas de realidades, trouxe consigo todas as características das mentes – refiro-me às Divindades Prabrajna, Mavatna e Savna – que sobre a mesma fizeram incidir as suas forças, na tentativa de transformar uma “queda” num “passo de dança”.

Wolfgang Smith², no seu livro magistral “O Enigma Quântico”, com uma clareza incomum, expõe um aspecto inerente à “incerteza de Heisenberg”³, que muito me ajudou a compreender um dos enigmas pertinentes a esta Criação “indevida”, cujo “Artista-mentor” da mesma, nela “caiu” e, por isso, não a pôde finalizar, restando, daí, efeitos entrópicos e outros “apodrecimentos” diversos, dentre os quais o fenômeno da morte como sendo expressão emblemática da incompetência na finalização do processo da geração da vida – ou uma espécie de página incompreensível de um trágico programa inacabado.

A não finalização do “Projeto da Criação” parece ter gerado, no seu processo, dentre outros aspectos, comportamentos que a ciência procura determinar com suas leis e, até que ela consegue, em alguns casos, descortinar algo, como a “estranheza” mencionada pelo “grande Einstein”, que foi o caso do “efeito fantasmagórico à distância”. Entretanto, aqui, vou me referir tão somente a um outro incômodo científico que é a questão da “indeterminação quântica” e o seu significado mais profundo que, pelo que pude compreender, permanece despercebido pela avaliação do intelecto humano.

“(...) o mundo microscópico – e, portanto, o universo físico como um todo – parece agir de forma estranha no sentido de não poder ser sentido nem imaginado, mas isso não significa que possua um tipo específico de “estranheza quântica”, uma estranheza à qual popularmente se associa um comportamento peculiar. Por exemplo, não é verdade de maneira alguma que o elétron seja às vezes uma partícula e às vezes uma onda, nem que ele consiga ser ambas ao mesmo tempo, nem tampouco que ele salte erraticamente de ponto para ponto, etc. Pois esse tipo de “estranheza quântica” se deve simplesmente a uma falha em conseguir distinguir entre um sistema microscópico como tal e seus

observáveis (o elétron, nesse caso, e sua posição, momento e outras variáveis dinâmicas). Com efeito, tratam-se essas últimas como atributos clássicos do elétron quando, na verdade, não são e nem poderiam ser. Ou para colocar de outra maneira: sem nenhuma razão, projetamos sobre o elétron os resultados de medições distintas que o perturbam e ele parece então combinar atributos que são logicamente incompatíveis e é aí, então, que o elétron parece ser ambas: partícula e onda, ou entrar num regime de “saltos”, os quais de fato desafiam a compreensão. Conclui-se que esse tipo de “estranheza quântica” resulta de um realismo acrítico e ilegítimo, um realismo que, na verdade, confunde o plano físico com o corpóreo (**comentário do autor: Wolfgang chama de “corpóreo” o que particularmente entendo ser o “plano quântico”, no qual a “matriz de modelar realidades, corpos e objetos” jaz disponível à atuação da consciência**).

(...)

Tem-se frequentemente dito que o mundo microscópico é indeterminista, baseando-se a afirmativa, ao que parece, no princípio da incerteza de Heisenberg (ou o que dá no mesmo, no fenômeno da indeterminação). Porém, falta saber se a incerteza (ou indeterminação) de Heisenberg implica o indeterminismo.

Para começar, deve-se notar que a incerteza de Heisenberg não se refere ao mundo microscópico ou ao universo físico como tal, mas ao resultado de medições e, portanto, a uma passagem desde o plano físico para o corpóreo. No território do próprio mundo microscópico, ao contrário, não existe uma coisa tal como a incerteza de Heisenberg. Não se pode dizer, por exemplo, que a posição ou o momento do elétron sejam incertos ou indeterminados, pela simples razão que um elétron – tomado em si mesmo – não possui posição (e tampouco média momento). No jargão técnico, ele é descrito por um vetor de estado, o qual, usualmente, não é um auto-vetor de nenhum desses observáveis.

(...)

A teoria quântica baseia-se no fato de que o vetor de estado (ou sistema físico) apesar de não determinar, em geral, o resultado de medições individuais, determina, não obstante, a distribuição estatística dos resultados possíveis. A par disso, por outro lado, não há nada “incerto” a respeito do sistema físico enquanto tal. O caso é, na verdade, análogo ao de uma moeda, a qual pode dar cara ou coroa quando lançada. Aqui também, o fato de não podermos prever de qual lado a moeda vai cair não significa que a moeda esteja de algum modo “indeterminada”: em outras palavras, a chamada incerteza pertence obviamente ao lançamento e não à moeda.

O aspecto indeterminístico que os cientistas observaram na Criação, e que,

no texto de livro acima reproduzido, Wolfgang Smith ressalta que não é bem assim, porque, o que pensamos ser indeterminado é tão somente resultado da experiência que provocamos ao tentar medir a realidade. Está tudo lá, como os dois lados se encontram na moeda. A indeterminação só existe na experiência do “jogo da aferição”.

Por outro lado, penso existir mais alguns aspectos que a ciência do futuro forçosamente perceberá: esse painel da indeterminação também se encontra inserido, sim, no contexto da Criação “indevida”, pois que **reflete exatamente a sua possibilidade de ser modificada, ajustada, consertada, enfim, habilitada a poder evoluir**. Afinal, tome-se por óbvio que, se tudo já estivesse plenamente determinado no “jogo universal”, nenhum tipo de ajuste poderia acontecer.

Isso se deve ao problema ocorrido lá atrás, bem no início dos tempos universais, quando um “Projeto Mental” “escapuliu” do psiquismo de uma Entidade Cocriadora – existem outras versões menos nobilitantes para esse começo – e se tornou um processo em curso, chamado de “*Big Bang*” pelos cientistas, e que até agora se expande. Enquanto isso, a vida foi surgindo, e aqui estamos nós, “olhando para trás” com a capacidade de compreendermos o início da Criação. Todavia, a primeira forma, o “modelo operativo primal” que contextualizou a vida mais complexa pluricelular, seja do universo vizinho ou do nosso, foi o que aqui estamos chamando de “**sistema colmeia**”, em que uma “Abelha-rainha” ou uma “Entidade-mestra” gerou outras “entidades-operárias”, para delas se servir.

A atuação dessa Entidade que se reconstruiu a partir das suas partes desagregadas e que urdiu muitas dessas suas “criaturas-ferramentas”, tem a ver com o que ficou indeterminado, ainda por ser feito, pelo fato da Criação em curso jamais ter sido finalizada, devido à “implosão” e à “queda” da mente que a gerou.

Quando uma Criação é perfeitamente planejada e executada, tudo está plenamente determinado – ou seja, nada fica indeterminado. No caso da Obra onde nos encontramos prisioneiros, o aspecto da indeterminação está relacionado com a sua não finalização, pois muito ainda se encontra por ser feito. O pior é que **não está predeterminado em lugar algum, nem mesmo na Espiritualidade Superior, a “fórmula mágica” de como se resolver este “vexame existencial”, no qual estamos inseridos**.

Esse é outro ponto inquietante dessa indeterminação, ou seja, o modo como o futuro virá para todos os que se encontram “mergulhados” neste angustiante “enredo existencial”, dependerá da criatividade, da habilidade e da compreensão esclarecida sobre o dramático problema dos “agentes da vida” (Brahma, Vishnu e Shiva) – que acontece no âmbito interno desta Criação –, enfim, do livre

arbítrio das criaturas despertas.

Esse é um dos motivos que me obrigam a tentar produzir o presente conjunto de reflexões sobre diversos painéis pertinentes ao conhecimento humano, mas que se encontravam ocultos e esquecidos, como se perdidos nas brumas do tempo cósmico.

Sendo o primeiro e engendrado nas piores condições de sobrevivência, em pleno caos inicial da Criação, o “sistema colmeia” nunca conseguiria, como jamais o fez, resolver o problema. Muito ao contrário: o “sistema colmeia” criou mais problemas ainda, pois que passou a ser aplicado sobre criaturas cuja destinação genética era tão somente a de produzir circuitos de manutenção que pudessem fluir para a vida de um único Ser!

Continuemos, porém, a refletir sobre a questão da indeterminação conforme os postulados apresentados por Wolfgang Smith:

“Se os sistemas quânticos não são, portanto, “incertos” por si mesmos, serão eles, não obstante, indeterminísticos? Ora, dizer que um sistema físico é determinístico é afirmar que a sua evolução está unicamente determinada por seu estado inicial (supondo, certamente, que conheçamos as forças externas atuantes sobre o sistema). Mas é exatamente isso o que faz a célebre equação de Schrodinger⁴! O mundo microscópico é, portanto, determinístico de fato, muito embora os sistemas físicos sejam indeterminados. Podemos colocar da seguinte maneira: o estado inicial de um sistema físico isolado (ou o de um sistema sujeito a forças externas conhecidas) determina de fato seus futuros estados, mas acontece que o estado do sistema não determina em geral os valores de seus observáveis. Não ocorre, portanto, nenhum conflito entre determinismo e indeterminação e, para falar a verdade, a teoria quântica joga com ambos. A equação de Schrodinger garante o determinismo, enquanto o princípio de Heisenberg garante a indeterminação.

(...)

Contanto que se esteja lidando com sistemas físicos determinados, certamente o sistema pode ser especificado de uma vez por todas, pois não há, aí, o colapso do vetor de estado e nenhuma mudança de especificação – ou “perda de identidade” – que resulte de atos de medição subsequentes. Quando se trata de sistemas indeterminados, ao contrário, medições subsequentes resultarão, em geral, na especificação de um novo sistema físico. Pode-se dizer que o sistema físico original chegou a um fim – ou se metamorfoseou – pelo colapso de seu vetor de estado. Seguramente os sistemas quânticos não são perduráveis, nem são eles “absolutos”, existindo, igualmente, “para nós”, como objetos de intencionalidade. Esses fatos básicos, contudo, não afastam o determinismo, a razão estando no fato de que o sistema quântico se comporta,

enquanto perdura, de modo determinista.

De maneira patente, esse determinismo quântico está a léguas de distância do clássico. Todavia, o que se perdeu não foi tanto o determinismo, mas o reducionismo, a suposição clássica de que o mundo corpóreo não é “nada além” do físico. Na verdade, foi esse axioma que saiu da moda como efeito de distinção, pelo formalismo quântico, entre o sistema físico e seus observáveis. Como vimos, a física quântica atua necessariamente em dois planos, no físico e no empírico; ou, melhor dito, no físico e no corpóreo, pois devemos nos lembrar que os dois tipos de observação (tanto a medição quanto a visualização gráfica em tela) têm seu término necessariamente no domínio corpóreo. Comparecem, assim, esses dois planos ontológicos e há uma transição desde o físico para o corpóreo provocando o colapso do vetor de estado. O colapso exprime não um indeterminismo no nível físico e corpóreo.

Não obstante, embora o próprio formalismo da mecânica quântica proclame a existência desses dois níveis e clame para que se reconheça esse fato, o viés reducionista em voga tem obstado esse reconhecimento. Não chega a surpreender, portanto, que a interpretação ontológica da mecânica quântica não tenha se firmado.

*A mecânica quântica sugere que os sistemas físicos microscópicos constituem um tipo de potência com relação ao mundo real. Como pontifica Heisenberg, eles ocupam, com efeito, uma posição intermediária entre a não existência e a realidade e a esse respeito são uma reminiscência das chamadas “*potentiae*” aristotélicas.”*

Uma das questões que precisa ser ressaltada neste momento é a de que, entre a “não existência” e a realidade que conhecemos, existem tantos níveis de misteriosos desdobramentos da “Singularidade”, que todos os cientistas aceitam ou concordam que ela tenha surgido do nada, e da qual tudo o que conhecemos, até este momento, se originou. Contudo, o que é conhecido até agora?

Resposta parcial: Sabe-se que **o nosso universo é composto de matéria, e que ocorreu o sumiço da antimatéria correspondente, que surgiu junto com a matéria.**

Em outras palavras, o que, até bem pouco tempo se sabia, era que as partículas e as antipartículas surgiram a partir dessa “Singularidade” que a maioria dos cientistas acredita ter vindo da aleatoriedade em torno de “sabe-se lá o quê” ou em relação a que – pois que o nada não tem nada mesmo, nem aleatoriedade –, e poucos admitem a possibilidade de uma Consciência a ter inicialmente formulado, como aponta a ciência quântica, ao colocar a “Consciência do Observador” no início de qualquer processo do “jogo” da energia se transformar em matéria, e vice-versa, para desespero dos

reducionistas.

9ª Constatação:

Esses simplicistas estão efetivamente reduzindo a inteligência humana ao porte da deles, que se utilizam do chamado “método científico” para adequar as coisas da vida ao tamanho das suas conveniências acadêmicas. Afinal, como falar do “antes” do surgimento da “Singularidade Universal”, se o método científico somente consegue chegar até o momento em que a mesma passou a existir?

Assim, como teremos que transcender o que até mesmo os mais avançados cientistas vislumbram, e nos dirigindo, agora, para aspectos da vida cósmica-espiritual, pouco conhecidos da atual cultura humana, devo dizer que são dois ou três – dependendo de qual premissa se parta –, os principais contextos que se entrelaçam para a produzir a vida como a conhecemos, a partir da nossa experiência na Terra:

(1) O Contexto Espiritual, do qual tudo emana, inclusive a própria Criação – em que vivemos e também onde residem as “Consciências Cocriadoras” desta;

(2) O contexto criado a partir do “Ovo Cósmico” – a “Singularidade” –, do qual surgiram dois grandes universos interpostos, sendo um deles formado por matéria, no qual vivemos; e

(3) o outro universo vizinho ao nosso, composto por antimatéria, no qual o Criador “caído” ressurgiu para a vida.

Como o Contexto Espiritual, é atemporal e eterno, ele contorna e interpenetra os dois outros que foram gerados – e, lamentavelmente, com problemas.

A componente da espiritualidade que envolve e dá guarida transitória às individualidades espirituais que transitam (“imantam e desimantam”, “acontecem e desacontecem” ou “nascem e morrem”) por entre as vidas clone, demo e biológica destes dois universos, foi chamada de “erraticidade” por Allan Kardec⁵, codificador da Revelação Espiritual.

O contexto espiritual dessa erraticidade é formado por inúmeros planos, com suas regiões umbralinas, bolsões trevosos, palco primário da vida (onde moram os encarnados e desencarnados presos às questões da vida material), as casas de recuperação, além de diversas vilas e cidades, todas elas espirituais e que servem de morada temporária entre as vidas neste e no outro universo.

Explicando de outro modo, os dois “grandes favos” que compõem a “Colmeia” gerada pela mente do Criador, um deles, planejado (o universo em que vivemos), e o outro improvisado no momento da sua “queda” (o universo paralelo, onde vivem demos e anjos-clones), são constituídos, respectivamente, por matéria e antimatéria ou partículas e antipartículas. Estes dois universos –

material e antimaterial – estão interpostos, se interpenetram e se influenciam mutuamente.

Quando consciências particularizadas mergulham em um destes dois universos, imantando os seus psiquismos aos corpos transitórios de anjos-clones ou de seres demos ou biológicos, normalmente se “infectam” e não podem retornar aos ambientes espirituais de origem, o que as obriga a permanecerem nas “construções edificadas” na erraticidade.

Segundo Basarab Nicolescu⁶, *“as partículas e as antipartículas se encontram ligadas por uma sutil relação de antagonismo energético entre massa e energia”*.

Será essa a causa de existirem esses **dois universos paralelos vizinhos, com suas “regiões fronteiriças”**, nas quais o “jogo” de expansão da Criação gerou, tempos atrás, a abertura de “portais” e, mais tarde, a partir da prevalência de um certo grau de entropia, provocou o fechamento dos mesmos, processo esse que se concluiu, em termos de calendário terrestre, no ano de 2012?

Sim! O fechamento dos “portais” entre estes dois universos paralelos teve lugar ao tempo das nossas vidas, mas nós não observamos esse fenômeno porque, equivocadamente, dentre outras atitudes infantis, tomamos as idades e etapas da cronologia universal, referidas pelos nossos ancestrais, como “mitologia” ou algo irreal. O foco da lógica humana esteve o tempo inteiro centrado em outras questões, e nada pudemos vislumbrar do fechamento de um longuíssimo período no qual imperou tudo o que atualmente entendemos como “mitologia”.

Os toltecas até sabiam do fechamento dos “portais”, mas os maias, não! Estes, herdeiros da incompreensível cultura ancestral daqueles, legaram para a posteridade o que a cretinice de dois frades espanhóis – que representavam a igreja católica, a maior destruidora da cultura humana dos tempos idos – deixaram sobrar dos milhares de códices maias que destruíram, pensando que esse tipo de escrita se tratava de “linguagem do demônio”. Ou seja, somente dois códices maias escaparam dessa destruição, um dos quais o calendário *Tzolkin*, de cuja interpretação equivocada da parte dos estudiosos do presente surgiu a história do “fim do mundo” no ano de 2012. Não era isso! Era tão somente o “fim do mundo” para incontáveis classes de seres demos que, mesmo originalmente sendo habitantes do universo vizinho, viviam transitando de lá para este nosso universo, e aqui fincaram centros de poder, pois pensavam em dominar a Terra. Como já referido, forças resultantes do aumento da entropia universal fechou gradativamente os tais “portais”, que permaneceram abertos durante cerca de 7 bilhões de anos, e os toltecas sabiam que aquele “tráfego” acabaria num determinado momento, que o conhecimento deles calculou

corretamente como sendo o ano de 2012.

Esse acontecimento representou o fim do poderio desses seres – agora, considerados equivocadamente como mitológicos – sobre a Terra e seus habitantes animalizados, dentre os quais os humanos, que em épocas remotas serviam de “animais de estimação”, massa de manobra e de escravos para seus interesses.

Concluindo o presente capítulo, para os que ainda pensam que essa história de universo paralelo, antimaterial, é coisa de quem vê espírito e disco voador, reproduzo abaixo o início do segundo capítulo do livro “Origens”, de Neil Tyson e Donald Goldsmith, cujo título é “A Antimatéria Importa”.

“Os físicos de partículas venceram o concurso da linguagem mais peculiar, e ainda assim lúdica, de todas as ciências físicas. Onde mais se poderia encontrar um bóson vetorial neutro trocado entre um múon negativo e um neutrino de múon? Ou uma troca de glúon unindo um quark estranho (strange) e um quark charme (charmed – encantado). E onde mais se podem encontrar squarks, fotinos e gravitinos? Junto com essas partículas aparentemente inumeráveis e de nomes peculiares, os físicos de partículas devem lidar com um universo paralelo de antipartículas, conhecidas coletivamente como antimatéria. Apesar da sua persistente presença nas histórias de ficção científica, antimatéria é real.

(...)

O universo revela um romance peculiar entre antipartículas e partículas. Elas podem nascer juntas da pura energia, e podem se aniquilar, ao converterem sua massa combinada de novo em energia.”

Quando menciono a “Colmeia” e seus dois “grandes favos” de partículas e de antipartículas, estou me referindo à Criação de Javé, que emergiu da “Singularidade” – o “Ovo Cósmico” –, expelida por sua condição anterior de Divindade Criadora, se é que, realmente, esse epíteto lhe caberia nesses termos.

No próximo capítulo, vamos refletir um pouco mais sobre a criação desta “Colmeia” e as suas duas componentes existenciais.

4

Cego Guiando Cegos

Desde adolescente, quando me vi obrigado a me acostumar com alguns painéis da vida aos quais não queria mesmo “aceitar”, senti-me corrompido por ter que me adequar ao fluxo das coisas ao meu redor. Rendi-me, mas não tanto!

Do que sobrou daquilo que seria o meu “jeito preferencial de ser”, parte seguiu adiante e a outra era tão somente desassossego, que pareceu ficar estacionada naquela idade.

Naufraguei no oceano da minha inquietação e, do que ainda restou, quando adulto, percebi que os “desassossegados” do mundo, como sempre me tive, promoviam rebeliões violentas, ideologizadas, mas aquilo não resolveria minha dose de inquietação. Rendi-me à vida, mas não me vendi aos seus princípios e propósitos implacáveis, pois consegui manter uma modesta cota que fosse, dos meus sonhos de nobreza moral, estranhamente enraizados no psiquismo que me movia.

Por muito tempo, incomodou-me o silêncio dos bons, e mais ainda me atormentava o meu próprio.

Ler Martin Luther King¹, conhecer a sua história e refletir sobre as suas sábias palavras me inquietava a tal ponto que, paradoxalmente, levava-me mesmo a preferir esquecer as suas reflexões.

“O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons.”

E isso me persegue de tal modo aos sessenta anos, quando sou obrigado a testemunhar a “gritaria” vinda do *Brahmaloka* e o silêncio da espiritualidade atuante sobre o drama que todos vivemos. Por ter que ser eu a romper esse silêncio, falando por mim mesmo e não por mandato mediúnico, incomoda-me mais ainda.

Quem havia feito as coisas da existência daquele jeito tão inapropriado, esquisito, corrupto mesmo, pois que todos tinham que matar para viver, dominar para sobreviver, ganhar para poder existir, enfim, ter que ser “mais poderoso” que os outros para poder “vencer na vida”? Que droga de existência era aquela

que se me apresentava como sendo uma “dádiva de Deus”? Afinal, assim mesmo tinha aprendido nos ensinamentos dos irmãos da congregação marista.

Por que só eu me sentia perplexo com a vida sempre que pensava sobre as suas características, desde a opção da “predação sexual” – na época da minha juventude, era a de “pegar mulher” – até a apresentação para “impressionar”? Muito cedo me irritei com aquelas características, as quais via em tanta gente arrebanhada, que se dedicava à mesmice.

Ficava aturdido por não ver surpresa nos meus semelhantes em relação a essas questões, e fui me rendendo, rendendo, mas como já afirmei, quase sempre, consegui não me vender – ou, se o fiz, nem mesmo o percebi.

Do que me sobrou nesta “idade pré-cova” – da qual é o corpo que utilizo atualmente –, continuo a exigir de mim alguma perplexidade, mais desassossego perante a estupidez que vejo no mundo e, às vezes, em mim mesmo, na cota que posso aferir. Contudo, disso procuro cuidar como posso.

Segundo Javé – tive e tenho que escutar “pérolas” como a que segue –, essas marcas problemáticas do psiquismo dos terráqueos pensantes, seriam os sintomas do desmantelamento dos seus desígnios iniciais para a espécie humana. Assim me foi afirmado por ele, sobre a espécie humana: *“O sistema todo ficou imprevisível, errático, sem comando central. Foi o meu desencanto, porque esta estirpe somente poderia bem funcionar com um comando central”*.

Pasme o(a) leitor(a)!

Talvez, devido a essa dependência inconsciente, vinda das sequências do nosso genoma, que eclodem na maneira como nos sentimos e agimos, tantos, dentre nós, gostem de um “ditador”, de um “salvador da pátria”, de um “super isso ou aquilo”, enfim, de um “*führer*” – em alemão, significa “condutor”, “guia”, “líder” ou “chefe” –, ou coisa do gênero.

Por conseguir, pelo menos, observar parte das minhas deficiências, sempre me obrigo a dar margem para que eu possa estar errado, ainda que seja quanto às questões mais primárias ou absurdas, cuja inadequação filosófica – vamos dizer – seja patente. Entretanto, a vida é como ela se apresenta e não do jeito que gostaríamos. Assim, o modo satisfatório que desejamos para a vida precisa ser construído pelos “combatentes” da “mesmice ditatorial”, que sempre movimenta os mais fracos.

Por muito tempo, refleti sobre o desalinhamento dos humanos em relação aos tais desígnios aparentemente “malucos” do Criador, mais esquisitos que poderíamos imaginar nas nossas mais tortuosas investidas no campo da ficção – pasme, novamente, quem estiver tendo a ousadia de ler este livro –, mas esse “Ser Inusitado” e seus aspectos impositivos estão mesmo descritos nas páginas do que, na atualidade, é considerado como sendo “livros sagrados do passado”.

Estranho, não?

Foi quando, por única opção possível de análise a partir dos fatos e da afirmativa de Javé, estabeleci o **“complexo de Ex-abelha-rainha”** como sendo o que motivava o Criador a insistir com “aquele enredo”. Talvez, “aposentadoria forçada” e /ou “perda do poder” tenham mesmo dessas coisas! Por absurdo que pareça, mas é exatamente isso que mostra ser o lado real desse contexto tido como irreal por muitas pessoas. Para outros tantos, porém, esse “Ditador Estranho e Todo-poderoso” é mesmo o “Deus” a quem eles obedecem, por meio dos vieses judaico, bramânico, cristão e islâmico, dentre outros.

O drama da decadência desse Ser reside no fato de que ele perdeu – se é que um dia teve –, o controle sobre a Criação exatamente quando as “mulheres humanas” se rebelaram contra as suas determinações, ou seja, os tais desígnios.

Desde quando? Pandora e Eva, num grau superlativo, e mais duas outras personagens, Pirra e Lilith, que não se humanizaram, foram as quatro culpadas, quando direta e indiretamente produziram um **“deslacre genético e psíquico”** que, até então, garantia que a espécie humana terrestre funcionasse como uma “grande colmeia”, tendo Javé como a “Abelha-rainha” e os demais espécimes humanos como simples “criaturas-ferramentas”.

Aqui, devo fazer um registro. Quando fui levado a produzir, com o espírito do ser que um dia foi Pandora, o livro *“O Sorriso de Pandora”*, ao descrever a transição de fase de “filha de Zeus para a condição humana feminina”, deixei a entender que ela, já como mulher, tinha “recaídas no campo da fúria”, e aquilo lhe devolvia temporariamente a sua antiga condição demo, com metamorfoses e tudo o mais, o que de fato acontecia – e essa face temporária dela, na ocasião, entendi como sendo “Lilith”. Esse meu entendimento foi um equívoco, pois, posteriormente, percebi que Lilith tem personalidade própria, que constitui uma outra protagonista na luta de libertação dos humanos frente ao jugo de Javé, de Zeus e de outros mais. O que Pandora pretendeu dizer no livro foi que, quando assim ela se portava, a posteridade a tomou e a chamou erroneamente como sendo “Lilith” – que era uma outra personagem. Todavia, as gerações futuras poderão esclarecer melhor isso.

Saber que o universo é fruto de um “acidente” associado a uma “tragédia”, deveria modificar tudo na nossa visão de mundo. Como fui meio que obrigado, pelas circunstâncias, a saber disso, a minha antiga concepção da realidade, ou seja, o modo como eu enxergava as questões da vida, se desfez.

Passei, então, a ver os contextos antigos a partir de “lentes” que me foram dadas pela convivência forçada com seres extrafísicos, os quais a cultura do mundo onde vivo considera que representariam tão somente mitos e, portanto, não seriam reais. Ledo engano!

Como já descrito no livro *“O Dharma e as Castas Hindus”*, julgar o passado com os olhos do presente é sempre tarefa inglória e mesmo improdutiva quanto aos resultados das análises colhidas, ainda que se assuma como premissa o que, na atualidade, parece ser o óbvio. Entretanto, o “óbvio” do presente, muitas vezes não serve para o passado que está sendo avaliado. Não é essa uma boa lógica a ser usada por aqueles que procuram estudar o passado terrestre e seus sinais “fora do tom” das características que, agora, são tomadas como normais. Na área da Filosofia, isso é chamado de “anacronismo”.

Ao longo dos anos, quando me vi obrigado a conviver com os fatos que eram produzidos ao meu redor, na medida em que conversava sobre os mesmos com amigos mais chegados que também estudavam aqueles assuntos, inevitavelmente, surgiam frases do tipo: “como os rebeldes devem ter sido monstruosos”, “como o carma desses seres deve ser pesado”, “fizemos poucas e boas antes de sermos exilados para a Terra”, “devemos ter cometido muitos crimes quando nossos espíritos estavam entre os rebelados”, dentre outras. Contudo, parece não ser bem assim!

O aspecto dual do raciocínio humano que, depois de temperado pelas religiões do passado, terminou por assumir os conceitos de “bem” e de “mal” como sendo o fator de juízo a nortear as atitudes de cada ser, resultou na substituição das concepções ancestrais de “ordem” e de “caos” – que sempre direcionaram o psiquismo dos seres demos do passado. Somente com a ascensão da natureza humana é que esses conceitos mais refinados de “bem” e de “mal” foram, por fim, formulados! Todavia, isso não significa que o que fomos condicionados a pensar, esteja correto ou possua algum tipo de valia moral intrínseca.

Precisamos, porém, compreender – e agora isso é inadiável – que a própria natureza, independente de quem a criou, legitima a violência como modo de sobrevivência e obriga os mais fortes a imperarem sobre os mais fracos.

O problema ou o crime existe em quem fez as coisas desse jeito, mas não necessariamente para quem é obrigado ou se vê obrigado a existir num corpo animalizado qualquer, que já nasce para sobreviver a qualquer custo, matando quem o seu instinto determinar. Assim delibera a natureza das espécies! Cada uma executa o que se encontra determinado no seu próprio genoma!

Antes dos humanos surgirem com a sua capacidade psíquica de estabelecer entendimentos mais complexos e subjetivos – como é o caso dos conceitos relativos ao “bem” e ao “mal”, como já referido –, os seres já existentes, e que possuíam algum padrão de racionalidade, se utilizavam da noção de “ordem” e de “caos” como sendo o único fator que definia as razões dos seus enfrentamentos, da sua lógica, sem que entre eles existisse, de modo definido, a

sistematização do que poderia ser considerado um conjunto de princípios mais elaborados.

Krishna, o avatar *keshava* – ou seja, um ser animado pelo mesmo espírito de Shiva, mas com código genético dos três “Senhores da *Trimurti*” – que se fez presente na época da guerra descrita no “*Mahabharata*”, épico hindu, parece ter sido **o grande definidor ou mesmo revelador dessas questões para os povos da cultura demo e de seus descendentes que passaram a viver na Terra.**

Enfim, se bem percebermos as informações recolhidas recentemente, advindas do estranho convívio com Javé e suas Hostes, parece que todas as famílias que surgiram para vida, no âmbito da sua Obra, dele herdaram o desventurado legado que é esse “algoritmo doentio”, que “descontrola”, “acende a fúria incontrollável” dos seres que se têm como “mais fortes”, quando se percebem desobedecidos.

Qual o problema?

10ª Constatação:

Para esse Ser, a desobediência aos seus ditames ou desígnios sempre implica “desordem”, que é a base motivacional de todos os dramas no campo do sofrimento, em todas as suas faces, para esse tipo de cultura existencial.

Daí a “postura doentia” de fazer o que for necessário para evitar o caos, que sempre foi o trauma mental do Criador, pois que foi esse o resultado da sua Criação “confusa” e “inacabada”.

A frase é contundente, mas já é tempo de ser expressa: a “queda” do Criador e sua reconstrução como Brahma/Javé, fez dele a “Personificação do Caos”, e não é por menos que, na mitologia grega, ele assim é chamado.

Organizar a si mesmo, ou em outras palavras, ordenar o caos que é o seu Ser e a sua Obra, foram as “tarefas” que os “Grandes Seres Arquitetos” Vishnu e Shiva conseguiram equacionar e, posteriormente, transferi-las para os ombros das espécies que foram sendo criadas, na medida em que a associação do acaso – regulamentado pelos fatos cósmicos –, e os sonhos e projetos desses “Arquitetos Cocriadores” foram permitindo, apesar de seus problemas horrendos.

Essas “tarefas”, na cultura dos seres demos, passou a ser chamada de “**dharma**”, ou “**dever sagrado de cada estirpe ou casta**”, e foi exatamente isso que *Krishna* procurou ensinar e mesmo convencer a *Arjuna*, no “*Bhagavad Gita*”, capítulo integrante do “*Mahabharata*”.

Pandora, na visão da mitologia grega, e os humanos terráqueos “Eva” e, depois, “Adão”, talvez tenham sido **as primeiras criaturas cujas consciências pessoais despertaram para a noção do “bem” e do “mal”**, ainda que em tempos distintos e em graus de profundidades singulares, aspecto que nem os

anjos do Criador e muito menos os seres demos jamais puderam conceber.

Haja “favor divino” que as criaturas fazem para esses “Deuses”! O problema é que as suas formas demos – com exceção de Vishnu, que se desconstituiu em 2016 – ainda não se conscientizaram disso ou, se o fizeram, até o momento, disfarçam, como se cobrando a “velha e criminosa moeda da gratidão” que as criaturas devem ofertar aos “Deuses”, por tê-las gerado.

Haja ignorância!

E haja *dharma*, que é a “lei da Colmeia” – o que implica que *dharma* é produto da compreensão demo, que é afetada pela “estupidez existencial”, mas que resolve o problema sócio-cultural deles, mas não o das organizações humanas.

Por isso que o *dharma* legitima as castas entre os humanos, quando somente era “bem aplicado” aos povos demos.

No que isso importa?

Segundo a perspectiva de *Krishna*, ratificada por Sai Baba em seus ensinamentos em torno do mesmo conceito, “**o *dharma* de uma abelha é obedecer à abelha-rainha!**”

Assim, como o *dharma* é considerado o dever sagrado de cada ser, no caso desta Criação, quem nasce “operário” seria eternamente destinado a servir a quem nasce “rainha”, e isso seria uma “dádiva de Deus”, que precisa ser preservada, venerada e sacralizada, para que as coisas funcionem na “Colmeia”!

O “modelo colmeia” é bom para quem? Por que um “Deus”, ao menos razoável no desempenho de sua função deífica, precisaria de uma Criação tão estranha assim para sua satisfação pessoal? E o sofrimento de toda a “classe operária”?

Esse tipo de reflexão está se parecendo com os postulados de Karl Marx, obviamente procedentes, ainda que, na minha opinião, o contraponto por ele ofertado, que foi a “ditadura do proletariado”, que seria a maneira de resolver o problema, é somente um outro equívoco tão profundo e ingênuo como o da “Ditadura da Abelha-rainha” ou, no caso, o exercício do poder centralizador do “Dono da programação genética” de todas as espécies da Criação.

Não sei se um dia compreenderemos que **qualquer tipo de ditadura** – ainda que aqui sequer levemos em conta a corrupção, que sempre eclode mais facilmente no “mais forte” de cada momento histórico – **não se coaduna com a evolução dos seres**, pois, em algum momento desse processo, o clamor pela liberdade surge, já que, sem ela, o que entendemos como evolução e/ou “reciclagem criativa entrópica”, não consegue ter lugar.

O Criador (Javé, que tem uma condição *Adhydaiva*) não sabe, mas a sua antiga condição *Adhyatman* – mantida “desmaiada” ou “em coma” para além

(fora) da “blindagem” que envolve os níveis espirituais relativos a sua Obra, isolando-os dos níveis limpos e evoluídos – e a sua Criação precisam que a liberdade esclarecida produza as informações mais complexas e delicadas, para que ocorra a “redenção global” de todos os agentes “mergulhados” e o “caído” neste “drama”, e essa triste história possa ser finalmente superada.

Na “Colmeia”, não pode existir a “ditadura do proletariado”, porque esta não funciona em nenhum lugar ou em contexto algum. Toda ditadura é estúpida, tão cretina quanto o violento traço da “doença” do Criador! Quem se permite ou deseja personificar a função ditatorial, sempre se bestifica, torna-se um monstro, e foi isso que aconteceu com os três “Seres da *Trimurti*” (“Abelhas-rainhas”), no modo de vida que sempre funcionou no “favo” ou no “gomo” antimaterial da “Colmeia”, como também com os ditadores medíocres que deixaram as suas marcas criminosas e bestiais na história humana, ocorrida no lado de cá.

Finalmente, o sistema genético que existia entre Javé e os seus anjos-clones – ou seja, entre o “Ditador e suas criaturas geneticamente subjugadas”, cuja coletividade sempre funcionou no “estilo colmeia” – ruiu, foi desconfigurado, “destravado”, destruído totalmente no ano de 2016.

Pode parecer absurdo, mas mesmo após a “desconfiguração” desse sistema genético, os anjos-clones, por “impulso ancestral” ou ainda por decisão – os que tinham algum nível de tirocínio para poder algo decidir –, resolveram continuar a servir ao seu Antigo Senhor e Criador como as “criaturas-ferramentas” que sempre foram.

Na cultura desses seres, porém, em 2016, houve o “fim do mundo *trimurtiano*”, como eles entendem.

Lá atrás, no tempo imemorial, Javé e os anjos-clones formaram o primeiro modo de coexistência coletiva, ao qual estou chamando de “sistema colmeia”. Quando os demos surgiram, esse “estilo” foi replicado à moda demo, e disso surgiu o já ressaltado conceito do “*dharma*”, que consiste em educar a evolução dos seres demos por meio das castas.

Quando a molécula ou célula que hospeda o código de vida do Criador foi exportada do universo vizinho para o nosso, com o objetivo desse código ser digitalizado quimicamente e, depois, biologicamente ativado, nesse ponto da história, surgiram, na Terra, os cardumes – aglomerados de peixes –, na explosão cambriana, logo seguidos dos insetos, que trouxeram consigo, nos seus genes, a herança do “sistema ditatorial de todos por um”, “tudo para um”, e por aí seguiram os traços da “loucura” de um Criador “caído”, prenhe de necessidades de toda ordem, sem que ele mesmo pudesse ou soubesse disso cuidar.

Teve, assim, que gerar criaturas, para delas se servir, e é isso que ele vem fazendo há cerca de 13 bilhões de anos, até o surgimento dos humanos terrestres,

que “deslacraram” de vez o “sistema colmeia”.

E agora?

Por enquanto, infelizmente, funciona ainda a infeliz herança de “cegos continuarem a guiar outros tantos”! Todavia, por pouco tempo!

Três “Amalucados” e Quintilhões de “Apalermados”

Realmente, nesses tempos atuais, não há muito a ser feito, por força da concepção de mundo, da **visão de realidade a que os humanos se encontram desgraçadamente condicionados**.

O “sistema colmeia”, mesmo estando atualmente desligado em algumas poucas espécies biológicas, permanece com seus efeitos/influências ancestrais ainda vibrantes nessas.

O chamado “DNA-lixo” do genoma humano esconde essas “receitas genéticas” do passado, porquanto todas elas nele se encontram atavicamente marcadas, como tipo de fosséis, mas que podem ser revividos em um ser humano se tosca e primária for a sua atitude mental.

Quando se vê um pastor e suas ovelhas, tanto no sentido literário como no religioso, quando se observa um rei e seus súditos, um chefe militar e seus soldados, dentre outros aspectos de como funcionam os sistemas coletivos, estamos tão somente vendo, na vida biológica, os efeitos retardados do que sempre existiu e ainda existe no universo vizinho, referente ao “fator colmeia”.

A vida biológica, no seu todo, encontra-se atavicamente construída e dependente da sua “semente básica”, que logo foi embrulhada pelo “sistema colmeia”, o qual, mesmo tendo sido finalmente “destravado”, continua a fazer valer os seus efeitos – e não há mesmo outro modo de tocar adiante muitos dos tipos de coletividades no Cosmos, a não ser levando a existência que conseguem experimentar. Entretanto, os humanos terráqueos não precisariam mais replicar algo tão retrógrado, a não ser que eles mesmos, por perceberem a autoridade moral de um de seus pares, decidam delegar a coordenação das ações coletivas ao sabiamente escolhido para a liderança, ainda que transitoriamente ou mesmo pela velha mania de se submeterem a ditaduras com certa aceitação.

No universo vizinho, contudo, onde grassam as vidas clonada e demoníaca, três “Super-abelhas-rainhas”, “amalucadas” pela “doença” da condição

existencial “*daiva*” – refiro-me à “demência”, mas com ares de grandeza, dos três “Senhores da *Trimurti*” –, sempre produziram incontáveis gerações de descendência notadamente demo e, desde então, todo tipo de “patetice” passou a existir.

Isso pode ser afirmado nos tempos atuais, com a lógica humana que, na época daquela eclosão de “vida *daiva*”, sequer existia. Todavia, naquela época, eram as melhores espécies que podiam ter surgido, só que no âmbito do “modelo colmeia”.

Os chamados anjos-clones, os primeiros a surgirem para a existência, o fizeram já inexoravelmente associados à figura do Criador “caído”, que se reconstruiu nos moldes da “Abelha-rainha”, e os demais, ao seu redor, como simples clones, obviamente obedientes aos seus desígnios e vontades. Implementado o “sistema colmeia” como sendo o *modus operandi* da vida daqueles seres, os mesmos sempre agiam como fazem as abelhas-operárias, ou seja, **para satisfazer a vontade de Javé, sem oportunidade mental de qualquer questionamento ou hesitação.**

Foram engendrados para obedecer automaticamente até porque, no princípio das coisas desta Criação, sequer existia a noção de individualidade, sendo o tal “sistema colmeia” a disposição natural do psiquismo daqueles protótipos de seres.

Nestes dias, depois de um pouco mais de uma dezena de bilhões de anos existindo como robôs, devido ao “**desencanto da *Trimurti***”, promovido pelo “deslacre mental” de algumas espécies-chave – que, até então, sempre foram mantidas sob controle –, finalmente, os clones estão meio que libertos da “robotização” geneticamente programada, que os obrigava a serem os tais “Anjos-operários do Senhor”. Ainda assim, por não terem faculdades mentais despertas, não sabem como agir. Vivem como seres “apalermados” – se é que essa seria a melhor expressão a ser utilizada perante a situação, mas, sinceramente, não encontro outra mais tecnicamente precisa.

O que significa “*Trimurti* desencantada”?

Ao longo dos primeiros 4 bilhões de anos após o surgimento dos dois “favos” ou universos, que compõem a Criação “indevida”, o Criador “caído” e seus “anjos-clones” funcionaram coletivamente no já referido “modelo colmeia”, o único jeito que o Ser “infelicitado” conseguiu gerar mentalmente, para se recriar e comandar o que observou a sua volta.

Quando um de seus “anjos-clones” conseguiu superar as “travas” da subjugação mental e o agrediu como maneira de impedir a derrocada daquele universo antimaterial, devido ao sempre renovado surgimento de tantos clones “doentes”, recebeu de volta um “castigo” que o fez perder o seu corpo clonado,

porém dele conseguindo emergir com a sua condição espiritual “dementada”. Essa “nova configuração” do modo de ser e de existir no âmbito da Criação “problemática”, em se apropriando do código genético ou do código-fonte de vida do Criador, que existia no corpo clonado recém-destruído pela punição extrema, terminou gerando uma impensável classe de seres demoníacos – se por isso vislumbrarmos um corpo algo sutil, com mente e psiquismo próprios, mas destituído de uma base corporal mais consistente, como a que compunha e ainda compõe os diversos grupos operacionais de anjos-clones.

Nesse ponto da História destes universos, pela primeira vez, apareceu a noção de um “outro Alguém” existente na Criação que não fosse um simples “robô” do Criador. Foi quando surgiu a figura de “Shiva”, sob uma nova forma de existir, e que foi chamada de “demo” ou “demoníaca” em muitas mitologias do passado, herdadas pela humanidade como sendo o primeiro gênero de história e de registros organizados pela mente humana sobre o pretérito ancestral, quando o código-fonte “infectado” do Criador, definidor de vida, foi transferido do universo demo para o biológico, no qual vivemos agora.

Shiva começou, a exemplo do que havia feito Brahma, a clonar de si uma quantidade incontável de seres demos, mas que, diferentes dos clones de Brahma, tinham certa dose de liberdade mental e, portanto, só seriam controlados por um outro modelo de sistema subjugador, já que neles não existia o tipo de código-fonte definidor de vida – que, na atualidade, chamamos de “genoma” – dos “seres-operários”, “robotizados”, como era o caso dos anjos-clones. O fato era que uma outra expressão de código-fonte definidor de vida havia, então, emergido no panorama da Criação!

Da mesma maneira, mais tarde apareceria a figura de “Vishnu” que, praticamente, se viu obrigado a imitar o *modus operandi* de Shiva, o que fez com que surgisse uma condição de existência tripartite no universo vizinho, pois que esses três Seres tinham poder mental relativamente semelhante e, apesar de sempre terem disputado o poder – eles e suas descendências – relativo ao controle universal, jamais qualquer um deles conseguiu prevalecer ou destruir os demais.

11ª Constatação:

Foi nesse contexto de impasse que a *Trimurti* foi estabelecida entre aqueles três Seres “dementados” e “amalucados” – Brahma, Shiva e Vishnu –, quando comparados à lógica que hoje existe no psiquismo humano.

Naquela época, a única noção de lógica que existia em seus psiquismos “doentios” e nos das suas descendências, era tão somente relativa ao sentido de “caos” e de “ordem”, que eles conseguiam discernir nas suas vidas “simplórias”.

Se observado pela atual condição humana racional, aquele contexto mais se assemelharia ao de “um hospício com três Seres amalucados, comandando um quintilhão de apalermados”, distribuídos entre as muitas classes de “robôs” (descendentes de Brahma) e de seres “dementados” (das linhagens de Shiva e de Vishnu).

Com o tempo, Shiva e Vishnu procuraram maneiras incontáveis de comandar os seus descendentes, baseados no mesmo padrão de “engenharia mental” que correspondia ao “modo natural colmeia” de Brahma/Javé dirigir os seus anjos-clones. Jamais o conseguiram, porém terminaram por produzir efeitos parecidos em algumas classes de demos.

E assim caminhou aquele universo antimaterial até que o impasse entre as três forças estabelecidas chegou ao seu limite. Foi a **primeira fase de “desencanto” da Trimurti** porque, finalmente, **tiveram o vislumbre de que a condição “daiva” dos seus corpos estava absolutamente “infectada” por todo tipo de “doença”**. Parte dessas “doenças” compõe o atual padrão de DNA que, na atualidade, responde pelo genoma humano, cujos efeitos podem ser ou não despertados por exposição a condições agressivas e até por certas atitudes que o ser humano venha a ter perante as circunstâncias da vida. Contudo, naqueles seres esses efeitos acontecem inapelavelmente, sendo esse um dos principais motivos do impasse já referido.

Explicando de outro modo, a falência total de todos os ramos da árvore da vida clonada e demoníaca forçou aqueles seres a aceitarem o inevitável: procurar uma nova forma de vida com o objetivo de transferir para a mesma o modelo da “consciência demo” nos moldes em que estava naquela altura dos fatos, ou seja, personificada no padrão então existente nos “Senhores da Trimurti”.

12ª Constatação:

Foi na essência desse processo de transferência que as sequências do código-fonte definidor de vida, referentes ao “sistema colmeia”, vieram a produzir seus efeitos nas espécies biológicas que começaram, desde então, a surgir nos mundos deste universo material.

Em termos do que se pode perceber a partir do atual estágio do conhecimento humano, a herança do *modus operandi* da coexistência de Javé e os seus anjos-clones nos seus múltiplos aspectos, aparece muito bem refletida na maneira que algumas espécies – como as de abelhas e vespas eussociais, formigas e cupins –, levam as suas vidas no contexto biológico.

O misterioso processo de transição, que misturou uma complexa gama de espécies particulares de seres animalizados, sem consciência de si mesmos, mais animais sencientes e entes demonizados, com seus diversos padrões psicológicos, e resultou nos padrões que, nas quatro últimas centenas de milhões

de anos, se observou em alguns minúsculos membros de insetos da Terra, ainda está por ser descortinado.

O máximo que se pode ainda observar do vestígio da herança psíquica do “sistema colmeia” em pássaros e peixes, por exemplo, é quando esses, em bandos e em cardumes, respectivamente, se comportam como se fossem um só organismo – o que também é o “estilo” de Javé!

O aspecto mais curioso – senão deplorável – de toda essa questão é o de que, no seio do “rebanho humano”, existem ainda algumas etnias com certas sequências genéticas que correspondem a traços psíquicos bem peculiares e que traduzem esse passado, que anseiam por serem lideradas por “super-abelhas-rainhas” que lhes digam o que podem fazer e como fazer. Transferem suas responsabilidades para outros, e se sentem felizes porque têm um “rei”, uma “rainha”, um “salvador” ou o que seja, pretensamente cuidando deles, como já referido anteriormente.

Funciona! Claro, as colmeias funcionam! Os humanos, porém, são bem mais do que simples produtores de alimento para os poderosos e muito mais do que operários que trabalham a soldo da comida que produzem.

Bem, pelo menos deveriam ser!

Haja palermice!

6

“Projeto Talm”

A principal causa do desassossego dos membros da *Trimurti* enquanto a vida se manteve no universo paralelo demo, sem ter sido ainda transferida para o nosso, foi a ausência de resultados animadores advindos das suas “apostas” e decisões. Todas as suas opções davam errado!

O conjunto das espécies de seres clones, vinculados diretamente ao código-fonte definidor de vida de Brahma, como também os outros dois, de seres demos, vinculados aos códigos-fontes definidores de vida de Vishnu e de Shiva – e de modo indireto, relacionado ao código-fonte original do Criador “caído” –, representavam o fracasso criativo dos três “Senhores da *Trimurti*”, pois **todos os que eram engendrados para a vida surgiam “doentes”, ainda que poderosos.**

Na ficção “*O Senhor dos Anéis*”¹, de Tolkien, os *Nasgul* eram reis antigos, pertencentes à raça dos homens, que receberam os “anéis do poder”, dados por Sauron, e foram, então, consumidos por eles. Uma situação similar se deu com os “Senhores da *Trimurti*”.

Na triste realidade desta Obra, como “imperadores”, Brahma, Shiva e Vishnu (de condições *Adhydaiva*) se autoatribuíram um poder advindo das suas próprias personalidades anteriores à Criação – Prabrajna, Savna e Mavatna, respectivamente, de condições *Adhyatman*. Entretanto, por incompetência e outros fatores, foram sendo consumidos pelo trôpego exercício ditatorial, porque a condição *Adhydaiva* de suas personalidades começou a dar claras demonstrações da sua limitada capacidade em prover suporte ao insuportável.

Adhydaiva, aqui, significa a condição *daiva* de um Ser do tipo *Adhy* ou, em outras palavras, a condição dos corpos *daiva* dos Seres Brahma, Vishnu e Shiva. Pelo fato de terem herdado, do seu feitor original Brahma, essa condição *daiva* – que era a condição reconstruída do Criador Prabrajna, que “caiu” na própria Obra –, Vishnu e Shiva se manifestaram quase tão “doentes e cancerosos” quanto o próprio.

Sim! Existir em condições precárias é insuportável, e assim foi desde o

começo, como tem sido até agora, para as primeiras formas “*daiva*” assumidas pelos três “Senhores da *Trimurti*” – Vishnu, que se desconstituiu em 2016, deixou a condição “*daiva*” –, como também para a grande maioria de demos, deles descendentes.

Nas culturas terrenas, ainda existem leprosários² para dar guarida aos doentes que, muitas vezes, são discriminados pelos seus familiares e pela sociedade, devido às terríveis mutilações que a hanseníase provoca e à crença de que essa doença contagiosa não é curável. A condição “*daiva*” apresenta um “tipo de doença” que é devastador, e afeta o psiquismo, dementando-o, o que faz da sua comparação com a hanseníase, um instrumento modesto e mesmo inadequado – porque a hanseníase, por desagradável que seja, pode ser curada, enquanto a “doença” da condição “*daiva*” não tem cura. No sentido aqui empregado, o *Brahmaloka* seria o próprio “leprosário” da analogia.

Ao imaginarmos uma pessoa com todos os tipos de câncer e graus de demências diversos, dentre outras enfermidades, concluiremos que ela estará terminal, pois as doenças, como as conhecemos, de fato, terminam por matar os humanos, porém, na condição “*daiva*”, elas se expressam marcando o Ser e, estranhamente, não conseguem matar o seu corpo. Por que é assim?

13ª Constatação:

É assim porque a condição *Adhydaiva* era e é algo que sequer deveria existir, além de ter surgido pela recomposição das partes “podres” de um Ente que, em tese, “morreu” ao ser despedaçado por ter “caído” na própria Criação. A condição *Adhydaiva* é um “vexame”!

Ressurgindo como um “zumbi de si mesmo”, ou um “Frankstein improvisado”, cheio de costuras e retalhos de coisas e de corpos alheios, para poder compor o seu próprio, os Seres “*daiva*” foram se organizando, “medicando” seus corpos com elevado “padrão de engenharia química”, se consubstanciando cada vez mais como uma “espécie” que foi se adestrando para sobreviver de modo impensável para a lógica que atualmente temos. Os “*daiva*” – vamos dizer – originais, os ditos “Deuses Primordiais” das primeiras formas demoníacas, sequer deveriam existir, contudo, sempre existiram, e trouxeram essa questão até o contexto atual.

Enfim, os “Seres *trimurtianos*” – os três “Senhores da *Trimurti*” e suas Hierarquias, formadas por clones (no caso de Brahma) e demos (no caso de Shiva e Vishnu) – se estabeleceram como dominantes porque foram as duas primeiras classes de seres a surgirem e a se recompor. Aqueles, dentre eles, que conseguiram algum grau de liberdade mental como força preponderante,

sempre lideraram, por serem mais fortes e espertos, e conduziram os demais até aqui. Porém, nesse universo vizinho, também existe algo parecido com o que entendemos como força entrópica, que obriga a que tudo o que lá existe, morra, independente do poder mental daqueles Seres.

A condição “*daiva*” aprendeu a ser longeva, a se manter atuante, apesar de toda a sua desgraçada situação. E por causa da “demência” e da ausência de parâmetros dos Seres que a ostentam, esses foram se achando eternos, até que os fatos demonstraram que a “eternidade deles tinha limite”.

Quando o sofrimento foi avassalador, e com o cansaço e a ausência de alternativas, nesse ponto, surgiu o “Projeto *Talm*” como sendo o único plano possível de ser perseguido, de modo a diminuir, ou mesmo a extinguir o tormento de seres que não morriam facilmente, mas cuja situação de sobrevivência só se complicava.

O código-fonte definidor das vidas clone e demo, inevitavelmente vinculado ao “modelo colmeia”, atavicamente registrado em todas as classes de seres até então surgidas, foi redimensionado para se tornar um outro tipo de codificação, agora “bioquímico”, pois, doravante, passaria a pertencer ao **universo em que atualmente vivemos, mas que, na época – cerca de 6 bilhões de anos após o “Big Bang” –, ainda não tinha vida edificada.**

Portanto, foi realizado um “compêndio de ideias e de objetivos” longamente planejados, com seus inenarráveis martírios, testes e experimentações.

E assim, a vida surgiu no universo biológico por meio do código-fonte definidor de vida, utilizado pelo “Projeto *Talm*”, que se replicou nos mundos em que o mesmo chegou a ser “semeado”.

Aqui, implica uma reflexão básica ou mesmo introdutória sobre o assunto.

No livro, “*O Código Básico do Universo*”, do Dr. Massimo Citro, ele nos informa que:

“A criação está sujeita ao planejamento. Alguma coisa informa as moléculas de cristais onde devem se colocar durante seu crescimento. Isso também se aplica ao corpo humano e a qualquer organismo: as células seguem um esquema de montagem para saber que lugar ocupar, em que direção se desenvolver e em que ponto cessar seu crescimento. Têm que completar sua forma. O que inspira as abelhas a construírem hexágonos impecáveis? Não é uma tarefa fácil, dado que elas são tão pequenas e estão suspensas no vazio, sem nenhum andaime! Ou você acredita que tudo acontece por acaso, uma possibilidade que calha de se repetir? Talvez instinto? Mas o que é instinto? O detentor do design ou o próprio design? Quem dirige processos naturais complexos? De quem são os designs?”

Pelo fato de acreditarem na alegada aleatoriedade dos neodarwinistas como

sendo a causa de tudo o que existe, a ciência humana passa longe da percepção que, nestes tempos atuais, precisaria ter da verdade. Esse aspecto de suas falsas certezas, há muito, já deveria ter sido sepultado como opção científica – até porque ele não tem nada mesmo do rigor da ciência. Conforme penso, essa crença é mais mítica – no sentido lendário da expressão – do que qualquer mitologia do pretérito e, sinceramente, observando as evidências em torno do princípio antrópico associado ao “ajuste fino” das constantes cosmológicas que permitem o universo ser o que é, acho vergonhoso que o pensamento científico e acadêmico se permita pontificar de modo tão absurdo e simplório sobre a busca humana pela compreensão do que julgamos ser a realidade.

Sei que a ciência não logra procurar a verdade, uma vez que somente se dedica a descobrir como as coisas são e não sobre o porquê delas existirem ou serem da maneira que se apresentam. Que seja! Contudo, entronizar a aleatoriedade como causa ou momento zero de tudo o que existe, convenhamos, é dose inaceitável até mesmo para a cota de cegueira que alicerça esse tipo de visão de mundo.

Por outro lado, mesmo os que constatarem a inevitável dose de organização, de planejamento, e o modo operacional do universo para produzir vida, distorcem a sua percepção originalmente correta sobre a Criação, quando a creditam a um Ente considerado um “Deus” bonzinho, amoroso, maravilhoso e perfeito, esquecendo de observar quão horrenda são as faces que a existência pode assumir. Além do que, esses **sempre confundiram dois conceitos bem distintos, como se fossem a mesma coisa: o de “Deus” e o de uma “Entidade Criadora”, que se deu mal na sua “experimentação”**.

A “*Torah*”, a chamada “bíblia judaica”, os demais livros do Antigo e do Novo Testamento da “*Bíblia*” cristã e o “*Alcorão*”, **todos eles se referem, de fato, a esse Criador “problemático”, jamais a Deus!**

Os fiéis, os devotos, os crentes e os tradutores das respectivas teologias foram os que criaram essa confusão absurda, **difícil de ser, na atualidade, compreendida pelos psiquismos que se viciaram nesse tipo de crença teísta.**

O “Projeto *Talm*” formulou, portanto, o “*nidana*” como sendo o código possível de ser transferido para o universo biológico e, aqui, ser replicado e adaptado às novas condições de vida de cada mundo onde o mesmo viesse a ser “semeado” – como foi o caso do que aconteceu na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos, quando surgiu a “molécula-mãe”, com o seu DNA já complexo e delicadamente programado.

Foi desse modo que ocorreu a transferência, do universo antimaterial para o de ordem material, do código-fonte definidor de vida do Criador. No cerne do processo, **o “modelo operacional colmeia” foi, portanto, transferido do**

Brahmaloka para o Bhuloka.

Assim, o “germe” do Criador “doente” e “caído” surgiu no universo em que vivemos, no qual, na época, estava vivenciando o final de ciclo da sua terceira geração de estrelas, as que encheram o meio galáctico de elementos químicos mais pesados, os quais, por sua vez, permitiram o surgimento de planetas rochosos, a água e a vida ancorada no carbono, como a conhecemos.

Esse “germe” do Criador – com o ímpeto de sobreviver a qualquer custo, nele atavicamente registrado – aprendeu a se replicar e a se auto-organizar do mesmo jeito como até agora acontece. Contudo, para bem procurar conhecer o tal “germe” do Criador e a maneira como ele fez e faz para continuar a se replicar, é necessário que seja percebida a sua indissociável ligação com a chamada “geometria fractal”, que já estava funcionando por aqui antes dele aparecer neste universo.

Novamente, reproduzindo o que se encontra explicitado no já citado livro do Dr. Massimo Citro:

“Uma forma específica se torna possível graças a suas relações e aos padrões numéricos contidos no seu design. O mesmo ocorre na geometria fractal descoberta pelo matemático francês Benoit Mandelbrot. Fractais são formas geométricas extremamente desiguais em que cada parte tem a mesma característica estatística do todo. A mesma estrutura (por vezes bem complexa) se repete em cada uma das partes e em ampliações sucessivas. Nos fractais, a forma se repete em cada ordem da dimensão, como nas caixas chinesas. A couve-flor é um bom exemplo: há uma semelhança notável entre cada pedaço dela que se quebra e a couve-flor toda; mais divisões produzirão couves-flores minúsculas. Essa autossemelhança é comum na natureza: pode ser encontrada nas rochas de uma montanha, nas ramificações de um relâmpago ou de uma árvore, nas bordas de uma nuvem, ou em litorais e no delta de um rio.”

Seja como se queira observar, a ressaltada autossemelhança ocorre no movimento da vida deste universo devido ao fato do **“germe” do Criador ser o elemento fractal que se replica**, espalhando os registros da sua semelhança com tudo o que existe por onde ele passa.

14ª Constatação:

Como o “germe” do Criador está presente em toda e em qualquer forma de vida, pois nada existe de vivo que não tenha sido edificado a partir dele, o seu genoma pessoal, assim, está manifestado em todos os corpos dos seres vivos.

Qual seria o único lugar onde o “germe” do Criador não poderia estar nos organismos vivos?

A resposta que precisa ser compreendida é: **no psiquismo dos próprios**

seres vivos, desde que os mesmos se libertem da influência avassaladora dos seus corpos inevitavelmente “infectados”, o que, em tese, somente seres racionais e dotados de liberdade o poderiam e o podem fazer.

Todavia, se o organismo se encontra preso a um “sistema colmeia”, será que esse psiquismo, em linhas gerais, poderá ser livre da influência do “germe” do Criador? Não, não pode!

15ª Constatação:

Somente os psiquismos libertos poderão se ver livres da influência atávica e genética do código “doentio”, presente no “germe da vida”.

Diante do que se conhece até agora, não existem dois modos de vida ou duas origens distintas no mecanismo da vida no universo: existe somente um! E esse único jeito é o Criador existindo por trás da face dos seres vivos – as suas “criaturas-ferramentas” –, que são obrigados a labutar na sua Obra.

Na verdade, é apenas ele que vive, e em tudo, pois está por trás do mecanismo de percepção de cada ser vivo. O psiquismo do “Dono do germe” é que realmente se encontra por trás de cada par de olhos de qualquer animal biológico, notadamente dos de um ser humano, tentando compreender a sua situação e a da sua Obra, por meio do que consegue capturar da lógica racional dos mesmos.

O “germe” apenas troca informação bioquímica enquanto o psiquismo do Criador “caído” absorve e tenta apreender as novas respostas psíquicas que ele precisa para se reconstruir – espiritualmente falando.

O Dr. Massimo Citro afirma que *“o DNA é a máquina de escrever, mas é outro alguém que escreve”*.

Esse alguém pode ser desde um vírus que se instala numa célula e a infecta de tal modo que começa a “ditar a sua receita” nela, até o psiquismo primário instintivo dos seres irracionais. Qualquer ser vivo “mexe” de algum modo com o seu próprio genoma, a cada segundo da sua existência! Contudo, o que estou procurando ressaltar aqui, é que o psiquismo do ser racional é que melhor poderia “escrever” o teor da carga das suas atitudes mentais e das informações que lhe marcam a personalidade.

Nesse ponto, começam os problemas do Criador e de todas as suas criaturas para definir as modificações necessárias nos seus códigos de vida, à exceção das que dispõem de psiquismo liberto e esclarecido para “saber escrever” o futuro por meio do seu DNA pessoal, e “pilotá-lo” por caminhos que sequer a atual condição humana pode imaginar, ignorante que ainda se encontra em relação a esse assunto.

O “sistema colmeia”, por majestoso e “perfeito” que o mesmo possa parecer, utiliza o DNA das abelhas eussociais dentro de uma estreita obediência aos

padrões da espécie, no atendimento aos ditames da **necessidade da abelha-rainha**, e nisso reside a sua função.

A Criação, porém, não irá a nenhum lugar, como não está mesmo indo, com a aplicação do “sistema operacional colmeia” sobre a única espécie – a *Homo sapiens* – de seres que precisam agir livremente para descobrir uma maneira de “escrever” no seu próprio DNA, para estabelecer as “fronteiras do amanhã universal” e reconstruir o próprio Criador “caído”.

Todas as espécies foram sendo criadas para atender as necessidades sempre novas e desesperadoras que surgiam a cada etapa da dramática história dos Seres Criadores, “prisioneiros” do universo vizinho.

Controlar, por meio da imposição, destruir o mais fraco para se alimentar do seu corpo e se reproduzir para levar a vida do “germe do Criador” adiante, esses são os três focos básicos das necessidades da vida de todos os descendentes do “código-fonte original”, definidor de vida.

Os humanos romperam o “lacre” do sistema de controle – o “modelo colmeia” – para poderem evoluir, mas ainda não o realizaram como deveriam e poderiam porque sempre fizeram mau uso do poder que detêm nos seus psiquismos, por serem “afetados” e, por enquanto, ignorantes.

O “Plano Colmeia” para o Universo Biológico

Quando os “Seres da *Trimurti*” consideraram inevitável a transferência do código do psiquismo e da consciência *demo* (ou *demodhármica* ou *trimurtiana*) dos ambientes do universo antimaterial para os mundos do universo biológico, o planejamento de como isso se daria foi, então, chamado de “Projeto *Talm*” – já abordado no capítulo anterior – pelo grupo que assumiu a aventura da sua execução.

A intenção sempre foi a de recriar a “Colmeia *Trimurtina*” nos moldes biológicos, por espantoso que isso possa parecer ao atual pensamento humano. Assim, tudo o que surgiu como ser vivo, desde então, no universo em que atualmente vivemos, foi produto dessa tentativa que, por sinal, ainda se encontra em curso.

Os terráqueos representam tão somente a face mais moderna do “Projeto *Talm*” e do processo de eclosão da vida, que a chamada “evolução” vem promovendo.

No primeiro capítulo, mencionei as “fofocas cósmicas” sobre espécies extraterrestres que possuem a forma de insetos – popularmente chamadas de “insectoides” –, que surgiram universo afora, após a “semeadura” do código-fonte definidor de vida do Criador, adaptado às condições deste universo material.

A partir desse ponto, é de boa prudência que ancoremos o tema em estudos científicos que nos possam facilitar o entendimento em torno de temática tão complexa.

Rupert Sheldrake, em seu livro “*Uma Nova Ciência da Vida*”¹, cuja abordagem revolucionária convida os que buscam a verdade a seguirem adiante, ainda que sem o apoio do academicismo, reflete que:

“Neste livro, discuto campos morfogenéticos, os campos organizadores de moléculas, cristais, células, tecidos e, na verdade, todos os sistemas biológicos.

*Também discuto os campos organizadores do comportamento animal e de grupos sociais. Enquanto os campos morfogenéticos influenciam a forma, os campos comportamentais influenciam o comportamento. Os campos organizadores de grupos sociais, como bando de aves, cardumes de peixes e colônias de cupins são chamados campos sociais. Todos eles são campos mórficos. Todo campo mórfico tem uma memória inerente dada pela ressonância mórfica. Campos morfogenéticos, os campos organizadores da morfogênese, são um tipo de categoria mais ampla de campos mórficos, como uma espécie dentro de um gênero. Em *The Presence of the Past*, exploro a natureza mais ampla dos campos mórficos em seus contextos comportamentais, sociais e culturais, e suas implicações para a compreensão da memória animal e humana. Também sugiro que nossas próprias memórias dependem da ressonância mórfica e não de vestígios materiais de memória armazenada em nosso cérebro.”*

Sheldrake, sem que o deseje, aponta para as memórias da Mente Eterna da consciência espiritual individualizada e imantada a um cérebro físico transitório, só que ele se refere a isso como sendo o processo de ressonância mórfica, que atua sobre o cérebro físico, e não a mente espiritual agindo sobre o mesmo.

Sem entrar no mérito da questão, penso que o que ocorre, de fato, é uma sobreposição desses dois processos, um de ordem espiritual e outro de ordem mental/astral, nos quais esses campos se encontram situados.

O que importa aqui perceber é que bem antes do surgimento da vida biológica, os campos mórficos, enquanto circuitos comportamentais, já existiam, pois que esses eram os campos organizadores do comportamento de clones e demos, os dois grandes gêneros residentes no universo vizinho.

Com o já citado “Projeto *Talm*”, foram gerados novos campos morfogenéticos e sociais para as espécies biológicas e outras, que a humanidade ainda desconhece.

A primeira e única versão de campo mórfico aplicado no universo biológico tomou como base o “sistema colmeia”, existente desde o início da vida, que foi centrado em Brahma, como “Abelha-rainha”, e nos anjos-clones, como as “Abelhas-operárias.

O conceito da “Divina Colmeia”, que aqui estou empregando em relação ao sistema operativo construído pela “desesperada Engenharia” de Brahma/Javé, objetivando controlar as suas “partes-criaturas” – que depois evoluíram para “criaturas-ferramentas”, da mesma maneira que as abelhas-operárias são para as colmeias – obviamente, traz consigo uma dose de ironia. Assim é porque o Criador sempre pretendeu ser magnífico, um “Deus”, mas mantendo todas as suas criaturas “enjauladas” em códigos de vida “lacrados” – como o DNA que existe nos seres vivos terrestres –, para poder controlá-las.

Devido à força superlativa desses traços de **subjugação psíquica, registrados nos códigos genéticos**, foi que, lá na origem da “semeadura” da “molécula-mãe” na Terra – ocorrida há 3,8 bilhões de anos – essa **primeira molécula conseguiu tão somente se replicar, sem jamais se unir a outra**, porque a desgraçada “herança da desconfiança ou da desagregação” veio implicitamente nela marcada. Disso resultou que, por um pouco mais dos 3 bilhões de anos seguintes, as partes replicadas unicelulares nunca se uniram naturalmente para compor um organismo pluricelular. A “desconfiança bioquímica” sempre foi e ainda é total!

De modo muito estranho, sem que existam os fósseis de transição para demonstrarem de que modo este processo se deu, eis que ocorre a **“explosão cambriana”²**, quando a vida pluricelular já apareceu pronta, edificada, acabada, nos mares da Terra, parecendo forjada em outro **“planeta-laboratório”**. Então, como se numa segunda etapa de uma “semeadura”, o mesmo DNA da “molécula-mãe” foi para cá trazido e depositado, só que, dessa vez, na forma de organismos já bem mais complexos, ostentando novidades evolutivas, que foram as questões dos organismos pluricelulares e da sexualidade, com as **definições de “macho” e “fêmea”**.

Nenhum cientista tem a mais leve ideia ou sabe explicar como todo esse processo que resultou na “explosão cambriana”, ocorrida há cerca de 545 milhões de anos, se deu realmente.

Quanto aos especialistas em ciência que não sabem, mas insistem em posar como se soubessem, no livro *“A Conexão da Consciência”³*, do Dr. Larry Dossey, há o seguinte relato a respeito do tema intitulado *“Que Diabo Está Acontecendo Aqui?”*, que aborda o aspecto dos cientistas nada saberem sobre a conexão da consciência, porém se pavoneiam como se soubessem:

“(...) em muitas áreas da ciência, a arrogância eclipsou a admissão da ignorância. E a arrogância — isto é, a certeza de sabermos mais do que realmente sabemos — criou um sério obstáculo à nossa compreensão da consciência. Ela impediu que se desse ouvidos de maneira justa a um imenso corpo de pesquisas que apontam para um aspecto da mente que é não local e se estende além do corpo, por insistir em afirmar com arrogância que tais fenômenos simplesmente não podem ocorrer, assim como fez quando afirmava que rochas não podiam cair do céu. E, como não podem ocorrer, esses fenômenos não ocorrem. E ponto final, danem-se as provas e caso encerrado. Este livro reabre o caso examinando provas que desafiam a atual suposição segundo a qual a consciência é inteiramente local — isto é, ela é produzida pelo cérebro e a ele está confinada.

Para corrigir a arrogância epidêmica em muitas áreas da ciência, poderíamos levar a sério a divertida sugestão de Wes Nisker, professor de meditação budista: “Imagine só como seria bom se nós todos nos encontrássemos de vez em quando em grandes reuniões públicas e admitíssemos que não sabemos por que estamos vivos, que ninguém sabe, com certeza, se há um ser supremo que nos tenha criado e que ninguém tampouco sabe que diabos está acontecendo aqui”.”

Esse é um dos aspectos da questão que me incomoda profundamente a ele me referir, pois a resposta sobre o “que diabos tem ocorrido e que continua a acontecer por aqui” é exatamente o conteúdo dos livros que compõem a “Revelação Cósmica” em curso.

Realmente, a ciência da atualidade não tem respostas para o que ela mesma descortina, mas finge ser conhecedora do que não sabe, impedindo sempre que o olhar humano vá onde seus cânones não logram atingir. Desse modo, temas como vida extraterrestre, vida extrafísica (antimaterial), demo, anjo-clone, “Deus” e “deuses”, consciência e alma, dentre outros, permanecem ridicularizados, quando observados fora dos limites que a crença na aleatoriedade e no materialismo simplório impõe.

No nosso mundo, cerca de uns 70 milhões de anos atrás – segundo algumas correntes científicas –, depois que a vida pluricelular surgiu no mar, a mesma passou a existir também na parte da superfície coberta por terra, quando os répteis, os insetos e outras classes de seres vivos apareceram – num tempo em que os mamíferos não existiam – para reinar nos quadrantes do planeta. A razão desse encadeamento ter se dado desse modo também não é lá muito clara para os padrões da ciência.

“Há 480 milhões de anos, os oceanos estavam cheios de vida, mas sobreviver fora da água era desafiador”, descreve o biólogo Karl Kjer⁴. “As plantas e os insetos evoluíram simultaneamente, um afetando o outro” – complementa ele.

Os primeiros insetos que habitaram o planeta, surgiram há cerca de 480 milhões de anos e, 80 milhões de anos depois, desenvolveram a habilidade de voar.

Dizendo de modo simples, peixes, répteis, dinossauros e insetos conviveram por boas centenas de milhões de anos até que o choque de um bólido celeste com a Terra, há aproximadamente 60 milhões de anos, extinguiu os dinossauros, permitindo, assim, o surgimento dos mamíferos e, mais tarde, dos primatas e dos primatas superiores. No meio dessa engendrada e forçada vida pluricelular que apareceu na Terra, surgimos nós, os humanos, ditos “racionais”.

O que desejo ressaltar, porém, é que o viés **da “subjugação primária” do**

modelo ancestral da coexistência do Criador “caído” com os seus anjos-clones, foi um dos primeiros a se manifestar – no estranho encadeamento de como a vida foi evoluindo no nosso planeta – **sob a forma de alguns insetos**. Na atualidade, dois terços de todas as espécies animais são de insetos – há mais de um milhão de espécies distintas de insetos até agora catalogadas, das quais mais de 25.000 espécies são de abelhas, distribuídas em sete famílias biológicas reconhecidas.

O DNA é um componente químico da vida. Contudo, para que nele os padrões genéticos possam se encontrar delicada, cirúrgica e misteriosamente ordenados, se faz necessário o concurso de mais um componente, ou seja, os métodos físicos. Aqui concorre, ainda, o não menos misterioso processo de produção proteica para que, de uma gota de um ácido venha a surgir um corpo biológico a partir de células cujos circuitos são extremamente singulares e complexos – com carne, sangue e evolução cerebral, por exemplo.

Sobre a questão de como o DNA foi constituído e por quem ou pelo que – tem cientista que defende que foi o acaso, a tal aleatoriedade –, Deepak Chopra faz o seguinte registro em seu livro “O Futuro de Deus”⁵:

“Será que Deus é o 747 Supremo?”

Uma resposta famosa foi proposta para essa pergunta. Em 1982, o astrofísico britânico Sir Fred Hoyle deu uma palestra no rádio e mencionou, de passagem, que “um colega meu descobriu que uma célula de levedura e uma aeronave 747 têm o mesmo número de partes, o mesmo nível de complexidade”. A explicação científica atual para como todas as partes complexas de uma célula de levedura se reuniram é a aleatoriedade. Hoyle tentou calcular a probabilidade de o mero acaso ter “montado” uma célula viva. As chances eram minúsculas. O que sobreviveu foi uma analogia impressionante que não depende de ele ter acertado nos cálculos (o modelo do avião mudou, mas o argumento continua o mesmo): “A probabilidade de formas superiores de vida poderem ter surgido dessa forma (isto é, aleatoriamente) é comparável à probabilidade de um tornado passando por um ferro-velho montar um Boeing 747 com as peças contidas no ferro-velho”.

A analogia foi brilhante porque qualquer pessoa pode entender e acreditar nela. Um Boeing 747 tem mais ou menos seis milhões de peças e é preciso inteligência, projeto e planejamento para montá-las e criar uma aeronave. Hoyle não foi um criacionista e não acreditava em Deus. Seu objetivo era mostrar que estruturas extremamente complexas não podem ser explicadas pelo acaso.

É fácil estender a analogia do ferro-velho e do Boeing 747 para reforçá-la ainda mais. Reforçá-la mil vezes, na verdade: o DNA humano tem seis bilhões, e

não seis milhões, de nucleotídeos (as “letras”) no código genético.”

Fiz questão de reproduzir a passagem acima do livro de Chopra com o objetivo de acolchoar o psiquismo do(a) presumível leitor(a) destas páginas, para mais uma vez registrar como seres humanos cultos e profundamente capacitados em certas áreas da ciência são absolutamente cegos e ignorantes em outras, porque o acaso, para eles, continua a ser a explicação lá no início de tudo – no “*Big Bang*”. Ou será que é porque, caso retirem a aleatoriedade desse pedestal que somente os que tem viseira costumam olhar, eles terão que substituir essa causa que, apesar de bizarra, é verdadeiramente cômoda, porque a outra opção é a de aceitar a figura de um “Deus”, ou seja, a de um “Observador-criador”, como proposto pela Física Quântica – o que para eles dá no mesmo – ou, o que é pior, admitir o “Deus bíblico” ou o “Deus corânico” como sendo o Criador “problemático”.

Pouco importa! A questão é que, nesta Obra de “Engenharia Físico-química-biológica”, reside o código-fonte de gerar vida, que é tão ou mais problemática que a do Ser que a gerou desse jeito.

O principal retrato desse problema – que é a maneira como os seres vivos interagem com esse “perfil de Ditador” – é exatamente o código do “sistema colmeia”, e foi por isso que, logo que apareceu vida complexa por aqui, surgiram insetos com esse tipo de registro, porque foi o modelo de vida cujo padrão de conduta mais se assemelhou ao código importado das “Altas Esferas” da vida do universo vizinho, que foi o da interação de Javé com os seus Assessores Diretos – imaginemos as “esferas inferiores” de lá!

Foi assim que o “plano colmeia” veio para este universo material!

Muito antes de existirem leão, cachorro, cavalo, touro, macaco, chipanzé e os seres humanos, lá estavam os insetos como uma das primeiras levas de vida obediente e organizada conforme o genoma das espécies, imitando – às vezes, pobre e toscamente, e em outras, num patamar mais complexo de semelhança possível –, o *modus operandi* ancestral do Primeiro Ser que se organizou, gerou outros e resolveu imperar sobre os demais.

O modo das formigas, de trabalharem juntas pelo objetivo comum, obedecendo a um “chefe”, tinha uma representatividade bem mais marcante no psiquismo terreno – não mais na atualidade, porém, no passado. Os “mirmidões de Aquiles” – “*myrmex*”, em grego, significa “formiga” –, que lutaram e foram decisivos na Guerra de Tróia, seriam formigas transformadas em guerreiros, conforme a crença mitológica. Na verdade, eram simplesmente homens que, durante as contendas, se “sentiam” do mesmo modo que as formigas. Era comum, naqueles dias, capturar formigas de lugares diferentes e colocá-las para brigar, enquanto eram observadas. Aqueles “homens-formigas” tinham a

“mentalidade do sistema colmeia” e, para eles, a morte não lhes representava o problema que se configura para os demais seres humanos.

Nos tempos atuais, o DNA de cada pessoa esconde, no seu chamado “DNA-lixo”, as sequências do velho sistema de dominação genética à “moda colmeia”. Que elas permaneçam assim, adormecidas! Como tais sequências podem ser ativadas? Muito provavelmente por meio de um processo chamado de “transposição”, no qual uma sequência de DNA – “transposon” – é capaz de se movimentar de uma região para outra, em um genoma.

Os “transposons” influenciam a evolução e a composição de genomas de plantas e de animais, e podem se inserir dentro de genes do próprio organismo, causando diversas doenças ou sendo fonte de nova informação genética, com seus desdobramentos antes impensáveis. Uma das possibilidades é a transferência de parte do DNA de uma espécie para outra. No caso, os humanos podem ter genes de insetos nos seus organismos, mas esse aspecto ainda não foi devidamente comprovado pela ciência.

Concluindo o presente capítulo, pode-se afirmar que a força que acionava e sustentava a *Trimurti* ativa – ainda que seus três “Polos Mentais” não convivessem diretamente – era a mesma que mantinha em funcionamento o “sistema colmeia” entre Javé e os seus anjos-clones, e dela foi selecionada a sua possível “face clonada”, relativa ao seu modo de operar, cujo código foi transladado para este universo, com o objetivo de ser o modelo de como a vida deveria preferencialmente vigorar nos mundos daqui.

O “*nidana*” – ou a nova “Singularidade” codificada com os traços da “doença” do Criador –, quando foi “semeado” neste universo, trouxe consigo esse velho “jeito colmeia” de ser e de existir.

Subserviência “Deslacrada”

Às vezes, algumas poucas pessoas me transmitem as suas opiniões sobre o teor dos livros que escrevo, classificando-o generosamente como esquisito e inapropriado. Que seja! Para mim, porém, esquisito mesmo é o conjunto dos conceitos e das crenças que condicionaram a humanidade a acreditar em todo tipo de balela teológica e a confundir Seres “doentes” com o conceito de um “Deus” amoroso e perfeito. Esse aspecto é que foi, conforme penso, terrivelmente inapropriado.

Se houve uma revolução solitária de Pandora, que fez uma transferência de fase inédita na história universal, levando o seu psiquismo a se libertar da “travagem” e a se alinhar com a espécie humana – cujos membros, na ocasião, eram tidos como “animais de estimação” pelos “deuses” –, em contrapartida, ocorreu um condicionamento, uma lavagem cerebral para enjaular o recém-liberto psiquismo humano nos padrões definidos pelos seus “Ex-proprietários”. E esse aprisionamento veio a se dar por meio das religiões ancoradas neste triste e infeliz enredo ancestral de “Deuses” disputando poder em torno da origem da Criação e do seu comando.

Sim! Do mesmo modo que existem bovinos distribuídos em muitas fazendas pelo planeta, no passado remoto, os poucos humanos sobreviventes e já minimamente racionalizados se dividiam também em “rebanhos” do “Deus fulano”, do “Deus beltrano” e da “Deusa tal”, em diversas regiões planetárias.

Foi necessário um novo “deslacre”, de uma outra mulher chamada “Eva”, citada na “*Bíblia*”, e de outras tantas, até que as linhagens humanas se misturaram. Disso, emergiu a descendência de Heleno – neto de Pandora e filho de Pirra e Deucalião –, que gerou as quatro etnias que viriam a formar o povo grego, a saber os jônios, os eólios, os dóricos e os aqueus, e nele, a nova genética da liberdade foi preservada, só que a muito custo.

A subserviência dos humanos em relação às “abelhas-rainhas” que surgiram ao longo dos desdobramentos existenciais – foram e ainda são muitos os seres

que tal função julgam exercer – foi “deslacrada”, finalmente, e continua sendo, numa luta que mal pode ser enxergada pelos “humanos-operários” que, de modo, isso sim, esquisito, bradam sua fé nesse ou naquele “Deus”, quando, na verdade, estão somente exercendo a sua destinação genética condicionada e viciada num velho padrão, do qual, em tese, alguns poucos núcleos humanos ousaram se libertar lá atrás. O doloroso é que os “viciados em fé” se têm como modernos! Haja esquisitice!

O iniciador, porém, de toda essa “epopeia de libertação mental” foi Yel Luzbel – que é o nome cósmico de um ser biodemo, um extraterrestre, que ficou conhecido como “Lúcifer”, pelos terráqueos –, só que ele agiu, naquele tempo, sem ter a mais remota noção do que estava por trás das imprecisões e das “feridas” da existência, a que chamamos de “realidade”, com as quais ele se defrontou.

Sem que a tanto desejasse, Yel Luzbel “deslacrou” o seu psiquismo e deu origem à maior das revoluções já ocorridas até então, no contexto da Criação. Sem que o soubesse, o movimento da sua consciência fez com que um velho e viciado **modelo mental “demo”** – que sempre se expressara de um modo parecido ao atualmente chamado **“sistema semasiográfico”** – fosse “deslacrado”, pois que, da sua formulação biodêmica surgiu o **modelo glotográfico** de pensar, no qual a associação das letras conduz às palavras, destas às frases e, depois, sempre a ordens de contextos mais modernos no campo mais geral da compreensão.

Sistemas semasiográfico e glotográfico, o que significam?

Não é fácil nem simples falar sobre essas questões que pertencem a uma das mais apaixonantes buscas científicas relacionadas à linguagem humana e aos seus bastidores evolutivos.

Por muito que o conhecimento acadêmico tenha avançado e produzido na base desse entendimento, agora sistematizado em torno das atuais teorias de classificação das linguagens, com base no estudo de diversos parâmetros, nada se sabe das forças mentais manipuladoras que sempre estiveram por trás dessa faceta do processo evolutivo humano.

Os estudiosos consideram o “estágio semasiográfico” da escrita como sendo aquele no qual a preocupação era a de expressar significado conceitual e noções ligadas frouxamente à fala, enquanto o “estágio glotográfico” procurou tão somente expressar esta última.

No atual modo de pensar humano, seguimos inexoravelmente na direção do estágio fonográfico – cada vez mais glotográfico –, quando a escrita se preocupa não tanto em transmitir ideias e sons, mas sim a fala em si. Isso não traz ou representa problema algum: é apenas uma constatação acadêmica.

A questão é que o estudo da linguagem exige a observação de muitas dimensões que a envolvem, e estamos longe ainda da pretensão de se ter um compêndio científico conclusivo sobre o tema. E no campo da psicologia da escrita, perguntar se essa inevitável tendência de apenas expressar a fala não implicaria, aí sim, alguma esterilidade produtiva no que se refere ao aprofundamento do pensamento e dos conceitos e ideias a serem ou não produzidos pelo psiquismo, eis algo que penso que deveria ser estudado na sua devida profundidade.

Por que faço esse tipo de questionamento?

Porque, por mais que isso seja desconhecido para a cultura acadêmica e mesmo para os circuitos mais fechados das chamadas “informações esotéricas”, a linguagem mental utilizada nos ambientes espirituais é, nesse sentido, de ordem semasiográfica, na qual a preocupação com os conceitos e ideias aparecem como prioridade no campo da expressão – além de outros aspectos que a questão envolve, pois os algoritmos mentais que operam os dois sistemas em questão, dependerão dos arquivos que os neurônios cerebrais poderão colecionar por meio das suas sinapses. Insisto, porém, que esse assunto ainda será bem melhor descortinado pelo avanço do conhecimento humano.

Enigmáticamente, portanto, o pensamento algo “demente” do contexto demo, presente nas *lokas* (moradas) do universo paralelo ao nosso, também é expresso pelo complexo sistema semasiográfico, ainda que de modo modesto e pobre, devido ao psiquismo frágil dos seus habitantes.

O que tem a ver o contexto espiritual com o do universo demo? Tanto quanto tem a ver o contexto espiritual com o universo biológico no qual, agora, existimos.

A realidade espiritual envolve os dois universos, e a base semasiográfica da comunicação mental natural entre os espíritos foi repassada – na época em que tal se deu –, ao ser estruturada nos cérebros iniciais desta Criação “indevida”, ou seja, nas suas primeiras espécies clonadas. Quando, porém, a espécie mais complexa da evolução surgiu – os humanos despertos para a racionalidade – estranhamente, ela o fez com caracteres glotográficos.

Por quê?

Toda metalinguagem é histórica e se alicerça numa série de compromissos epistemológicos. Isso porque os seres de uma mesma espécie se sentem impelidos a interagirem de algum modo, e algum tipo de comunicação é natural e misteriosamente requerida. Entretanto, não é fácil de ser operacionalizada até que se transforme num canal disponível no genoma da espécie.

Entre espécies diferentes a questão se complica a graus superlativos.

Quando dos contatos que fui obrigado a ter com seres de outras condições

existenciais – jamais me perguntaram se eu queria ter algum convívio com eles, simplesmente fui obrigado a tanto –, um dos aspectos mais singulares daquela difícil interação foi o de que eles pareciam ligar um pendrive, chip ou dispositivo qualquer, que me repassava instantaneamente uma comunicação que corresponderia a umas boas dezenas de páginas.

O interessante é que, mentalmente, percebia toda a mensagem, da primeira à última expressão, e logo depois aquilo se suavizava e desaparecia por trás do meu psiquismo. Quando, porém, a recordação do ocorrido, ou mesmo a aproximação mental/astral de qualquer um deles se dava, aquilo voltava a funcionar como se houvesse um “mouse clicando” sobre o meu arquivo memorial, e o mesmo se abria, deixando disponível o seu conteúdo que, aos poucos, conforme requerido pela minha vontade, fluía pela minha mente.

Sinceramente, não sei se posso ou mesmo deveria classificar de “modo semasiográfico” o jeito como aqueles seres extrafísicos – os que são considerados “anjos” de Javé e, ao mesmo tempo, seus Assessores –, e também Sophia (a forma cósmica de Jesus) se comunicam conosco e, provavelmente entre eles, pois além de trabalharem claramente com conceitos, esses são expressos como se o início da mensagem (o passado e o presente imperioso) e o seu final (o futuro, em relação ao começo da mesma) já fossem de conhecimento prévio daquele que se comunica.

Já os humanos, movem o seu psiquismo de maneira glotográfica, pois parece ser característica da espécie se preocupar com a questão da representatividade fonética, o que faz com que o seu pensamento e a sua percepção se deem passo a passo, ou seja, letra por letra, sílaba por sílaba, palavra por palavra, enfim, frase por frase.

O que isso tem a ver?

Apesar de inadequado, tenho que deixar registrado que desconfio, ainda que não tenha como provar, que a linguagem das abelhas, das formigas e dos cupins é a do tipo ou estilo semasiográfico, ainda que em grau específico, não racional, o que faz com que essas espécies consigam realizar as mesmas proezas construtivas que as que pude perceber da parte dos tais seres clonados (também não racionais) a partir do código-fonte pessoal do Criador.

A inquietante resposta à pergunta feita lá atrás, quanto ao porquê de, no início da arquitetura da inteligência, a linguagem era semasiográfica, e depois, quando esse encadeamento evolutivo foi adiante e, mais tarde, transferido para a vida biológica e, no ápice desse processo, ou seja, com os humanos, veio a se tornar glotográfica, é: **foi a única maneira de “destravar” a subserviência – imposta geneticamente às “criaturas-ferramentas” – que existe nos “entes-operários robotizados e escravizados”, da Obra de Javé.**

Pelas informações que julgo dispor, não é que alguém tenha planejado para que os fatos se desdobrassem com esse intento: simplesmente foram acontecendo, sempre levados adiante pela percepção e tirocínio do tipo de ser mais complexo de cada momento, de cada etapa do seu penoso desenvolvimento evolutivo, que foi surgindo no âmbito da Criação.

Os movimentos de consciência de Moros, Odin e Têmis (seres demos), de Yel Luzbel (ser biodemo), de Pandora (ser demo transmutado em humano), de Eva (humano com herança de um ser demol, misturada à dos Nephelim), de Heleno (humano com herança de dois seres demos, sua mãe Pirra – que podia se transmutar em humano, característica herdada de sua mãe Pandora – e seu pai Deucalião) e de mais alguns outros, assumiram essa postura de “deslacre”, sem perceberem o “contexto apodrecido” da *Trimurti* e seus constantes e desgraçados desacertos.

Sei quão difícil é a compreensão em torno da tipologia¹ dos seres existentes no contexto desta Criação e, sobre esse aspecto, não discorrerei no presente livro. Cumpre-me, aqui, tão somente ressaltar que nos entroncamentos “interuniversal”, “intergaláctico” e “intersistêmico” que convergiram para alguns mundos deste universo material e, mais ainda, notadamente, para o nosso discreto planeta azul, ocorreram tantos episódios “fora do atual senso comum dos terráqueos”, que nem mesmo as já estranhas páginas do que, na atualidade, consideramos “mitologia”, servem para bem exemplificar.

Deu-se, por fim, o **“deslacre da subserviência colmeia”** exatamente nas experiências “naturais” e em outras que não poderiam ser assim consideradas, já que produto de interferências e manipulações genéticas de muitas ordens.

Muitas espécies e ex-protótipos de seres se encontram ainda largados nas *lokas* do universo antimaterial e em mundos do universo material, que simplesmente não servem mais para coisa alguma, além de não poderem evoluir por si mesmos. O “servir para alguma coisa”, que aqui utilizo, é no sentido de colaborar na reconstrução da condição espiritual do Criador “caído” e na finalização, em bom termo, de sua Obra. Todas as espécies surgidas até agora no *Bhuloka* e quase todas do *Brahmaloka*, emergiram como produtos de testes genéticos, dos quais poucos vieram a servir como parâmetro útil evolutivo do problema da Criação.

A tão linda natureza, que a ingenuidade humana e de outros mundos assim classificam, na verdade, é um painel perturbador de um panorama cuja amplitude no campo do desespero somente poderá ser percebida por gerações futuras de humanos mais equilibrados e adultos nas suas construções mentais perceptivas e reflexivas.

Beleza, caos e desgraça sempre se misturaram no âmago desta Criação!

Esses três painéis funcionam como se “instantâneos”, “fotografias de momentos específicos”, nos quais se pode ver a beleza de uma paisagem, a explosão caótica de dois bólidos celestes se encontrando, e a lágrima de uma criança que se vê largada no mundo, sem que alguém dela cuide, ou o animal ferido, uivando de dor em campo aberto, sem nada que o possa ajudar na natureza.

Apenas “espécies-lixo” e “seres-lixo” são o que tem sobrando nos lados da “moeda existencial” desta Obra. Ambas pagam um preço terrível por existirem, por terem nascidos como produto de experiências diversas e, depois, como todos, largados para sofrerem enquanto viverem – e assim tem caminhado esta Criação!

Desde que passei a lidar com a dura questão da “impetuosidade criminosa” de Javé, jamais deixei de me perguntar se ele não podia ter sido contido lá atrás, antes mesmo dos homens terem surgido, no sentido dele não ter cometido tantos “crimes” – como até agora ele o faz, devido ao uso da força abusiva de “predador adoentado e inquieto”, que move o seu psiquismo.

Detido por quem? Não me é possível desenvolver esse aspecto da questão nesta presente vida, mas deixo o registro para que, no futuro, o assunto possa ser retomado, pois parece que será necessário.

A minha recusa em fazer pacto com ele foi exatamente com o objetivo de tentar detê-lo, por mais que esse episódio jamais venha a ser sequer acreditado pelos humanos do meu tempo, cujo condicionamento brutal somente os permitiu perceber o lado estranho da verdade da vida, e não o ingrato, cruel e que leva o humano que o percebe à estupefação! Existirá, porém, um futuro no qual esse triste e inusitado – porém importante – evento deverá ser melhor compreendido em suas múltiplas facetas.

É conveniente levar em consideração que a vida cósmica, devido ao modo como a mesma foi gerada, sempre cobra o “choque de realidade” em cada etapa que marca as suas inevitáveis transições.

Foram bilhões de anos de “jogo de dados”, de omissão, de frieza e de “perversidade” institucionalizadas, lavagens cerebrais de todas as ordens, até que chegamos ao ponto de sermos obrigados a agradecer o infortúnio e a transformar o “vale de lágrimas” em “dádiva de Deus”.

9

Ignorância Cultivada e Crescente

No dia 18 de novembro de 1965, a Igreja Católica anunciou, na sua Constituição Dogmática, que as “verdades supremas” da sua crença eram:

- “A Bíblia tem Deus como autor.
- A Bíblia é sagrada em todas as suas partes.
- A Bíblia foi inspirada, em todas as suas partes, pelo Espírito Santo.”

O papa Paulo VI, em 30 de junho de 1968, publicou as normas da “verdade evangélica” da Revelação Maior do Catolicismo, afirmando que:

- “A Igreja Católica é a única igreja verdadeira.
- Somente a Igreja Católica propaga a verdade infalível.
- Somente a Igreja Católica é a herdeira legítima da promessa divina.
- Somente a Igreja Católica está de posse do Espírito de Cristo.
- Somente a Igreja Católica está de posse da verdade plena e toda.”

O aspecto formidável aqui é o de que esses postulados foram produzidos em pleno século XX, após uma longuíssima carreira de crimes praticadas contra o avanço do tirocínio humano ao longo de mais de 1500 anos de postura imperial.

Mesmo com a inescrupulosa “santa inquisição”, o fato da Igreja Católica ter mantido gerações e mais gerações de seres humanos analfabetos – com a justificativa de que era para ninguém interpretar erradamente as sagradas escrituras –, o assassinato de gênios como um Giordano Bruno, a humilhação de outros como Galileu Galilei, estando sempre errada, ainda assim, ela escreveu e tornou dogma de crença esses absurdos acima, reproduzidos num tempo no qual a razão, a decência e a espiritualidade esclarecida pareciam ser a busca dos

movimentos sociais e políticos. E todo esse despropósito foi considerado normal, como sempre o foi, pelo senso crítico religioso de seus seguidores!

A “igreja colmeia” tem funcionado há um longo tempo, vendendo a ideia de que “Deus” é uma “Abelha-rainha” amorosa, diferente das abelhas literais, porque ele age como um servidor, um disponibilizador de bençãos e de dádivas, sendo a principal delas a própria vida dos seres da sua Criação.

A “igreja colmeia” também afirma que “Deus” se consubstanciou como homem em Jesus, que veio para servir e dar a sua vida em sacrifício, porque o “Deus amoroso”, acima referido, exigiu que ele derramasse o seu sangue, quando o obrigou a beber o “cálice da fúria divina” em relação aos “pecadores” da Terra, que só daquele jeito seriam perdoados os “sabem-se lá quais pecados” de Eva e de Adão, praticados lá atrás, na história da humanidade.

“Beleza” de teologia essa, que explica e justifica, por meio da exegese bíblica, esse tipo de entendimento a ser adotado pelas “abelhas-operárias da colmeia”.

E assim são as religiões: operadoras do novo “sistema colmeia” – o velho modelo adaptado a seres que se racionalizaram e que “precisam” ser novamente condicionados – sobre a desavisada sensibilidade humana, para que as pessoas sejam o que as “abelhas-rainhas” definirem (o papa, o cardeal, o bispo, o padre e o pastor, entre outros) por meio das regras da “colmeia”.

Estranhamente, a teologia judaica e as “abelhas-rainhas” da época crucificaram Jesus exatamente porque ele não estava sendo uma “abelha-operária” – vamos dizer – muito aplicada, uma vez que agia diferente do resto do “rebanho-colmeia”. Qual o seu erro? O de não querer usar os seus superpoderes para obrigar os humanos a retornarem para o controle de Javé, preferindo fazê-lo por meio do “convencimento amoroso” – se é que isso existe.

Contar quantas pessoas geniais e humildes a sagrada e imaculada Igreja Católica já matou nesses seus 1600 anos de história, é coisa que só os “cartórios da Espiritualidade” dão conta.

Juntando tudo isso às dezenas de milhares de casos de pedofilia somente ao tempo desta nossa geração de humanos, seria de se perguntar como as “abelhas-operárias” do “sistema colmeia” do catolicismo ainda permitem chamar de “santa”, de “sagrada” e de “imaculada” uma igreja que nem mesmo a figura do papa escapa dos seus furtivos crimes, como foi o caso de João Paulo I, que, curiosamente, apareceu morto apenas 33 dias depois de ter assumido o papado.

Até onde esse “sistema colmeia” praticará crimes, além de proteger os criminosos, expondo as pessoas que foram agredidas, como se elas fossem culpadas por estarem atrapalhando o bem-estar dos seus pares católicos ao denunciarem as violências das quais foram vítimas?

As “colmeias humanas” têm dessas esquisitices: criticam as vítimas e enaltecem os agressores; protegem canalhas e perseguem os agredidos!

Como as religiões que se dizem cristãs podem recitar as bem-aventuranças de Jesus, o suave galileu, sem que lhes fiquem rubras as faces? O descaramento deles não permite que isso aconteça!

É assim que o “sistema ancestral colmeia” vai tentando ser recriado nos tempos modernos e pós-modernos, ainda que, atualmente, sem disfarces maiores: que o diga o Papa Francisco, que tem tentado fazer o que pode para emprestar mais dignidade à igreja a qual pertence. Eis um ser humano com luz própria, agindo nobremente em “plena noite das trevas” da cúria romana, que ainda se diz “conduzida pelo Espírito Santo”.

Faço esse tipo de registro tão somente para procurar ressaltar como as palavras são usadas para condicionar as pessoas bem-intencionadas que, por portarem nos seus genomas os resquícios da tendência à obediência, facilmente se tornam vítimas de certas tradições controladoras, que imperam na cultura planetária.

Citei o caso da Igreja Católica simplesmente porque ela é a mais antiga instituição da história humana, notadamente do viés ocidental, que se perpetuou na arte de dominar as pessoas” diminuindo-as ao máximo, para poder controlá-las. Contudo, qualquer outro viés religioso, à exceção do budismo e do Tao ancestrais – na atualidade, tudo está bem complicado –, tem, nas suas páginas históricas, o selo de péssimo desempenho no campo da decência. Ainda assim, prevaleceram e são as principais forças dominantes do mundo, porém, o que chamo de “Era do Conhecimento” já começou a perturbar o império desses poderios sobre as gerações de seres humanos que surgem para a vida cósmica nos moldes em que a vivemos na Terra.

Espiritualmente falando, a partir das duas últimas décadas do século passado, só continua sendo inocente e confortavelmente ingênuo quem, por omissão ou mesmo por opção, assim o desejar.

Se a sua ingênua fé religiosa servir de apoio e de combustível para que elites religiosas criminosas usem do nome de Deus, de Jesus, de Maomé e de outros no cometimento de crimes absurdos, não tenha dúvida que – em algum momento, notadamente após esta vida, quando a consciência particularizada se vir obrigada a se alimentar dos efeitos da semente covarde, omissa e preguiçosa da fé inconsequente e simplória, pois jamais raciocinada – a coautoria desses tantos males cometidos lhe será atribuída pelo seu próprio tirocínio espiritual.

A ignorância voluntariamente cultivada, e sempre de modo crescente, tem um preço a ser pago. Enquanto escrevo estas páginas, ao tempo da heroica labuta solitária do papa Francisco – pretendendo introduzir, além das muitas que já fez,

mais reformas estruturais e profundas no Vaticano –, pode-se tristemente perceber que sequer ele dispõe de nomes livres da pecha da corrupção para substituir os atuais “donos” das funções ministeriais na cúria romana. Tais ministros se encontram absolutamente corrompidos, como referido por ele próprio, pela imprensa italiana e por diversos livros publicados a respeito dos principais cardeais radicados em Roma, e talvez esse contexto deplorável seja uma evidência exata desse tipo de problema. É muito acúmulo de “lixo” e de vibrações pesadas advindas de inocentes violentados pela omissão e pela criminosa atitude de verdadeiros monstros, travestidos de “homens sagrados”.

São inaceitáveis o silêncio e a omissão dos católicos para com essa e outras questões. Pretendem proteger a religião enquanto alimentam o quê? Qual o peso moral desse tipo de alinhamento com os desvios de conduta? Que tipo de responsabilidade espiritual os crentes do catolicismo pensam que estão colecionando com o fechar de olhos para o problema? Esse tipo de omissão apoia o papa Francisco ou o expõe na sua luta solitária?

Escândalos e mais escândalos se sucedem, mas, apesar disso, a Constituição Dogmática do Catolicismo permanece inatacável, como intocáveis – pois não existem atitudes, por parte dos fiéis, para alterá-las – também permanecem certas sequências genéticas de controle, não tão adormecidas assim em boa parte do genoma do “rebanho humano”.

Inesperada Liberdade

“Contra a força de Javé não pode haver vitória”, disseram-me repetidas vezes os seus anjos-clones, na tentativa frustrada de me dominar, de me fazer ajoelhar perante aquele tipo de poder que, criminosamente, invadiu a minha cota de vida humana com a justificativa de que, para aquele Ser, tudo lhe era permitido, por ser ele o “Criador dos Céus e da Terra”.

Deixando de lado outros aspectos da questão, sempre pensava como era estúpido considerar o resultado daquilo como sendo derrota ou vitória.

Demorei muito para compreender como a “horda colmeia”, composta por aqueles seres das “famílias *Aya* e *Aye*” – mais especificamente os que fizeram o primeiro contato comigo –, encontrava-se vivendo talvez o ápice da sua condição de desenvolvimento no campo da inteligência, enquanto, paradoxalmente, permaneciam ignorantes sobre o sentido da racionalidade subjetiva e complexa, relativa à decência, às emoções superiores e ao senso crítico.

Aqueles seres, incluindo Javé, somente dispunham, nos seus psiquismos, de algumas poucas sensações que os levavam a sobreviver a qualquer custo, da inteligência para fazer valer o mais forte sobre o mais fraco, e da capacidade de construção de instalações e naves descomunais, pois que os padrões algoritmos dos seus intelectos efetivamente são privilegiados.

16ª Constatação:

O choque que os seres *Aya* e *Aye* tiveram com o resultado do “jogo de dados bioquímicos” que eles mesmos promoveram, e que resultou na espécie *Homo sapiens*, até o momento atual repercute nos seus estranhos circuitos mentais, e eles não sabem o que fazer com os humanos, notadamente com os da Terra.

Em nenhum quadrante universal da Criação, seja neste ou no universo demo vizinho – o universo antimaterial não deve ser confundido com o contexto da realidade espiritual que envolve ambos os universos gerados –, havia surgido

uma espécie com massa crítica pensante e equilibrada o suficiente, e capaz de transcender à “podridão” reinante nos psiquismos “infectados” e simplórios, comuns a esses dois contextos existenciais.

Mascarar essa “podridão” com “faces de demós sacralizados como se fossem deuses”, foi a fase que englobou as sete primeiras eras¹ desta Criação, e que agora se concluem, posto que é finalmente chegado o tempo de esclarecer o conhecimento acumulado até o atual momento cósmico – isso ocorrerá após superarmos o “império doentio” da fé e da crença infantilizadas pelas teologias das religiões elaboradas nos últimos quatro milênios.

Estes dois universos, o demo antimaterial e o biológico material, tiveram que trabalhar bastante a estranha associação do acaso com alguns intentos em curso, para dar no que deu: o surgimento de uma espécie com características psíquicas que ninguém esperava, nem mesmo os “Jogadores dos dados genéticos”, que se têm como “Criadores” e “Senhores da Vida”.

Daí o susto de Javé e de seus anjos-clones com o fato de Eva e Adão terem se tornado racionais, conforme exposto pela tradição judaico-cristã, ainda que existam muitas outras maneiras e fontes históricas reais para se abordar esse tema.

Finalmente, seus descendentes, depois de terem passado pelo “lamaçal” da fé mal racionada e infantilmente dirigida, agora, poderão dar início, como já dito, ao esclarecimento do conhecimento adquirido, melhorando assim o patamar da compreensão acumulada.

O que isso tem de estranho?

17ª Constatação:

Parece que só os humanos, dentre os demais tipos de seres deste e do outro universo, têm esta capacidade: a de decifrar a verdade do que realmente ocorreu com esta Criação e a de verificar o pano de fundo espiritual por trás destes dois grandes “palcos de horrores” – os universos material e antimaterial –, ainda que a natureza humana enxergue e crie beleza, além de emprestar dignidade ao fenômeno da vida em pleno caos.

Óbvio que outras civilizações e espécies cósmicas existem e são bem mais antigas que a nossa, porém a “robotização” nos seus genomas não lhes permite usufruírem do “livre-arbítrio em grau adulto”, para interagirem com a realidade sem que as suas “lentes” as obriguem a enxergarem somente o que os seus “Programadores” determinaram.

Os humanos romperam definitivamente com essas “programações”, e continuam desconstituindo esse tipo de “lacre mental/genético”.

Em outras palavras, se forem verdadeiras essas informações, os terráqueos são os únicos candidatos a exercerem essa inadiável função, caso consigam

algum equilíbrio evolutivo, para assim conseguirem, por sua vez, **alterar o padrão até agora viciado em “estacionamento” do “código genético acumulado universal”**, dando-lhe uma nova feição e destinação. É uma tarefa de longuíssimo curso, cuja amplitude não pode ser verificada na atualidade.

Das civilizações mais antigas, quase todas apresentando ainda as características do velho “sistema colmeia” como sendo a maneira como os seus membros interagem, muitas delas, agora, se situam na escala de Kardashev² como que espalhadas por galáxias afora, e algumas conseguiram mesmo dar início ao processo de colonizar o universo como um todo. Entretanto, nenhuma delas apresenta racionalidade razoável, nem muito menos razão crítica e filosófica para possuírem valores complexos.

Incoerência? Paradoxo? Não! Do modo como esta Criação se estruturou e passou a funcionar, esse painel é absolutamente normal e comum, apesar de extremamente perigoso e estranho, segundo a lógica humana.

A especiação dos humanos terráqueos deverá ser a primeira com padrões no campo da racionalidade estabelecida em bases críticas, filosóficas e amorosas a, no futuro distante, se encontrar razoavelmente espalhada pelo menos por esta galáxia, influenciando outras civilizações já existentes, como a dos Nephelim bíblicos (linguagem suméria) ou Anunnaki (linguagem acadiana), dentre outros povos cósmicos.

A emergência desse novo padrão do genoma cósmico e das consequentes marcações refinadas nos elétrons – discutidas no livro *“A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”* – que o compõem, é o que podemos chamar de “Biocosmos Inteligente”³ ou “Mente Cósmica Emergente”, como apontam alguns cientistas, ainda que não partam necessariamente do tipo de premissa que aqui estamos assumindo como sendo a lógica do processo que se encontra em curso.

O fato é que, segundo as informações que tenho colecionado, os terráqueos conseguiram ser capazes de começar a fazer girar ou funcionar o “Processador Cósmico” de um modo inusitado e inesperado mesmo para os mais elevados graus de existência espiritual.

Surgiu um padrão de liberdade mental jamais esperado no contexto de um processo cujo tipo de vida, nele presente, somente permitia e conhecia o padrão da subjugação do mais forte sobre os mais fracos, e nada além disso.

18ª Constatação:

Todas as consciências particularizadas que se rebelaram contra esse tipo de processo de subjugação foram tratadas como “bandidas” e tachadas de “traidoras” pelo “Ente Central” da “teia da vida”.

Essa “Abelha-rainha” sempre desqualificou os que não se lhe submeteram, fosse de modo coletivo ou individual, ou mesmo em um único ponto. Por isso, personagens maravilhosos, do passado, tiveram as vidas pessoais profundamente defraudadas por ordens desse Ser.

Jesus foi crucificado pelo simples fato de se recusar a usar seus poderes pessoais de maneira violenta, para submeter os judeus a fim de que eles se libertassem do jugo romano e formassem um “superimpério”, subjugando os próprios romanos e toda a Terra, como modo de Javé voltar a dominar a humanidade. Com esse desígnio, Javé pretendia resolver o seu perene drama psíquico que se deu desde que a espécie humana se desgarrou do seu poder, por meio das posturas de Pandora, de Eva e de muitos outros posteriormente, inclusive o próprio homem Jesus. Detalhe: Jesus somente teve a liberdade para agir como achou que devia porque houve a contribuição anterior desses personagens do passado, equivocadamente chamado de “mitológico”.

Junto com os seres cósmicos – neste momento, notadamente os terráqueos – que já conseguiram essa emancipação mental é que o Quarto Logos⁴, doravante, trabalhará em conjunto, na vanguarda do projeto existencial previsto para o futuro universal.

Subordinação aos Fins

O primeiro modelo existencial implementado pela mente de Javé, envolvendo ele próprio e os seus anjos-clones, foi o da “mente coletiva”, só que sob o seu controle. Os outros modelos, a esse assemelhado, que vieram a surgir mais tarde no universo biológico – como cardumes ou bando de pássaros –, já passaram a existir como decorrência do modo de coexistência ancestral ocorrido no início da História Universal.

Nos bandos de pássaros e cardumes, por exemplo, todos agem ao mesmo tempo e do mesmo modo. É “robotização pura”, e ser livre não é relevante: passa a ser um problema! A liberdade, aqui, efetivamente é um obstáculo. Contudo, não deixemos de perceber que a abelha-rainha, o pássaro “alfa” do bando ou o peixe “alfa” do cardume também não são livres. **Na verdade, Javé é que se encontra “prisoneiro”, “refém” do que foi gerado pelo seu “Eu” anterior a sua “queda”.**

Com os demos, houve uma necessária flexibilização, mas que não os libertou para muita coisa, pois entre eles também surgiram, inevitavelmente, as figuras da “abelha-rainha” e das demais “abelhas-operárias” que existem tão somente para servi-la e a sua destinação genética. Aqui, a liberdade também não cabe, nem tem relevância para o psiquismo desses seres, pelo menos no âmbito das suas primeiras gerações.

Com a vida biológica, esses modelos foram novamente impostos, atavicamente registrados nos genes, mas, com a evolução, houve a perda do controle central do genoma de certas espécies, e uma aparente liberdade instintiva surgiu entre os répteis, mamíferos e primatas, sem que a mesma alterasse muita coisa, devido à irracionalidade animal.

Com o homem, a liberdade passou a ser, além de relevante, essencial para o livre progresso, porém não pensam assim os “Ditadores saudosistas” das “tragicômicas colmeias”, **nas quais eles reinam, enquanto o resto explode em sangue, suor e lágrimas.**

No caso dos humanos, como já reside o gatilho da razão e do senso crítico no seu psiquismo, pode-se, sim, falar em “lavagem cerebral”, praticada pelas religiões. E aqui, implica se perceber que essas são levadas a efeito por meio de pessoas bem-intencionadas, como muitos no hinduísmo, no cristianismo e no islamismo, por exemplo, sendo que outras o fazem pelo mero exercício da subjugação, advindo do seu genoma.

O amor à moda demo – surgido mais tarde, pela evolução algo retardada dessas espécies – é do “tipo colmeia”, no qual, no hinduísmo, reflete a sua expressão como se fosse o conceito de “*ananda*” (do sânscrito, significa “extase” ou “felicidade suprema”) e “*bhakti*” (do sânscrito, significa “devoção”), tão utilizados pelos adeptos de algumas práticas do yoga, nas quais a exultação, a alegria, a entrega de si mesmo a “Deus” tem sido uma característica marcante.

No hinduísmo, muitos estudiosos tomam *Prakriti* como sendo a “Natureza de Deus”. Afirmam eles que, a “Força Onipotente” (*shakti*) – em outras palavras, a “Alegria Eterna” (*ananda*) – que produz a Criação Universal, e o “Sentimento Onisciente” (*chit*), que torna este mundo consciente, ambos manifestam a “Natureza de Deus-Pai” (*Prakriti*).

Conforme penso, eles partem, ingenuamente, do princípio de que houve uma expressão intensa de uma “Alegria Eterna” (*ananda*) que envolveu o início da Criação, quando, pela própria narrativa da mitologia hindu, nada disso aconteceu. Muito ao contrário: surgiu o “caos”, e nele, um Ser que se reconstruiu, ao qual os gregos nominaram como sendo a “personificação do próprio caos”. Não havia nada a comemorar! Todavia, aqui entra em ação a teologia promovida pelas escolas do pensamento religioso hindu, procurando dar razão lógica para o romantismo humano, submetido à inevitável crença num “Deus-criador” bondoso.

Do mesmo modo, os teólogos ocidentais, que precisavam produzir uma justificativa para Javé não ter poupado seu enviado de ser crucificado – como castigo por ele não ter se tornado o “messias efetivo”, conforme acertado anteriormente –, estabeleceram o injustificável e absurdo contexto o qual afirma que “Deus” amou tanto a humanidade que mandou o seu filho predileto sofrer para, com o seu sangue, lavar os pecados dos terráqueos. Ora, convenhamos!

Os hindus também produziram justificativas para muitas questões incompreensíveis das suas escrituras védicas, que são bem mais antigas que as que vieram a compor os 73 livros que resultaram na “*Bíblia*” que conhecemos.

No cristianismo, o “ide e pregai” pode ser visto como um gesto no sentido amoroso somente quando diz respeito ao passado, porque, no presente, esse lema apenas serve de justificativa para a disputa por fiéis, que envolve bilhões de unidades monetárias investidas na captação dos mesmos, ficando algum possível

“interesse de Deus” em absoluto plano secundário – caso exista algo nesse sentido, digno de ser vislumbrado.

Sancta simplicitas!

O amor, aqui, refere-se ao que reside na alegria eterna de se entregar a “Deus”, de agradecer pela dádiva da vida, e mais outros romantismos de nossa parte. Contudo, o que efetivamente conta – pelo menos, para os “Seres da Trimurti”, que sempre procuraram impor o “sistema colmeia” sobre os humanos, que é o que realmente lhes interessa – é tão somente a submissão inerente a esse gesto ingênuo.

Obviamente, os seres que estão por trás de tal estratégia, nada têm a ver com o “verdadeiro Deus” ou com um conceito mais elevado que dele se possa fazer. É tão somente o velho “sistema colmeia” sendo empregado no sentido de idiotizar os humanos que conquistaram, com muita dificuldade e sofrimento, o seu padrão de liberdade mental e espiritual, para poderem transcender o problema coletivo de existirem em uma Criação “imperfeita” e “inacabada”.

Óbvio que, dependendo do tirocínio de quem se dedique a práticas profundas de yogas, o estado de consciência que se consegue atingir e/ou produzir no psiquismo pessoal, pode transcender, sim, por completo, os níveis dessa realidade “problemática”. Entretanto, penso que isso não é tão simples quanto ao que muitos respeitáveis praticantes do yoga costumam se referir, ao reportarem seus momentos de êxtase no padrão de um *samadhi*.

Todos os processos da Criação se encontram desgraçadamente subordinados aos fins desesperados desses “Seres da Trimurti”. Contudo, é preciso “maioridade espiritual” para poder lidar com esse tipo de questão, sem expressar rebeliões estereis, que a nada levam.

Como já ressaltado, o trabalho de “reforma íntima” individual é sempre lento e silencioso, cadenciado pelo alinhamento da postura psíquica de cada um com os objetivos mais nobres da existência.

Alinhar-se, porém, com princípios e propósitos elevados, requer atitude moral-filosófica que não subordina a estratégia de progresso a qualquer tipo de fim, nem mesmo o de, aparentemente, “se salvar a qualquer custo”, ou melhor dizendo, ao custo dos pedágios das diversas igrejas que prometem tal “salvação”, desde que os desavisados fiéis a elas se entreguem.

“Salvar-se” de quê?

19ª Constatação:

Sinceramente, a única coisa nesse aspecto que, conforme penso, o ser humano deveria se preocupar é o de “se salvar” da mediocridade existencial. Se depois disso, vem “céu” ou “inferno”, é com a consciência e o tirocínio de cada um.

Se um Deus amoroso existe, penso ser para ele que nos dirigimos, quando dignificamos a vida e a nossa própria consciência.

Os que se pensam “Deuses”, e cobram pedágios e sacrifícios esquisitos e desnecessários, estão e são permanentemente escravos da estratégia de subordinar a eles próprios e aos que se lhes submetem, aos fins que suas visões “loucas e doentias” vislumbram.

“Mediocridade e Vexame” vistos como “Divinos”

A teoria matemática da bifurcação e seus desdobramentos, elaborada por Henri Poincaré¹, vem progressivamente inquietando os cientistas da área porque aponta para uma realidade que, se originada sob a égide das leis eternas admitidas por muitos cientistas – dentre os quais, o próprio Einstein, que assentava a sua visão de universo nessa premissa –, **não deveria apresentar “pontos de bifurcação”** nos processos que a estruturam.

Se “Deus” “não jogasse dados”, como defendia Einstein, o caminho progressivo dos processos deveria ser muito bem delineado, sem que existissem tantos “pontos de bifurcação” aqui e ali. É como se tivesse ocorrido alguma “falha inicial” que não conseguiu jamais determinar um “caminho divinal” do “Relojoeiro” ou do “Deus deísta” de Einstein, quando da confecção da “Máquina Universal” – ou seja, o “Relógio”, da metáfora einsteiniana – e do seu processo científico claro e objetivo, passível de ser definido numa equação unificada.

A Mecânica Quântica estragou essa visão elegante e simplificada das leis eterna, como veremos mais adiante.

20ª Constatação:

Talvez, um dia, a ciência possa ver que, quanto mais “pontos de bifurcação” ela encontra no estudo do universo, mais próxima estará de perceber que, sim, houve um “problema” lá no início da sua geração. E foi um “vexame superlativo”!

Um susto grande surgiu para os cientistas quando se descobriu, em 1984, por ocasião da elaboração de cenários para o universo, embasados nas equações de Einstein, pertinentes à teoria da Relatividade Geral, que os mesmos **apresentavam a inquietante “bifurcação”**, o que passou a criar ainda mais dificuldade para a compreensão buscada pela Cosmologia.

Como afirma Mario Novello² no seu artigo “Uma Bifurcação no Cosmos”:

“A presença de um ponto de bifurcação em um sistema de equações que descrevem um processo físico assinala a quebra do determinismo e a instalação

de uma imprecisão sobre o futuro deste processo. Enquanto essa bifurcação se limitava a processos descritos em laboratórios terrestres, o alcance desta indeterminação parecia ser controlável, isto é, parecia se limitar a configurações especiais que não influenciariam além do limitado território da experiência do laboratório.”

Na atualidade, os cosmólogos, dentre outros cientistas, procuram verificar se existiria configurações semelhantes em outros processos estruturantes do universo.

Ainda segundo Mario Novello, **o que intriga os cosmólogos** – levando-se em conta que já é sabido que o “fenômeno da bifurcação”, ao qual estão associadas a indeterminação e a historicidade do universo, não se limita a processos viscosos, ou seja, oriundos do mecanismo de criação de partículas pelo campo gravitacional, em uma era universal antiquíssima – é o quão comum **se mostra o “fenômeno da bifurcação” na visão do que enxergamos como realidade.**

O que isso implica?

Se os “pontos de bifurcação” forem comuns – e tudo indica que são –, teremos que esquecer a ideia de Einstein e de outros cientistas notáveis, que sempre optaram pela visão de mundo na qual a determinação seria a descrição dos processos que geraram o universo que conhecemos.

Nesse ponto, voltamos à questão que abordei no terceiro capítulo, quando vimos que a “incerteza de Heisenberg” existe, e há bons motivos para assim se dar, pois que **a indeterminação parece ser o panorama preferencial das muitas possibilidades que cada “ponto de bifurcação” provocou na História Universal.**

O “Observador”, o “Deus”, ou o acaso – como acreditam os cientistas em seus dogmas preferidos sobre o princípio das coisas – ou seja lá o que tenha gerado o “Processo Universal”, parece ter **preferido o caminho da indeterminação para poder determinar que o universo fosse desse ou daquele jeito.** Estranho, não?

Será que, diante de tantos indicativos, existirá um dia no qual a lógica científica humana poderá perceber o inquietante aspecto óbvio de que a “Informação Inicial”, ou seja, o “Projeto” a partir do qual a tal “Singularidade” que deu origem ao que enxergamos como realidade, efetivamente tinha algum “problema”? Por quê? Porque gerou um processo cheio de indeterminações, de bifurcações, enfim, baseado em um “jogo de dados” que parece ocorrer a cada uma dessas situações, de modo que o desenvolvimento deste universo material pudesse seguir adiante – como vem sendo até o momento atual, e parece que será até o seu cenário final.

E se, mais do que um “problema” com a “Informação Inicial”, existiram outros painéis problemáticos que fizeram parte da tal “Consciência” ou do “Observador” – apontado pela Mecânica Quântica – que teria optado por gerar a tal “Informação”, fazendo-a colapsar dentre as muitas outras opções que existiam no seu campo mental?

Diferente da ciência moderna, a visão de mundo dos tempos ancestrais – que foi transformada em mitologia – afirma, em todas as suas faces ou versões culturais, que foi exatamente isso que aconteceu: um “vexame” sem tamanho!

O mito hindu do “Ovo Cósmico” – o do *Brahmananda* – afirma que quando a “Singularidade” ou “Ovo Cósmico” – “anda” em sânscrito significa “ovo”, portanto, a expressão *Brahmananda* significa “Ovo de Brahma” – rompeu a sua “casca”, expeliu três partes ou componentes que vieram a formar a realidade na qual atualmente nos encontramos inseridos: o *Bhuloka* (o universo biológico), outra *loka* (o universo antimaterial) e o Criador Brahma, “caído” nessa última componente que passou, então, a se chamar “*Brahmaloka*”, ou seja, a “morada” do “Deus” *Brahma*.

Do acidente ocorrido, ainda que a ciência reconheça a “Singularidade” e o “Ovo Cósmico”, prefere escolher a injustificável opção de creditar o tal “Ovo” a uma aleatoriedade ou a um choque de dimensões que já existiam antes do nosso universo – e acham que isso é científico –, e que foi assim que surgiu toda a complexíssima situação existencial da qual derivaram as leis da evolução. Segundo eles, como esses eventos poderiam ocorrer aleatoriamente, terminaram mesmo se dando dessa maneira – e ponto final, segundo o “precioso” raciocínio científico! Sob essa perspectiva estranha, se algo pode ocorrer, obviamente ocorrerá, e o acaso é que gera tais eventos ou permite que sejam de determinado modo. Simples assim!

Imagino quantos cursos universitários, especializações, mestrados e doutoramentos que alguém pode colecionar para poder elaborar tamanho despautério, travestido de pensamento científico.

De tanto ler e estudar algumas das pretensas autoridades das áreas científicas e da Filosofia, passei a pensar, forçado pelos fatos, que a mediocridade é, efetivamente, o melhor “colírio” para facilmente distorcer as desgraças, os problemas evolutivos e o estudo das causas primárias das coisas da existência.

Assustei-me quando percebi que personalidades pretensamente ilustres podem, mentalmente, se comportar de modo medíocre, apesar do PhD que ostentam.

21ª Constatação:

Os teólogos de todos os tempos erraram extremamente nas suas justificativas quanto aos fatos descritos nos chamados livros sagrados das religiões impositivas, mas, pelo menos, o fizeram de boa fé.

Os cientistas, porém, que prestam um desserviço à verdade por força das suas visões curtas e obscurecidas quando entronizam opiniões como verdades estabelecidas, ainda que saibam resolver as equações da matemática mais avançada, falham de modo absurdo na interpretação dos resultados.

É nesse ponto em que mediocridade e equívoco são taxados como “produto do acaso cósmico ou de Divindades”; aqui é onde ciência e religião se confundem de tal modo na mesmice em torno da insensatez filosófica e factual, ainda que a primeira insista em afirmar que se baseia em fatos e evidências capazes de serem reproduzidas em laboratório. Somente em parte, isso é verdadeiro. Na área da Cosmologia, da evolução das espécies e em muitas outras, esse argumento é tão falso quanto a arrogância das religiões em afirmarem como sabidas as questões que ainda precisam ser descortinadas.

A atual Filosofia se afastou também da busca decente e honesta pela verdade, preferindo se fingir de profunda, quando é tão somente contundente nas suas simplificações ao tomar opiniões de filósofos como “verdades” melhores que as das religiões, mas que pecam pela superficialidade das suas argumentações.

Portanto, decidi – amadorismo por amadorismo – elaborar por mim mesmo a tese de que a “máscara do Zorro” definitivamente esconde a identidade do personagem real na história, o “Don Diego de La Vega”, ou, se quisermos, os “óculos do Clark Kent” efetivamente impedem que seus colegas de trabalho percebam que ele é o “Superman”.

Nos meus estudos e reflexões amadores, porém livres e honestos para com a percepção do todo que envolve a condição humana, tenho chamado essa estranha artimanha mental do nosso psiquismo de “efeito colmeia tardio”. O interessante é que ele vale não somente para o contexto das histórias de ficção do Zorro e do Superman, mas também para os protagonistas da vida real.

Peço licença à lógica comum para defender a tese de que, o mesmo traço do psiquismo humano que responde pela aceitação dos milagres dos televangelistas multimilionários, das teses dos ateus militantes e dos chamados criacionistas fundamentalistas ou mesmo os mais esclarecidos, faz com que se tome como normal o fato de não se reconhecer Don Diego de La Vega como sendo o Zorro.

Dizendo ainda mais, penso que **a característica do psiquismo humano que faz com que não se perceba a mentira fácil na boca de líderes e políticos mundiais que faltam com a verdade descaradamente, e ainda são apoiados e enaltecidos como personagens ilustres, é o mesmo que faz com que Clark Kent**

não seja reconhecido como sendo o Superman.

A verdade não mais se impõe porque esse traço do nosso psiquismo se assenta e toma como apoio algumas sequências do DNA humano que respondem por essa aparente esquisitice, conforme penso. Como não posso provar isso em laboratório, deixo ao tempo a função de agir como bom e piedoso professor para que as gerações futuras talvez venham a descobrir esse efeito tardio de uma “cegueira” advinda do antigo “sistema colmeia”, que ainda não foi extirpada definitivamente da “lente do olhar humano” que vê, mas não compreende.

Destravar o impulso psíquico condenado a ser eternamente subjugado não foi e não está sendo tarefa fácil e, talvez, por isso o “efeito colmeia tardio” justifique o porquê de cientistas ateus, que nas últimas décadas começaram a confrontar os exageros inaceitáveis do modo como as religiões imperam na Terra, terminaram por expressar mais esquisitices e justificativas simplórias do que aquelas de ordem teológicas que pretenderam combater.

De minha parte, continuo acreditando que somente eu, Johnston McCulley – o autor de “*A Marca do Zorro*” – e os demais que assistem filmes sobre o Zorro, somos os únicos que sabemos da sua real identidade, e é bom que assim seja para manter a graça da genial ficção. Contudo, convenhamos: para quem tem a função de representar qualquer personagem nos filmes do Zorro, é pura patetice não reconhecer algo tão óbvio! Quanto a nós, que exercemos a função de “personagens da vida”, precisamos conhecer melhor o “enredo” e o “roteiro” da nossa “aventura existencial” e saber que o final dessa “encenação” ainda precisa ser improvisado, porque o “Dono do Teatro-colmeia”, “Diretor e Produtor da Peça”, não a pôde finalizar quando da sua composição.

Haja “patetice”! E assim será enquanto o genoma humano, associado ao psiquismo espiritual dos “agentes da vida” que movimentam a natureza humana, não fizerem por onde se libertarem dos velhos e pesados grilhões da visão viciada da “subjugação colmeia”, ainda presente nos corpos animalizados da nossa espécie.

Até lá, tomaremos “mediocridade” e “vexame existencial” como sendo obras de um “Deus perfeito”, ou do acaso!

O aspecto terrível das “patetices” é que estas costumam também gerar figuras desgraçadamente reais, como os “salvadores da pátria”, tipo um Mussolini e um Hitler, enfim, basta ver o mundo a nossa volta para percebermos como os “patetas” têm trabalhado muito bem nos dois hemisférios planetários.

Esse é o lento e desconhecido “destrave” do “sistema colmeia”, que se encontra em curso, e como pouquíssimas são as “ex-abelhas-operárias”, por enquanto, quase ninguém sabe disso.

Pluribus Unum

“De muitos, um!” – é o significado da expressão latina “*Pluribus unum*”.

Essa é uma das faces da “moeda” chamada “colmeia”, em cujo sistema existencial a relação de coexistência entre “um” – que se distingue por uma razão qualquer – e os “demais”, costuma ser aplicada para vinculação entre o equivocado conceito de “Deus” e os homens.

Equipes de estudiosos de diversas categorias costumam também assumir esse conceito latino como sendo “todos por um”, o que, no que se refere ao alto grau de dependência que o Criador tem das suas “criaturas-ferramentas”, pode e deve ser bem utilizado para significar isso e muito mais.

Os EUA utilizaram essa locução como maneira de homenagear o Estado constituído a partir das suas 13 colônias que, historicamente, comandaram o processo de independência. Em suas moedas e em outros aspectos da vida nacional estadunidense, a expressão aparece sempre como modo de ressaltar a união de todos pela nação.

Se o Criador tivesse que escolher um lema para sua “Colmeia Universal”, penso que não hesitaria em fazer uso desse, porque bem caracteriza o seu “grau de egoísmo e de cruel frieza” com que vem se reconstruindo como pode, ao longo do tempo universal.

Essa recomposição, porém, encontra-se longe de acabar e, para que bem possa ser finalizada, a “Abelha-rainha” (Javé), nesses últimos tempos, teve que se “aposentar” da função, mas não da posição estratégica de continuar a ser alimentada pelos esforços e méritos alheios, ainda que defenda que “a dádiva da vida” foi dada por ela, justamente para esse fim.

Um dos aspectos esquisitos do problema reside no fato de boa parte dos humanos pensarem que foram criados por “Deus”, num ato de amor, e que esse Ser cuida deles, atende suas preces e os mantém vivos e sadios, porque os ama. Bem, “sadios” não é mesmo uma expressão que eu deveria usar, pois que portamos toda a “sujeira genética” da história de ambos os universos, em nosso

genoma pessoal. Somos um “obediente depósito de lixo genético”, como também poderemos ser de novos arquivos que venhamos a produzir com a cota de livre-arbítrio que temos para viver como um boi em um rebanho, sem que disso saibamos.

Por desagradável que possa ser, compreendamos ou não, gostemos ou não, fomos criados – como também as demais espécies cósmicas –, para servir de “criaturas-ferramentas”, ou seja, “abelhas-operárias”, numa empreitada que malogrou desde o seu início.

Ainda assim, agradecer as suas “criaturas-ferramentas”, nem pensar! O “Deus bíblico” isso não faz, o que é muito estranho, porque ele defrauda a existência de todo mundo – Jó, citado no “*Antigo Testamento*” da “*Bíblia*” cristã, que o diga – e ainda quer ser aclamado como correto, decente, justo, bondoso e clemente.

O Criador jamais teve a perspectiva de entender e aceitar que alguns “tipos-bovinos” de ontem e de hoje, foram rompendo o “lacre de controle” e construíram uma visão para perceber e grau de compreensão para deduzir o mau uso que esse Ser faz das suas “crias”. Entretanto, ele não se permite agradecer a ninguém. “Estupidificado” na sua condição de “Abelha-rainha dementada e aposentada”, ele ainda se entristece e se enfurece pela desobediência – quando disso se recorda no atual estado em que seu psiquismo se encontra –, e ainda deseja que as criaturas, nas quais ele sempre pisou, agradeçam a dádiva de serem ultrajadas pelos seus desígnios, que somente a ele servem, segundo ele pensava e ainda pensa. A questão é que, na atualidade, se sabe que boa parte desses tais desígnios era autoagressão e agressão as suas criaturas.

Por experiência direta com os seres que coabitam com Javé e no seu entorno, nessa altura dessa minha convivência impensável, pude saber quão desastroso era o estágio de “demência” do Criador nos primeiros períodos da sua reconstrução, logo após a sua “queda”, e nos cerca de três primeiros bilhões de anos – e, infelizmente, como continua sendo.

A sua passada e presente **incapacidade de articulação para a convivência** com os demais seres gerados a partir do seu código-fonte pessoal definidor de vida, e que se libertaram, de algum modo, da subjugação genética, **é o aspecto mais chocante do seu comportamento pessoal.**

Sob essa perspectiva, ele sempre foi honesto nas descrições apresentadas nos livros que o retratam.

No campo da nossa lógica atual, seria como se ele, às vezes, sequer conseguisse completar um raciocínio, uma expressão lógica ou mesmo as suas ações, daí a importância dos seus anjos-clones, que o complementam, sempre atuando como “criaturas-operárias robotizadas” – e assim é até os tempos atuais.

No campo operativo, no que se refere a gerir os “fatos da natureza que compunham e compõem a realidade” do universo antimaterial onde Javé sempre existiu e existe, até que ele se saiu bem no início dos tempos, quando as dificuldades e obstáculos para permanecer vivo eram indescritíveis. Tanto é assim que esse universo paralelo demo persistiu existindo, ainda que estruturado sob os alicerces da improvisação desesperadora que o acometeu no momento da sua “queda”, sem a sustentação de “leis mentais” – atualmente, chamamos essas leis de “ciência” – promulgadas antes, como é o caso do universo em que vivemos.

No contexto desse universo paralelo, o *pluribus unum* funcionou até que, por receber as emanções deletérias de todos os seres ali existentes, o Criador foi impactado, ao ser vitimado com tanta carga de energia mental negativa. Nessa questão, imperou a velha lógica do “retorno inevitável da sementeira”! O que de muitos foi emanado para ele, o alquebrou a tal ponto que a vida biológica surgiu como um bálsamo, pela ajuda que o mesmo teve de Shiva, o seu companheiro de *Trimurti*.

Javé e os demais membros da *Trimurti*, que sempre viveram com seus corpos *Adhydaiva*, faliram a ponto de não mais poderem contribuir com a sustentação mental daquele universo improvisado quando da “queda” do Criador.

O enigmático é saber que, agora, Javé não tem para onde ir, pois, despossuído de alma, não pode retornar para a vida espiritual. A pergunta que se torna imperiosa é: **para onde a mente de Javé será transferida e para que tipo de corpo?**

Durante os próximos milênios, essa será a pergunta mais perseguida pelo conhecimento humano e de outras civilizações cósmicas devido ao fato da “aposentadoria” do Criador da função de “Abelha-rainha” – como já referido. O que vai acontecer com o seu “Ex-eu” acostumado a ser o “Dono” da “Colmeia Universal”, é compreensão para surgir no contexto da “Revelação Cósmica”, que ora se inicia com o resgate e atualização dos temas e das questões que se encontravam ocultos.

22ª Constatação:

A experiência que Javé tem da realidade que a sua própria condição anterior de “Engenheiro Cósmico” gerou, é bastante “modesta”, pois a “demência” que marca o seu psiquismo o impede de construir graduações de entendimento respeitáveis. Tudo nele ainda é “mediocre” se e quando comparado com a sua condição pretérita – de antes da Criação – ou mesmo com a natureza humana, paradoxalmente formulada a partir do seu código-fonte pessoal definidor de vida.

Cada espécie da natureza universal, deste e do universo vizinho, vivencia de

modo muito específico a sua interação com o que enxergam da realidade assim considerada.

Como já explicado nos livros da trilogia “*Terra Atlantis*”¹, os seres biodemos, em cuja natureza psíquica a chamada “Rebelião de Lúcifer” se assentou, não experimentam a realidade do mesmo jeito que os humanos. A linguagem deles parece ser sempre performativa – ou seja, a enunciação da comunicação ocorre ao mesmo tempo que a ação enunciada –, o que implica dizer que essas espécies utilizam a linguagem que seus cérebros podem produzir, muito mais para “atualizar” do que para informar. Compreenda quem puder!

Assim foi até que alguns membros da família Val – a última espécie de biodemo a surgir – começaram a modificar os seus padrões junto ao “Processador” citado na referida trilogia. O que implica dizer que eles somente vivenciam da realidade o que se encontram programados para dela perceber e nela inserir a título de informação. Daí o fato consequente deles atuarem mais no sentido de atualizar o “programa geral mental” daquela espécie do que propriamente de ter liberdade para fazer o que quiserem. A “trava” no genoma deles não permitia que eles pudessem desejar ou querer algo não previsto no “programa operativo” da espécie.

Na verdade, isso não difere do que acontece e do que é feito pelas demais espécies que surgiram a partir do código-fonte pessoal definidor de vida do Criador, pois a variação que existe se dá tão somente no grau de discernimento e de produção crítica e refinada de informações, porém isso não significa que o que se percebe pode ser compreendido de maneira profunda, com questionamentos de ordem filosófica.

Quanto maior é a condição de racionalidade, menos performático – no sentido de previsível – é a experiência da realidade e, por conseguinte, a sua decifração e o modo como com ela se pode interagir.

Assim, os terráqueos racionais vivenciam a realidade de um jeito bem mais requintado e complexo que os biodemos e, pelo que parece, superior a todas as espécies nascidas anteriormente na História desta Criação. Na realidade, a natureza humana se mostrou a mais valiosa das tantas quantas que aconteceram antes, na Obra de Javé, exatamente porque o psiquismo multifacetado do ser humano é único, além de ser o mais recente surgido nestes 13,8 bilhões de anos.

O cérebro humano foi, portanto, o último a despontar na escala cósmica de produção de vida, sendo o mais moderno, o mais complexo, como também é o genoma humano terrestre.

Apenas para dar mais pistas do que estou procurando demonstrar no presente livro, vou me referir aos *Tao Tei*, que nas lendas da China aparecem como sendo um bando de estranhos animais comandados freneticamente por uma “*Tao Tei*-

rainha” – representados no filme “*A Grande Muralha*”² – que também retratam o que aqui estou chamando de “sistema colmeia”.

As lendas da mitologia chinesa que cercam a Grande Muralha, quando traduzidas por intérpretes que julgam o passado a partir das suas certezas presentes – são os apóstolos do anacronismo, que impedem a compreensão mais ampla sobre a história real, jamais entendida e aceita pela lente distorcida das autoridades científicas e religiosas da atualidade –, afirmam que essa gigantesca construção foi lentamente edificada ao longo dos séculos para proteger e separar a China do resto do mundo. Entretanto, as lendas também se referem a um passado esquisito, em que espécies de bichos bem estranhos apareciam na Terra, sabe-se lá vindo de onde, que procuravam se alimentar de carne humana.

De acordo com o que das lendas é reproduzido no filme “*A Grande Muralha*”, e que serve de exemplo para o “fator colmeia” – que está distribuído por uma grande gama de seres desconhecidos para a nossa lógica –, há cerca de seis mil anos, algo que veio do céu, caiu no monte *Gouwu*, e os efeitos do choque fizeram com que o mesmo se tornasse esverdeado. Passado um certo tempo, apareceram os monstros chamados “*Tao Tei*”, que começaram a atacar os chineses. Depois, os *Tao Tei* foram regulando os ataques e, a cada sessenta anos, eles buscavam devorar carne humana para alimentar a “besta-rainha” da espécie.

Esse filme mostra que a “besta-rainha”, além das “bestas-operárias”, tinha uma guarda pessoal que somente deixava se aproximarem dela as bestas que efetivamente trouxessem, no estômago, um estoque de carne para ser repassado para ela. O mecanismo de sobrevivência e de desenvolvimento daquela espécie residia no fato de que as bestas comiam tudo de vivo e de morto, e a “besta-rainha” dependia sempre do alimento que as suas “bestas-operárias” pudessem lhe trazer. Ela só se reproduzia quando bem alimentada, e a carne humana parecia ser sempre o alimento mais apropriado e, portanto, procurado. Estranhamente, os *Tao Tei* não deixavam um “morto” da sua estirpe para trás, como se não quisessem ter o seu segredo genético descoberto.

Ainda segundo o filme, a “besta-rainha” se comunicava com a sua família por meio de uma membrana situada acima da sua cabeça, sendo as mensagens repassadas de modo instantâneo – ou seja, ela dava ordens para os demais membros da espécie expressado-as por meio de vibrações da tal membrana.

O enredo do filme passa por uma pedra com magnetismo que foi percebida como sendo causadora de uma interferência na comunicação da “besta-rainha” com os demais *Tao Tei*, que os **deixava paralisados, esperando ordens.**

Conforme pude perceber nos meus “encontros inusitados”, **os clones de Javé, às vezes, também ficavam como que sem ação, enquanto aguardavam algum comando dele.**

Se algumas lendas da China sobre a Grande Muralha apontam que a experiência humana parece ter passado por um risco de extinção – devido ao iminente perigo colossal decorrente do ataque dos *Tao Tei*, devoradores de humanos – ao qual os ancestrais chineses e demais terráqueos, então, estavam expostos, a pergunta que deve surgir é a de como aquelas bestas monstruosas vieram parar na Terra e o porquê delas aparecerem aqui.

Será que a percepção de que um Ser (Javé) estava sendo reconstruído (“um a partir de muitos” – “*unus pluribus*”) com base na humanidade terráquea, sem que ela de nada soubesse, e alguma confusão advinda da “*Lila*”³ não teria feito com que algum “antagonista” enviasse os *Tao Tei* – da lenda chinesa – para acabarem com a possibilidade da futura ressurreição do Criador “caído” na própria Obra?

A “rainha” receber alimentos é algo que se aplica a Brahma/Javé, e as confusões em torno da *Trimurti* atingiram um tal grau de magnitude e de loucura, que o lado racional humano não tem como aquilatar, com o seu senso moderno de conceitos, as imposições desse Ser e de outros a ele semelhantes, dirigidas a este universo no qual habitamos.

Na atualidade, estudiosos de muitos países, além de serviços secretos de alguns outros, buscam arquitetar alguma compreensão sobre os diversos tipos de “chupa-cabras”, pois as últimas décadas foram pródigas em reproduzir indícios inquietantes desses seres absolutamente estranhos aos padrões da natureza planetária.

Talvez um dia, num futuro não tão distante assim, quando melhor as lendas e os mitos do passado puderem ser compreendidos pelo conhecimento humano, ideias mais precisas sobre essa questão venham a ser então elaboradas.

De todo modo, preciso deixar mais essa “semente de reflexão” para meus irmãos e irmãs de jornada terrestre.

23ª Constatação:

Achar que existe um “Deus” razoavelmente decente no comando do que se passa na Terra, é realmente crença para desavisados e de pessoas ingênuas.

Existir “alguém no comando” significa haver um “Ente” responsável pelo que se passou e continua a se passar neste mundo e, convenhamos, se existir esse “alguém”, a questão que se impõe é: devemos reclamar ou agradecer pelo “palco de horrores” e pelo “vale de lágrimas” que os despojados da sorte herdaram, sabe-se lá porquê e de quem.

“O amor é a única coisa capaz de transcender dimensões, tempo e espaço” – diz a doutora Amelia Brand, interpretada pela atriz Anne Hathaway no filme “*Interestelar*”. Pena que onde se aplica o “sistema colmeia”, não tem como dar

guardada ao amor, porque é sempre o “sangue e o suor de todos por um só”, e isso não funciona à força em se lidando com seres despertos para a percepção crítica, mas pode ser implantado pelo império do controle genético ou do condicionamento psíquico criminoso.

Compreendamos: na Criação de Brahma/Javé somente existia lugar para psiquismos “robotizados”. Com o “destrave” no sistema feito pelo “clone rebelde” que agrediu o Criador, surgiu o “modelo dementado-desconfiado”, operante nos demos, nos quais a desagregação se impôs porque um não confiava no outro. O código representativo dessa condição psíquica foi transferido para o nosso universo e, aqui, muitas outras classes de seres surgiram, como a espécie humana, que é a única que pode resolver – no sentido de encontrar maneiras adequadas de coexistência – as características torpes do modo de vida do universo paralelo demo.

Quando dois seres humanos constroem uma amizade inquebrantável, quando dois colegas de trabalho conseguem conviver do jeito mais decente e agradável possível, quando duas pessoas se apaixonam e se amam pelo resto da vida, independente de continuarem juntas, essas situações de coexistência com plena liberdade existencial apenas são possíveis entre os terráqueos. No mais, segundo o que pude constatar, sempre existem doses inquietantes de “robotização”, de “demência”, de “desconfiança”, enfim, dos resquícios da velha e imperativa “doença” advinda do “fator colmeia”, cujas sequências genéticas estão desgraçadamente marcadas em qualquer ser que exista no âmbito da Obra “problemática”.

A “reconstrução” que a condição desagregada e desesperadora de Javé requer, somente pode ser empreendida sobre a base do amor e do esclarecimento, jamais do modo como ele se acostumou a agir.

Jesus bem que tentou ajudar Javé, mas não logrou grande resultado!

Unus Pluribum

“Um a partir de todos” ou “um a partir de muitos”, são esses os dois sentidos que podem ser depreendidos da expressão latina “*unus pluribum*”.

Essa é a outra face da “Colmeia”!

Aqui, o Criador “caído” sempre procurou, inconscientemente, se “alimentar” ou ter o seu “alimento” preparado pelos:

(a) seus anjos-clones, na sua primeira etapa existencial;
(b) depois, pelos seres demos (com poderes mentais, metamorfos e com grau de “demência”);

(c) mais tarde, pelos biodemos (racionais, sem emoção e sem sexualidade, que deram início ao “destrave” do controle mental por meio da chamada “Rebelião de Lúcifer”) e pelos biodemol (racionais, com emoção e sexualidade), e:

(d) posteriormente, pelos seres biológicos, quando o “controle colmeia” foi, por fim, completamente “destravado” pelos humanos terrestres.

Nesse ponto, o que antes era somente muitos ou todos trabalharem para “enriquecer e manter” um só Ser, passou a requerer dos “operários” – suas “criaturas-ferramentas” – algo bem mais complexo do que apenas produzir “alimento”: **a habilidade de gerar, de criar informações complexas!**

24ª Constatação:

Dentre todas as espécies geradas até agora no âmbito desta Criação – ou seja, de tudo o que existe nos dois grandes “favos da Colmeia”, apenas a racionalidade terráquea possui habilidade para a construção das proezas intelectuais superlativas que o conjunto do que foi gerado requer para poder chegar a um cenário final digno.

A vida é impessoal e fria, e retrata tão somente a necessidade que o universo tem de seguir adiante, suprimindo as suas necessidades autogeradas.

Quem detém possibilidades para atender o Ser “caído” no âmbito interno desta Criação não é o fluxo universal, mas sim um “agente da vida” que nela

esteja atuando e que possa modificar o genoma universal. Penso que isso nada tem a ver com “Deus” ou com qualquer outro conceito que a nossa ingenuidade e boa vontade possam criar. São, portanto, os “agentes da vida” que fazem acontecer. “Ah, mas tem um Deus por trás disso” – poderá contradizer um terráqueo viciado em culto a qualquer tipo de “Deus” ou que somente enxergue a possibilidade da solução existir caso um “Deus” a tenha gerado. Cada um pense o que lhe for possível discernir a respeito!

No meu caso, penso que sim, que existe esse Ser, porém, favor não confundilo com os “Seres da *Trimurti*”, nem com o “Brahman” de certos segmentos do contexto hinduísta, a eles vinculado, pois são meros Criadores e nada têm que os aproxime do conceito que, sobre o “Deus verdadeiro”, precisamos ainda vislumbrar e criar.

Fomos e estamos “infectados” pela compreensão distorcida de um Ser-criador, um Arquiteto que “se deu mal”, mas que se “vendeu como Deus” para os habitantes da “sua Colmeia”. Nesse sentido, o conceito que esta humanidade fez de “Deus” é similar ao da função da abelha-rainha ou da formiga-rainha, que se percebe gerindo as suas espécies.

Javé pretendeu conduzir todas as espécies edificadas a partir do seu código-fonte pessoal, definidor de vida, porém jamais conseguiu fazer isso de modo decente.

O ser humano teve, primeiro, que gerar “decência” na sua postura comportamental para poder emprestar esse parâmetro para a vida universal. **Assim**, o Criador será “decente” um dia, porque os terráqueos padronizaram essa sequência genética, emprestando ao “Dono dos Genomas” esse grande feito.

Mesmo no campo alimentar, o processo de sobreviver a qualquer custo nunca foi fácil para Javé. A lógica humana, por ampliada que seja – como de resto nenhum outro padrão de lógica também o fará –, jamais conseguirá compreender tudo o que esse Ser passou, e ainda passa, na sua malfadada função de “Abelha-rainha”.

Vou procurar reproduzir um pequeno traço do seu perene esforço no campo do desafio existencial de querer sobreviver de qualquer modo, independente do que ele tenha que fazer para poder conseguir esse fim.

É importante, porém, que seja percebido que, as posturas que classificamos como corrupção, depravação, psicopatia, subordinação das estratégias aos fins, da frieza, da implacabilidade e do sentido predatório do mais forte sobre o mais fraco, **tudo isso foi gerado no “código-fonte definidor” pessoal do Criador, lá no início da Criação**, exatamente pela sua necessidade imperiosa de sobrevivência.

25ª Constatação:

No campo do que “não presta”, o Criador “caído” somente não inventou o “mal” e o “ódio”, porque, infelizmente, essas posturas mentais surgiram nos desdobramentos da chamada “Rebelião de Lúcifer”, que procurei descrever na trilogia “*Terra Atlantis*”.

Desse modo, a sua gestão desesperada e implacável teve que se ver com questões tão variadas que, na atualidade, encontrar possíveis analogias no seio da Criação é arte difícil de ser empreendida, pois que tudo no universo se movimenta no sentido da reciclagem, imposta pela entropia, e muito do que havia já se encontra encoberto – e mesmo desativado nas chamadas partes “lixo” do DNA humano –, o que dificulta a percepção de como muita coisa existiu e se processou no passado.

Nos estudos da neurociência, existe o curioso fenômeno da “mão rebelde”, que se encontra vinculado à compreensão de que uma das mãos de um ser humano age sem que seja obedecendo a sua vontade. A “síndrome da mão alheia” diz respeito à condição percebida por algumas pessoas em uma das extremidades do seu corpo – geralmente uma das mãos –, que parece atuar de modo absolutamente independente da ordem cerebral.

O Dr. Ryan Darby¹, professor da Universidade de Vanderbilt, explica da seguinte maneira a questão da “mão rebelde”:

“Pessoas com essa condição relatam que uma de suas extremidades – em geral uma das mãos – parece agir de maneira independente. Ela pode tocar e pegar coisas ou até desabotoar uma camisa que a outra mão está abotoando. Os pacientes são incapazes de controlar a mão rebelde a não ser, agarrando-a ou até sentando-se em cima dela. Eles parecem ter perdido o senso de controle – essa inconfundível sensação de estar no domínio das próprias ações, e um importante componente do livre-arbítrio.”

Para o Criador, uma das suas “abelhas-operárias” deixar de lhe obedecer, corresponderia, nessa analogia do possível, à “mão rebelde”. E foi exatamente assim, “chocado”, que Javé se sentiu sempre que uma “criatura-ferramenta” da sua “Colmeia” o agredia – no sentido de desobedecê-lo –, **pois ele jamais soube o significado do “eu”, do conceito de um “indivíduo” com vontade própria.**

26ª Constatação:

Devido a um grau absoluto do mais estéril tipo de “ignorância” que emergiu do seu psiquismo reconstruído – decorrente da desagregação dos seus elementos mentais, advindos da sua “queda” –, Javé sempre piorou tudo nele e ao seu redor.

Não foi por menos que os gregos, na origem dos seus registros mitológicos, escolheram o pior palavrão que conheciam para “homenagear” o Ente Criador: “Caos”!

Ao longo dos desdobramentos dos dois “favos” da “Colmeia” (os universos material e antimatéria) que Javé e os seus anjos-clones e demos de primeira hora produziram, o Criador se complicou a cada segundo do “tempo cósmico” e “infernizou” a vida de todas as “criaturas-ferramentas” que surgiram para a existência neste “palco” complicado.

Leonard Cohen², compositor, músico e cantor de primeiríssima categoria, ofertou mais uma obra-prima no ano de 2016, cujo título, tanto do álbum como da música-tema, é “*You Want it Darker*”, na qual ele aborda, de modo crítico e meio que enigmaticamente, diversos aspectos em torno do “Deus” dos judeus. Logo no seu início ele diz:

*“If you are the dealer, I’m out of the game
If you are the healer, it means I’m broken and lame
If thine is the glory, then mine must be the shame
You want it darker
We kill the flame
(...)
A million candles burning for the help that never came
You want it darker
Hineni, Hineni
I’m ready my Lord”*

Em tradução livre é como se ele estivesse dizendo a Javé:

*“Se você é o negociante (o “dono do jogo”), eu estou fora.
Se você é quem cura, isso significa que estou “ferrado”.
Se é sua a glória, então só me resta a vergonha.
Você quer mais escuro ainda!?
Nós apagamos a chama.
(...)
Um milhão de velas acesas por uma ajuda que nunca veio (referindo-se ao retorno de Jesus).
Você quer mais escuro ainda!?
Aqui estou, aqui estou (eis-me aqui).
Estou pronto meu Senhor.”
Realmente, mais obscuro impossível!*

Quando se conhece Javé e o seu modo “Abelha-rainha” de ser, a primeira

sensação é de espanto, a segunda é de constrangimento e de vergonha, tal é o vexame da sua situação e a da nossa; a terceira que senti foi a de desespero por ele ser um “desgraçado e se desgraçar” ainda mais a cada instante, devido ao grau de “demência” que o marca, e com isso, deixar em péssima situação todo mundo que lhe está subjugado.

Descobrir a verdade efetivamente não é uma tarefa agradável, ainda que muitos, ingenuamente, pensem que o será. Jesus, porém, já havia avisado isso há dois mil anos:

*“Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, **quando achar, ficará estupefato**; e, quando estupefato, ficará maravilhado – e então **terá domínio sobre o Universo.**”*

Essas palavras foram proferidas por Jesus no estado de ressuscitado, conforme explica o próprio autor do “*Evangelho de Tomé*”, o chamado “*Quinto Evangelho*”, sobre a questão de que, para aqueles que se sentem inclinados a buscar a verdade – uma minoria dentre o “rebanho humano” –, de tanto insistirem nessa busca, um dia descortinarão os seus aspectos, mas isso **não será nada agradável**, pois deixará o buscador estupefato num primeiro momento.

Inegavelmente, como já ressaltai, o ser humano foi levado a pensar que “**descobrir a verdade**” seria um evento agradável, belo e glamoroso, ainda que a **natureza** ao seu redor tenha como **característica comum aos seres vivos**, o fato de que **todas as espécies que nela surgiram o fizeram com a propensão a matar outras, para delas de alimentarem**. Estranho, não? Ainda mais, vindo de um “Deus” perfeito em todos os seus atributos! Como um “Deus” perfeito criaria algo tão esquisito assim? Não precisa nem ser “Deus”! Como “alguém razoável” geraria um tipo de existência em que cada um nasce para destruir outras formas de vida, de modo a obter a manutenção da sua?

27ª Constatação:

Nenhuma religião responde a essa incongruência, mas todas fecham os olhos para esse “detalhe”, preferindo romancear suas crenças de maneira a tornar a vida mais suportável ou para dominar e manipular a “crença confortável”.

O inegável, aqui, mas nunca observado pelas elites religiosas que escondem a questão por trás dos seus dogmas obscuros, é que **a vida se alimenta da própria vida, legitimando a violência como método de ação – o que é um aspecto horroroso da existência** –, porém que o ser humano transcende ao se elevar, nem que seja temporariamente, por meio da sua capacidade de sonhar, de se autoenganar, enfim, de **construir poesia e amor a partir do caos**.

Apesar da aparente organização, as coisas sempre foram assim nesta “Colmeia”.

Mais obscuro, impossível!

Com o “deslacre”, um pouco da luz do esclarecimento surgiu, e algumas poucas “criaturas-ferramentas” começam a dar um ressignificado ao *Unus Pluribus*, pois, doravante, uma parcela de seres humanos agirá no sentido de ajudar a edificar ou reedificar o Ser “caído”, mas atuando com algum grau de clareza, “compreensão adulta” e postura amorosa.

Desde que os seres biodemos iniciaram o processo de “destravar” o controle genético automatizado nos seus psiquismos, o Criador vem percebendo que “algo de muito errado” está tendo lugar na “sua Colmeia”.

Com os humanos, ele está aprendendo a conviver e a respeitar as criaturas que, por meio do tirocínio comum à espécie *Homo sapiens*, haverão de construir para ele e para os demais vitimados e aprisionados nesta Criação “problemática”, as sequências genéticas mais complexas, doravante ancoradas na liberdade e na compreensão esclarecida e elevada. Enfim, ele está começando a aprender somente agora!

O “Fator Colmeia” e o Cenário Final

Em relação à Criação, poucos são os que buscam a verdade.

O que sabem os cientistas sobre a vida?

Conhecem, sim, nas suas áreas, como algumas das coisas que compõem a realidade – do modo como a percebem – acontecem.

A ciência, mais do que respostas, procura incessantemente articular as perguntas adequadas para descobrir como tudo acontece, porém isso não implica que ela busque a verdade, pois essa, talvez pela sua complexidade, jamais possa ser apresentada por meio de fórmulas matemáticas, definições e conceitos.

O que sabem os filósofos sobre a vida?

Pouco, penso eu!

São excelentes descortinadores dos sistemas e dos mecanismos por trás dos fatos e das coisas, todavia, até hoje não conseguiram atinar muito mais além das propostas platônicas. Desorientados em sistemas fechados de crenças e de ideologias, buscam mais os aspectos filosóficos a que se sentem vinculados e, século após século, **têm perdido a noção da busca pelo porquê do todo e de suas partes.**

O que sabem os religiosos sobre a vida?

Bem, penso que menos ainda, apesar de se arvorarem em saber todos os “como” e “porquês”, pois se utilizam da fé para se estabelecerem como pretensos donos das verdades filosóficas e científicas.

Ao longo da história, porém, cometeram os piores tipos de crimes do currículo existencial humano, como quando assassinaram filósofos e cientistas em nome de “Deus”, de Jesus e de outros, tidos como referência religiosa.

Enfim, o que nós, os humanos, sabemos sobre a vida?

A somatória do pretense saber desses três grupos de humanos, referidos anteriormente, não nos leva a lugar algum!

A humanidade, desde sempre, pelo condicionamento que lhe foi covardemente imposto por forças que permanecem invisíveis ao seu olhar

desavisado, vem sendo um “rebanho” de seres que se tomam como pecadores, necessitados de bênçãos, de favores divinos e de salvação, e a tal fé raciocinada e esclarecida – a qual Allan Kardec tanto se referiu – ainda parece ser apanágio de poucos, dentre os muitos que dela se alimentam.

Tenho para mim que o “rebanho humano” vive de entretenimento, de “pão e circo”, de seriados televisivos, enfim, dos ídolos a que Nietzsche¹ se referia, e que comandam, ao mesmo tempo que iludem, transformando o passar da vida em serviço às forças dominadoras do momento histórico.

28ª Constatação:

Perceber a realidade, descortinar as suas “camuflagens”, descerrar os “véus” em torno de certos temas, procurar perceber o “lado oculto” das coisas, nem pensar.

O “rebanho humano” não sabe fazer isso, pois as forças dominadoras o proíbem.

Além desse aspecto, existe um outro ainda mais sutil e desgraçadamente limitador do nosso senso comum, quando tentamos compreender a realidade.

Para a ciência objetiva, o “Observador” nada tem a ver com o “objeto observado”. São diferentes, pois aqui aparecem um “sujeito” e uma “coisa sendo observada” ou, uma “Consciência” e um “objeto”, o que dá, aparentemente, no mesmo. Entretanto, será que um ser vivo pode definir a vida sem que sofra a limitação de estar inserido no próprio processo da vida? Uma ciência “epistêmica” levaria em conta o processo da busca humana na sua tentativa de conhecer, de fazer ciência e de pensar a vida.

Sob essa perspectiva, queiramos ou não, a vida será sempre um “espelho” da nossa maneira e capacidade em percebê-la. Assim, o que conseguirmos discernir, ótimo, porém o que não nos for possível depreender não existirá para a nossa observação.

Esse é o outro aspecto que nos limita a percepção, fazendo-nos crer que constatamos tudo, quando, na realidade, vemos somente o que a nossa mente está condicionada a ver.

A ciência quântica – não tão objetiva assim, porque trata exatamente da aparente subjetividade –, vem afirmando coisas que chocam os postulados da ciência objetiva.

Os “simples mortais”, inclusive diversos cientistas, ainda não registraram, nas visões de mundo que possuem, os dois principais aspectos, ou vieses distintos, que o conhecimento científico acumulado até o momento oferece como modos de entendimento da realidade.

Do que conheço, nada existe de tão refinado como o prefácio que Rupert Sheldrake fez para a edição do seu livro *“Uma Nova Ciência da Vida”*, que

reflete exatamente esse contexto que somente é percebido por poucas pessoas:

“Este livro trata da hipótese da causação formativa, que propõe que a natureza segue hábitos. Todos os animais e plantas valem-se de uma memória coletiva de sua espécie e contribuem com ela. Cristais e moléculas também seguem os hábitos de suas espécies. A evolução cósmica envolve um jogo entre hábito e criatividade.

Essa hipótese difere radicalmente da premissa convencional de que a natureza é governada por leis eternas. Mas acredito que a ideia dos hábitos da natureza terá de ser levada em consideração mais cedo ou mais tarde, gostemos ou não dela, pois a cosmologia moderna solapou as premissas tradicionais sobre as quais a ciência se baseava.

Até a década de 1960, a maioria dos físicos considerava como fato consumado a eternidade do universo, governado por leis imutáveis e constituído por uma quantidade constante de matéria e de energia. Essa ideia das Leis da Natureza tem sido fundamental para a ciência moderna desde a revolução científica do século XVII, e baseia-se nas filosofias pitagóricas e platônicas da Grécia antiga. O patriarca da ciência moderna, sir Francis Bacon, asseverou em 1620 que as Leis da Natureza eram “eternas e imutáveis”, e os pais-fundadores da ciência, entre eles, Kepler, Galileu, Descartes e Newton, viam-se como ideias matemáticas imateriais da mente de Deus. As Leis da Natureza eram eternas porque participavam da natureza eterna de Deus, e, como Deus, transcenderiam o tempo e o espaço. Elas eram postas em prática pela onipotência de Deus.

Enquanto se acreditava que o universo todo era eterno, constituído por uma quantidade constante de matéria e de energia, as leis eternas não representaram um problema. No século XIX e no início do XX, a maioria dos físicos acreditava que todos os aspectos fundamentais da física estavam fixos para sempre – a quantidade total de matéria, de energia e de carga elétrica era sempre a mesma, segundo as leis da conservação da massa, da energia e da carga elétrica.

Só a segunda lei da termodinâmica era um pouco diferente. A quantidade total de entropia aumentaria até todo o universo congelar para sempre – um estado que foi celebrizado em 1852 por William Thompson, mais tarde lorde Kelvin, como “um estado de repouso e morte universal”. Porém, embora a “morte pelo calor” ocorresse quando a entropia atingisse o máximo, o universo congelado ainda duraria para sempre, bem como as leis da natureza.

Tudo mudou com a grande revolução na cosmologia na década de 1960, quando a teoria do Big Bang tornou-se a nova ortodoxia. Desde então, a maioria dos cosmólogos acredita que o universo teve início há 15 bilhões de anos. Quando tudo surgiu do nada – não havia espaço nem tempo antes do

cosmos – ele era menor do que a cabeça de um alfinete e imensamente denso e quente. O cosmos tem se expandido e se resfriado desde então. Todos os átomos, moléculas, estrelas, galáxias, cristais, planetas e formas de vida surgiram ao longo do tempo. Eles têm históricos evolutivos. Hoje, o universo se parece com um vasto organismo em desenvolvimento, não como uma máquina eterna cujo vapor está se esgotando lentamente.

(...)

O surgimento repentino de todas as Leis da Natureza é tão avesso a testes quanto a metafísica ou a teologia platônicas. Por que deveríamos presumir que todas as Leis da Natureza já estavam presentes no instante do Big Bang, como um código napoleônico cósmico? Talvez algumas delas, como aquelas que governam os cristais das proteínas, ou os cérebros, tenham surgido com o aparecimento dos primeiros cristais de proteínas ou cérebros. A preexistência dessas leis não pode ser testada antes do aparecimento dos fenômenos que elas governam.

Além de todos esses problemas, logo que pensamos nas Leis da Natureza não podemos deixar de observar que esse conceito é antropocêntrico. Só seres humanos têm leis, e mesmo assim, nem todos os humanos. Só sociedades civilizadas têm leis; sociedades tradicionais têm costumes. Aplicar ao universo o conceito de lei envolve a metáfora de Deus como uma espécie de imperador universal, cujos decretos aplicam-se por toda parte e sempre. Esta premissa foi sempre aceita pelos fundadores da ciência moderna, que acreditavam num Deus de mente matemática e onipotente. Mas agora as Leis da Natureza flutuam num vácuo metafísico.

A cosmologia evolutiva torna ainda mais problemática as Leis eternas da Natureza. Talvez nem todas as leis da natureza sejam sempre fixas, mas evoluam com a natureza. Novas leis podem surgir quando os fenômenos se tornam mais complexos. E assim que admitimos essa possibilidade, percebemos que a fonte metafórica das Leis da Natureza, ou seja, as leis humanas, não são de fato eternas, mas evoluem junto com a sociedade. (...)

Sugiro uma nova possibilidade. As regularidades da natureza não são impostas a ela desde um reino transcendente, mas evoluem dentro do universo. Aquilo que acontece depende daquilo que aconteceu antes. A memória é inerente à natureza. É transmitida por um processo chamado de ressonância mórfica, que atua em campos chamados de campos mórficos.

Neste livro, discuto a hipótese da causação formativa, basicamente no contexto da biologia e da química. No meu livro “The Presence of the Past” estendo essa discussão a evolução psicológica e cultural.”

Desse modo, no ano de 1981, Rupert Sheldrake introduziu o viés da

“causação formativa” como sendo a sua visão de realidade plenamente apoiada na mais ousada das vanguardas dos postulados quânticos. Obviamente, os reducionistas ou crentes das leis eternas relutam por aceitar esse cenário porque, das duas uma: não o conseguem compreender ou mesmo porque não querem.

As evidências, porém, são largamente explícitas e contundentes, tanto sob a ótica do empirismo como no seio das mais sofisticadas equações matemáticas da complexidade quântica.

Sob esse ponto de vista, o “sistema colmeia”, que lá atrás foi implementado pelo Criador “caído”, tornou-se um hábito existencial. Foi evoluindo ao ser “exportado” para outras espécies, até que acabou sendo “deslacrado”, ainda que tenha se mantido em atuação até o presente momento, notadamente nas espécies que jamais evoluíram.

Isso, apesar de óbvio, ainda não é matéria muito clara para a compreensão dos terráqueos.

29ª Constatação:

Evoluir, no sentido de se adaptar, todas as espécies clones, demos e biológicas se encontram habilitadas para fazer porque no cerne dos seus genomas, atavicamente, jaz o impulso de sobreviver a qualquer custo.

Apresentar evolução, porém, com a significação de levar seus psiquismos do estágio da irracionalidade para a racionalidade crítica e filosoficamente capaz de valorizar emoções, ao longo dos cerca de 13 bilhões de anos de vida universal, parece que tal somente se deu com a espécie *Homo sapiens*, ou seja, com os humanos terráqueos – assim friso porque existem outros padrões semelhantes aos que nos marcam, que habitam mundos diversos.

Sob a perspectiva do tempo cósmico, os humanos representam a versão mais atual e moderna da linhagem que se “deslacrou” do “sistema colmeia” original.

O “pecado original”, imposto pelo “Deus bíblico” sobre os ombros da humanidade, tem a ver com fato dele jamais ter gostado do “deslacre” ocorrido contra a sua vontade e a de outras “Abelhas-rainhas *Trimurtianas*”.

Tratados com a peja de “pecadores” e “necessitados de salvação”, esta humanidade foi longamente condicionada e ultrajada na sua sensibilidade e, agora, se encontra totalmente refém da esperança de que alguém a salve ou venha salvar o gênero humano terráqueo.

Isso é falso! Esse é tão somente um dos “painéis criminosos” que a visão obscurecida de uma “Abelha-rainha enlouquecida” inventou para retomar o controle perdido sobre suas “criaturas-operárias”.

A pergunta que se impõe para análise é: o que o atual nível da condição humana poderia saber sobre a “DRAMÁTICA COLMEIA DESENCANTADA” da qual ela faz parte, ainda que, na atualidade, tanto a “Abelha-rainha” (Javé)

quanto os espécimes da mesma (as “criaturas-ferramentas” humanas) se viram desenquadrados em relação à função genética que antes os moviam, levando-se também em conta que o Criador não tem a mais remota consciência do que está havendo com a sua condição pessoal? Que choque foi esse?

Antes, a “Abelha-rainha” mandava em tudo e em todos, e as criaturas obedeciam. Um dia, porém, uma criatura não obedeceu, outras também não, e mais outras tantas assumiram o mesmo comportamento livre, e o Criador, por “fraqueza e cansaço entrópicos”, foi perdendo o controle e “faliu”!

“**Desencanto e desespero**”, sim, no psiquismo de uma “Abelha-rainha” praticamente em estado de coma, ao mesmo tempo em que o espanto e estupefação se deu nas criaturas que conseguiram perceber o fenômeno – ainda que o antigo vício da cegueira coletiva persista, dificultando a tentativa da compreensão em torno do novo enredo.

Para que a “Colmeia” dramaticamente não imploda, as “criaturas-ferramentas” devem fazer o quê, se a “Abelha-rainha” “faliu”?

Como o velho sistema de comando foi rompido devido aos “destraves” ocorridos no genoma das “criaturas-ferramentas” algo “robotizadas”, e elas agora podem enxergar, o que as mesmas devem fazer para manter a “Colmeia” funcionando, ainda que drasticamente?

Quem haverá de “salvar a Colmeia”, ou seja, os dois “favos universais” que a compõem?

Salvar a si mesmo, implica se emancipar em relação a essa “condição de colmeia” e nela viver de modo a contribuir com o progresso de todos. Contudo, para os avatares que vieram à Terra – como Jesus e Sai Baba, para apontar somente os mais recentes –, infelizmente as raízes religiosas, às quais ambos se encontravam vinculados, os obrigaram a dar ênfase em questões equivocadas relativas ao futuro.

Por estarem presos às tradições religiosas milenares, com o peso das suas escrituras, tidas como sagradas pelos seus seguidores, eles tiveram que se ater a dar explicações sobre o passado e, convenhamos, não existe nada mais complicado do que se arvorar como “representante de Deus” e, em seu nome, fornecer aos terráqueos a “versão oficial da verdade”.

Nisso, todos têm falhado, e muito! O peso da tradição e das limitações da cultura da “colmeia” impedem qualquer avanço no sentido de “deslacrar” os fiéis, aqueles viciados em fé fácil e ilusória.

Os sábios hindus vinculados aos *sastras* – as escrituras sagradas do hinduísmo – descrevem *Brahmam*, o pretenso “Deus” acima dos três “Deuses da Trimurti” (Brahma, Vishnu e Shiva) como *sat-chit-ananda* ou *asthi-bhaathi-pryam*.

Sat ou *asthi* significa “aquilo que persiste no passado, no presente e no futuro”. *Chit* ou *bhaathi*, aqui, significa “aquilo que tem consciência de tudo”. *Ananda*, conforme referido anteriormente, significa **fonte incessante de felicidade**, que é o mesmo significado de *pryam*, conforme a tradução, para português, feita pelo saudoso amigo e mestre Professor Hermógenes², da maravilhosa interpretação do “*Bhagavad Gita*”, produzida por Sai Baba³.

Valho-me, contudo, do seu formidável trabalho em registrar e traduzir os discursos do notável Sai Baba, para ter que, infelizmente, discordar da interpretação que esse avatar expressou sobre o significado de algumas partes do “*Bhagavad Gita*”.

Como ressaltado anteriormente, *ananda* é compreendida como sendo uma fonte incessante de felicidade para humanos, animais e pássaros, por terem a graça de existir na Criação de Brahma (o Criador “caído”), ou seja, no caso, em um dos “favos” da “Colmeia”, notadamente no biológico, que corresponde ao nosso universo.

O primeiro problema de desacordo com os sábios hindus ligados às *sastras* é o vínculo que eles fazem com *Brahmam* (o Deus Incomensurável, o próprio Deus na sua expressão suprema), que seria um Ser que se regozijaria ou permaneceria indiferente com a desgraça que aconteceu numa Criação que um outro Ente produziu – no caso Brahma.

Que os humanos, devido ao condicionamento, ou que Sai Baba e demais avatares, pelo vício mental, **típico da “doença demo” de entenderem “vexame existencial” como sendo “dádiva” de Deus ou deles próprios**, se confundam e aceitem o que acontece com os que vivem por aqui como sendo “normal e dadivoso”, ainda é aceitável. Contudo, o próprio *Brahmam* ou Deus, o Incognoscível? Aceitar e não se importar? Será isso crível? E mais: que os avatares de Vishnu e de Shiva também possuam “lentes” que enxergam beleza no sofrimento de quem tem que ter fé para se “salvar da danação do inferno”, isso me parece espantoso e inaceitável!

Criaturas destinadas a sofrerem pelo fato de terem nascido e, ainda assim, agradecerem a dádiva do nascimento e rezarem para que possam ser salvas pelos que geraram toda essa confusa situação – já que eles mesmos, os “Senhores da *Trimurti*” afirmam serem os Criadores ou Cocriadores do universo –, será isso razoável no campo de uma lógica livre e racional?

Na cultura religiosa da “colmeia”, é exatamente isso que é tido como o normal e sagrado!

Pelo que entendo, lá atrás no tempo cósmico, o “*nidana*” – o código-fonte definidor de vida do Criador, adaptado para a introdução no nosso universo sob a

forma do que, no caso da Terra, chamamos de “DNA” –, “apodrecido” e “problemático”, foi “semeado” no universo biológico, aqui gerando inúmeras civilizações que sempre funcionaram, e ainda funcionam, nos “moldes da colmeia”.

Obviamente, Brahma/Javé se assenta no “trono” da “Abelha-rainha” enquanto o resto permanece tentando produzir uma ressignificação para o “código-fonte definidor pessoal” dele, que se encontra “apodrecido”, ou seja, seu código genético demo, até que se possa atingir um novo padrão que seja capaz de ressuscitar a sua antiga condição (*Adhyatman*) de ser, “implodida” para além das fronteiras desta Criação, e situada fora do padrão da “erraticidade” espiritual associada à “Criação-colmeia problemática”.

Esse novo padrão a ser atingido, entendo ser o *satchitananda*, referido por Sai Baba. O *sat* seria o código-fonte “adoentado” do Criador “caído”, o *chit* seria o seu psiquismo operante (o seu eu psíquico) e *ananda* a alegria, o conforto que ele sentirá quando redimensionar a sua própria condição particularizada na “queda”.

A estatura que possuo para discordar de Sai Baba e apresentar essa interpretação é simplesmente nenhuma! Nem de ordem espiritual, moral e muito menos intelectual a possuo. Contudo, obrigo-me a tal fazer, atendendo a misteres difíceis de serem aqui explicados, pelo que me desculpo.

Essas componentes do genoma pessoal do Criador “caído” – que começou a viver como a “Abelha-mestra” na “Colmeia” que ele gerou e a tratar todas as demais criaturas como abelhas-operárias –, após decorrido o tempo evolutivo até o momento, veio residir, geneticamente falando, nas atuais espécies surgidas na Terra. Daí a informação anteriormente reproduzida por Krishna, um outro avatar, que as três componentes – na verdade, os genes originais do Criador e suas formatações – estavam agora nos humanos, animais e pássaros.

Por quê?

Como “Abelha-rainha”, no Criador “caído”, essas componentes têm as já referidas funções. Contudo, quando transferidas para a condição animal/humana, uma outra maneira de compreender *sat*, *chit* e *ananda*, é a que segue:

O *sat* é a consciência particularizada, ininterrupta, que, enquanto durar a encarnação, se verá presa ao psiquismo animalizado, vinculado ao cérebro, ao corpo transitório. É o chamado “eu”, o “ego” que emerge da condição cerebral animal.

O *chit* consiste no dispositivo e impulso espiritual que move o psiquismo sempre no sentido de saber de tudo, enfim, de procurar a verdade. Essa é a força que insiste em que o psiquismo pessoal deseje conhecer todas coisas.

A crença exacerbada – fé simplória, fé fácil que “negocia com Deus” –

costuma anestesiar o “*chit* do ser”.

Do ponto de vista espiritual, é um dos compartimentos da alma, que se vê preenchido pelo que é emanado dos elétrons, do tipo de genoma ao qual os mesmos estão vinculados durante a vida corporal, e também pelo que se marca no campo morfogenético da espécie a qual a consciência espiritual estiver temporariamente ligada.

Se a personalidade em questão for emocionalmente afetável, o seu “*chit*” não promoverá os impulsos mais profundos do psiquismo na busca da verdade. Tem que existir o equilíbrio emocional para que tal aconteça. Aqui, estou falando de um outro “eu”, de um “ego” que emerge da condição espiritual particularizada.

Ananda é o aspecto emocional totalmente entregue à crença de que “Deus” está cuidando da pessoa que, por isso, abre até mão de despertar em si mesma as suas potencialidades – pois a submissão ao “Deus” ao qual ela se sujeitou é que “fecha o ferrolho”, trancando o acesso que conduz às possibilidades.

O que era para ser uma “satisfação espiritual” provinda da união do ego com o mais elevado nele mesmo, passou a ser “isca mordida pelo peixe fisgado”, que doravante estará sob controle do “Deus” ou daquele que se passa como se tal fosse.

Sai Baba, nos seus comentários sobre essas três componentes, afirmou, ao se referir sobre *chit*, que o número dos que chegam ao conhecimento é efetivamente reduzido. Ele ressalta que os demais humanos podem ter somente a ânsia pelo saber, mas não possuem a firmeza da inteligência, necessária para persistir e conseguir. Isso não faz diferença, segundo ele, pois o fato essencial é a sede, a ânsia de saber. Que seja!

Nos seus comentários, Sai Baba diz ainda:

“Considere o significado interno desta fonte de conhecimento...”

(...) Sobre ananda, mesmo animais e pássaros buscam alegria sem qualquer incitamento ou persuasão de terceiros. Fazem tudo para conquistá-la. Nenhum deles procura aflição e dor...

Ocorre o mesmo com o homem, que não precisa de uma elaboração posterior. Ele busca alegria ininterrupta em todos os seus atos. Em hora alguma...”

As sábias palavras de Sai Baba nos ajudam a perceber como os animais e, o homem em particular, se esforçam para manifestar neles o que o Criador jamais pôde. Essa realização futura será o *satchitananda*, referido anteriormente, que o Ser “caído” se inabilitou a reconstruir por ele mesmo. Em outras palavras, será a contribuição que as “ex-abelhas-operárias” darão ao Ser “falido”.

Para Sai Baba, porém, a sua abordagem leva à observação de um outro aspecto da “queda” do Criador, ainda que ele próprio jamais tenha demonstrado

tal ter percebido.

Diz ele:

“Vemos em cada ser, sat, chit e ananda como o verdadeiro âmago de sua verdadeira essência, como sua própria realidade. Assim, é mesmo o Senhor que (no palco da criação) assumiu o papel de jiva (espírito ou ser particularizado) e representa um indivíduo, nesta vida.”

Assim, Sai Baba justifica as emissões de avatares da parte desse “Deus”, criador da realidade que conhecemos, sendo exemplos disso Krishna e ele mesmo.

A questão aqui é a de que, tanto ele como Krishna engrandeceram uma Criação que sequer deveria ter existido, porque extremamente “imperfeita” e “problemática”. Entretanto, tem sido assim mesmo que eles agem: limitados quanto à percepção mais ampla da questão, eles procuram transformar a “queda” ocorrida num “grande e majestoso passo de dança” de uma Entidade Criadora. Que seja: ela “escorregou” e “caiu”!

Os avatares, com suas expressões aretalógicas, confundem as suas personalidades com as do Ser Criador, a quem chamam de “Deus”.

O próprio Krishna, no final do capítulo 14, do “*Bhagavad Gita*”, diz:

“Arjuna! A prescrição necessária à criação, manutenção e destruição dos seres, tanto móveis como imóveis, chama-se karma, pois a própria resolução de criá-los já é karma, exatamente o karma primeiro, o qual ainda ativa tudo em toda parte. Este universo inteiro e os movimentos e agitações e atividades nele são consequências diretas do karma primal do meu sankalpa (intenção, vontade, projeto). E tanto quanto Minha resolução persista, as correntes do karma fluirão. Nunca podem secar, pois Eu não secarei. Tudo o que vocês fazem é para conseguir se incorporar a este fluxo; vocês nada são a não ser correntes ou agitações ou ondas nesta investida. Minha vontade tem promovido todo o karma e, assim, o karma feito em consonância com a minha vontade se tornará parte de Mim.”

As palavras de Krishna, acima reproduzidas, são de uma significância tal que, se profundamente compreendidas e observadas, seguramente haverão de chocar a sensibilidade de quem as entende. Caso não, permanecerão sendo como expressões arrogantes de um ser que se acha bem mais do que devia, até porque ele mesmo viria a morrer na sua condição de Krishna, posteriormente, como sói acontecer com simples mortais. Infelizmente, ele assume uma responsabilidade que nem Brahma, Vishnu, Shiva e nenhum dos avatares, como ele próprio, jamais puderam desempenhar, do modo em que ele inocente ou arrogantemente se propôs. **Contudo, discurso nunca falta a esses seres quando eles aparecem por aqui! Mesmo com as cotas de estranheza e de esquisitice nas suas falas,**

permanecem sendo a grande fonte de auxílio aos humanos e a outras civilizações.

Como se pode ver, o problema é difícil, sério e desgraçadamente dramático.

Esse é outro aspecto do drama: inocência e aparente arrogância se confundem em todos os avatares que, por possuírem poderes mentais que os humanos não apresentam, pensam que também têm poderes de ordem espiritual – que estão longe de demonstrar possuírem.

Assim, uma humanidade desperta para o uso da razão esclarecida e da sua cota de livre-arbítrio, obviamente será capaz de identificar a vida subserviente a um ser entronizado como “Criador ou Deus”, pousando de “Abelha-rainha”, como sendo uma **violência inaceitável**.

Eis o significado do “destravar de lacres genéticos” de Yel Luzbel, e do “despertar” de Pandora e de Eva.

A humanidade, no tempo em que se entender como tendo sido violentada, como a mesma poderá se comportar?

O ser humano, do modo como o conhecemos agora, nasceu no seio do caos de uma disputa entre “Hostes Criativas”. Essas se aproveitaram do “jogo de dados” – gerado pelo caos decorrente da Criação “problemática”, cujos efeitos, até este momento, se desdobram –, e procuraram gerar protótipos que viessem a atender a agenda da necessidade da hora.

Do mesmo modo que nós, seres humanos, pautamos o nosso progresso superando os obstáculos de cada etapa da vida, assim também essas “Hostes Criativas” fazem desde que surgiram para a vida, em tempos imemoriais.

Elas jamais se harmonizaram em torno de um trabalho conjunto, porque o que entendemos como tal, somente é possível entre semelhantes submetidos a um tipo de harmonia coletiva ou a um tipo de liderança que coordene ou comande o processo. E “harmonia” é algo bem raro nesta Criação!

Basta ver as páginas da “*Bíblia*” ou de qualquer outro livro da antiguidade, estranhamente chamados de “sagrados” pelas culturas ancestrais que deles cuidam como relíquias, para compreender quão pesado é o “jogo” de como os pretensos Criadores cuidam ou coexistem com suas criaturas.

Não existir harmonia é só um dos aspectos da convivência entre as “Hostes Criativas”, pois que doloroso mesmo era e é a elevada “intensidade sangrenta de disputa” entre as que se caracterizavam como biológicas, e outras que a humanidade desconhece – e que não eram “movidas a sangue”, pelo menos nos moldes que conhecemos.

Essas estranhas Hostes, na verdade, não eram desconhecidas para os ancestrais humanos porque eles conviviam com elas. As mesmas somente permaneceram como “conhecimento oculto” em relação à ignorância cultuada e

cumulativa que atualmente veste o academicismo, como se ele se divertisse com a sua própria cegueira em relação a esse passado no qual fomos todos gerados.

De modo enigmático, comedores de cadáveres de outros seres vivos que “naturalmente” fomos levados a ser, de tanto nos alimentarmos, esquecemos de observar criticamente o que se encontra por trás dessa necessidade, presumivelmente criada por um “Deus”, que pode ser perfeito – nos sonhos de quem assim vislumbra esse Ser –, mas que, na prática, o modo alimentar que a natureza fez surgir das suas espécies é algo tão violento, tenebroso, cruel e impessoal, que fica “pouco louvável a atitude de louvar” este Criador pela desgraça que ele gerou.

Tendo nascido do caos, a face mais aproximada que poderíamos dar daquela realidade que se transformou nesta, é que a mesma se assemelhava ao que compreendemos ser uma “Colmeia”, na qual existiam a “Abelha-rainha” e as demais, só que ninguém sabia, exatamente, o que formular como sendo o saber daquela espécie. Isso porque, numa colmeia, somente a abelha-rainha deve “saber alguma coisa”, pois que as outras têm apenas que prestar submissão, ou seja, devem obedecer sem saberem coisa alguma, a não ser atenderem à genética que determina o seu trabalho.

Em épocas mais recentes, esta “Colmeia” esteve prestes a se organizar no modo como as três “Abelhas-rainhas” principais pretendiam – sim, surgiram mais duas “Abelhas-rainhas” com o passar do tempo da Criação, que começaram a disputar a liderança e autoria em torno da mesma –, mas de tanto brigarem, resolveram criar uma “Colmeia *Trimurtiana*” ou seja, comandada por uma Tríade, o que obviamente nunca funcionou, ainda que tenham elaborado algumas possíveis ideias de solução para a dramática situação de todos.

O surgimento dos humanos, devido ao modo como ostentam seus psiquismos, simplesmente surpreendeu a todos os quadrantes universais, e impediu – e impede – que o “modelo colmeia” possa doravante funcionar.

A liberdade mental, profunda e equilibrada, apontou para um outro tipo de coexistência entre os seres, aspecto que as “Abelhas-rainhas” e suas Aristocracias não gostaram nem um pouco.

Compreender essas questões é essencial para o progresso e o futuro da humanidade. Infelizmente, são poucas as mentes que se debruçam sobre a importância da liberdade e do uso aprofundado e mais amplo do psiquismo humano.

30ª Constatação:

Os sistemas políticos e notadamente os religiosos, ou seja, as macroforças que nos escravizam, não gostam da liberdade do tirocínio humano, pois têm receio de perder a sua sustentabilidade.

A mesmice, a manutenção da versão oficial como sendo algo sagrado, a reafirmação do que vem sendo dito desde o tempo em que as religiões foram fundadas, o apego ao passado e aos privilégios do presente, o temor a qualquer tipo de mudança, enfim, “o mais do mesmo” sempre será muito interessante ao *establishment*.

Somente uma revolução lenta e progressiva no padrão do esclarecimento pessoal haverá de ir libertando as “abelhas-operárias” dos diversos “sistemas colmeia” que funcionam universo afora.

Buscar a compreensão dos aparentes mistérios da vida pode ser um bom primeiro passo nesse sentido. Ousar sair do mundo trivial e buscar ver clareza onde somente parece existir obscuridade, é atitude para quem tem luz própria.

O escritor, poeta e dramaturgo belga Maurice Maeterlinck⁴, no seu livro sobre as abelhas, demonstra como ele se interessou pelos mistérios da vida, dando origem a obras de extrema originalidade sobre esse inseto e as formigas, dentre outras espécies.

Ele não se limitou à fria observação porque soube ver nos fatos um significado mais profundo, fazendo-nos refletir sobre as leis que governam a natureza do nosso planeta e, talvez, o seu aspecto mais importante: como se espelha a inteligência e as necessidades de toda a Criação no mais ínfimo detalhe na vida de um simples inseto.

Segundo Maeterlinck:

“Para seguir a história anual da colmeia, tomaremos uma, que desperta na Primavera e se lança ao trabalho, e veremos desenrolarem-se pela sua ordem natural os grandes episódios da vida da abelha, a saber: a formação e a partida do enxame, a fundação da cidade nova, o nascimento, os combates e o voo nupcial das jovens rainhas, o morticínio dos machos, e a volta do sono do Inverno. Cada um desses episódios ministrará, por si próprio, todos os esclarecimentos necessários sobre as leis, as particularidades, os hábitos, os acontecimentos que o provocam ou o acompanham, de modo que, no fim do ano apícola, que é breve e cuja atividade só se estende de Abril ao fim de Setembro, teremos encontrado todos os mistérios da casa do mel. Por agora, antes de devassar a colmeia e de lhe lançar uma vista de olhos geral, basta saber que se compõe de uma rainha, mãe de todo o seu povo; de milhares de obreiras ou neutras, fêmeas incompletas e estéreis; e enfim de algumas centenas de machos, entre os quais será escolhido o esposo único e desgraçado da soberana futura, que as obreiras elegerão, depois da partida, mais ou menos voluntária da mãe reinante da realidade.”

Javé sempre se posicionou e se sentiu e se sente como o “Pai-mãe” reinante da realidade da sua Criação.

Compreender essa questão e o conjunto das suas posturas e atitudes “doentias” no controle do processo da vida que foi gerada no âmbito interno da sua Obra, é o maior desafio que julgo existir para as suas “criaturas-ferramentas”, como também, e principalmente, para ele próprio.

Em todo esse contexto, somente os terráqueos, até o momento, dispõem do tirocínio habilitado para tanto. A evolução se esforçou bastante para que a vida no universo chegasse a esse ponto!

O “grau de infecção do caos ou da podridão inicial” foi e continua muito poderoso, agindo no psiquismo dos seres, porque todos esses foram estruturados a partir do código “doentio” dos corpos clones, demos e biológicos que utilizaram ou utilizam durante as existências que foram ou são obrigados a viver.

Pode ser que a atual geração de humanos jamais venha a vislumbrar a importância que a cultura terráquea tem para todos os quadrantes desta Criação.

Como fomos e somos programados para pensar que existimos, quando, na verdade, o código genético de vida que nos move é quem de fato existe desde o princípio dos tempos universais – e esse pertence a uma Inteligência que “faliu” e, por isso, precisa se servir de outras –, talvez não possamos mesmo, pelo menos por enquanto, perceber o óbvio da questão, que é o fato do psiquismo do Criador disfarçadamente existir por trás das nossas personalidades emergentes da condição humana, porque isso forçosamente nos parecerá um absurdo, que ferir o senso comum da nossa lógica.

Como se referiu, porém, Maurice Maeterlinck:

“As abelhas não sabem se comerão o mel que recolhem. Nós ignoramos, igualmente, quem tirará proveito da potência espiritual que introduzimos no universo. Do mesmo modo pelo qual as abelhas vão de flor em flor, recolhendo mais mel do que necessitam para elas e seus filhos, busquemos também, na realidade, tudo o que possa alimentar essa chama incompreensível, a fim de nos acharmos dispostos a enfrentar qualquer acontecimento com a segurança do dever orgânico cumprido. Alimentemo-la com os nossos sentimentos, com as nossas paixões, com tudo o que se vê, se sente, se ouve, se toca – e também com a própria essência disso, que é a ideia que se deduz dos descobrimentos, das experiências, e das observações feitas com base em tudo o que se visita. Chega então um momento em que tudo se converte tão naturalmente em bem, para um espírito que se haja submetido à boa vontade do dever realmente humano, que a própria suspeita de que os esforços que realiza talvez não tenham objetivo, torna ainda mais claro, mais puro, mais desinteressado, mais penetrante e mais nobre o ardor de suas investigações.”

Realmente, se torna difícil para o ser humano perceber que suas ações têm a ver com a noção, por enquanto mal compreendida, do “favor divino” que todos

nós prestamos ao Criador “caído” – tema específico do livro *“Favor Divino”*, que discute o fardo que os nossos espíritos e os seus egos assumem ao existir para esta Criação.

Talvez, por desconhecer esse aspecto da existência é que Maeterlinck costuma dizer que: *“A inteligência é a faculdade com o auxílio da qual compreendemos por fim que tudo é incompreensível”*.

De minha parte, porém, discordo dele. Podemos compreender, sim!

O “sistema colmeia” foi instituído lá no início, quando as primeiras formas vivas – o Criador “caído” e seus clones – se organizaram daquele modo, por ser o único disponível na sua mente. Na verdade, a implantação do “sistema colmeia” por Javé, na sua Criação, se deve ao fato dele, quando Prabrajna – antes de “cair” na própria Obra –, ter sido uma Divindade Cocriadora de realidades e formas com padrões codependentes⁵.

Os demos romperam com o primitivismo do sistema, mas continuaram a levar suas vidas no mesmo circuito, só que mais problemático ainda, para poderem manter a ordem. Esses hábitos – como apontou Rupert Sheldrake – foram causando novas formas, mas com a replicação do mesmo psiquismo viciado na subjugação genética.

Surgiram, depois, os seres biológicos cujos hábitos eram movimentados ou acionados pelo instinto ou por algum tipo de inteligência mais complexa. Entre eles, foram urdidos os seres biodemos, e Yel Luzbel – biodemo da família Yel, também conhecido como “Lúcifer” – “deslacrou” o “sistema colmeia” por se utilizar da força do questionamento, que leva ao “pânico” o código genético do ser e da espécie cujas áreas do genoma não preveem aquele tipo de acionamento bioquímico.

Quando o genoma de uma espécie é acionado pelo psiquismo da mesma, como já ressaltado, o modo como o código genético dela funcionará, dependerá do tipo de psiquismo que ela tenha, ou seja, poderá ser puro instinto, instintivo com algum padrão de racionalidade, racional, racional lúcido, racional crítico, racional crítico virtuoso, racional instintivo, racional emotivo, racional filosoficamente ancorado incondicionalmente na postura amorosa, dentre outros aspectos que o conhecimento humano ainda haverá de descortinar.

Após a “Rebelião de Yel Luzbel”, o universo começou a ser palco de muitas experiências no campo da racionalidade, nos moldes em que a mesma foi eclodindo associada ou não à emoção.

Os hábitos dos diversos tipos de psiquismo foram proporcionando as condições de progresso que se poderia esperar de cada espécie.

31ª Constatação:

Após a eclosão da racionalidade à moda de Pandora, com padrão de

amorosidade, de senso crítico e de razão filosófica (habilidade de valorizar as emoções mais complexas), o genoma humano se tornou o “teclado cósmico” mais moderno, cujas “teclas”, em sendo acionadas pelo psiquismo esclarecido e amoroso dos terráqueos, poderiam – como podem – produzir construções mentais jamais antes vislumbradas.

Para que isso se tornasse possível, era necessário romper com o velho padrão do “sistema colmeia” e encarar todos os desdobramentos inusitados que haveriam de vir e ainda virão. Simples assim!

Tempo virá, portanto, em que essas questões que estavam escondidas, perdidas e de difícil compreensão, serão enxergadas com as lentes devidas, e o oculto se revelará naturalmente para a lógica humana.

Pena que isso não será agradável! Porém, é inevitável, urgente e desesperadamente necessário.

A dramática “Colmeia” – que nunca apresentou características de “divina” – precisa ter, agora, os seus “teclados genéticos” acionados por psiquismos amorosos e evoluídos, capazes de formular complexidade no campo da virtuosidade da existência, como também os reparos que a mesma necessita, devido ao modo como foi gerada.

Sem a compreensão esclarecida, jamais se poderá resolver o “problema universal”. Assim, enquanto o “sistema colmeia” perdurasse, não existiria o desabrochar da compreensão esclarecida e do amor incondicional.

A experiência do psiquismo universal fora do âmbito do “sistema colmeia” é bastante modesta ainda. Em estando correta a hipótese da “causação formativa” apontada por Rupert Sheldrake, na qual o hábito da natureza, ou seja, dos seres vivos, vai moldando a evolução do todo – e não porque tudo foi determinado lá atrás, no caso das leis eternas –, fica mesmo até mais fácil compreender o “deslacre” feito no sistema de controle dos “agentes da vida”: **o universo, por meio da sua recém-nascida “Mente Coletiva”, assim agiu para poder sobreviver!**

Quem sabe se o universo não está adquirindo, por meio dos seus elétrons, uma “Mente” que lhe é própria, nos termos em que procurei apontar no livro *“A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador”*?

Como se pode ver, a questão cósmica não é tão incompreensível assim!

Num futuro não tão distante, virão outros “mais habilitados” e tudo será melhor esclarecido.

Até lá, precisamos dar início, em nós mesmos, ao processo relativo à construção de um estágio de compreensão mais amplo e esclarecido, que cada um puder edificar no seu próprio templo mental.

Somente assim, os velhos mecanismos de controle das “Abelhas-rainhas”, as

quais ainda teimam por dominar o que não podem gerir, não mais surtirão efeito sobre os seres terráqueos esclarecidos e emancipados.

Nesse ponto, começará a ter lugar uma nova etapa na vida da velha e decadente “Colmeia Universal”, quando as “Abelhas-rainhas” aprenderão também a servir a propósitos nobres, que importem à coletividade que elas mesmas geraram.

Notas Explicativas

1. A “Abelha-Rainha” e os seus Súditos

1 “Encontro” no ano de 2010

Um dos “encontros” com Javé (Brahma), descritos no livro “*Inquisição Filosófica*”, do mesmo autor.

2 Cultura Demodhármica

Modo comum à “cultura demo”, associado à lei do *dharma*, que se referia ao cumprimento do *varna* – termo sânscrito que significa “talento de cada demo”, e que mais tarde passou a ser entendido como “casta” – como sendo uma questão de “honra demo”, uma das maneiras encontradas por Krishna para fazer evoluir o baixo padrão do comprometimento do psiquismo demo com suas obrigações.

No sentido em que tenho usado nos livros e palestras sobre o tema, demodhármico seria referente ao “modo de ser demo”, “modo demo de sentir”, enfim, “modo de pensar demo”.

3 Abelhas

Apenas 5% das espécies de abelhas apresentam algum grau de sociabilidade – 95% das espécies são solitárias, ou seja, existe independência das fêmeas na construção e aprovisionamento de seus ninhos. As espécies de abelhas com sociabilidade bastante desenvolvida, ou seja, as eussociais, que formam colmeias, como a *Apis mellifera* e as abelhas indígenas sem ferrão, por exemplo, representam um grupo reduzido dentro desses 5%.

4 DNA

A molécula de ácido desoxirribonucleico (DNA) é composto por duas cadeias ou fitas de nucleotídeos que se mantêm unidas em dupla hélice por pontes de hidrogênio entre as bases dos nucleotídeos. Cada nucleotídeo é constituído por um açúcar (uma pentose denominada desoxirribose), um grupo de fosfato e uma base nitrogenada que pode ser a adenina, a citosina, a guanina

ou a timina – por meio de pontes de hidrogênio, a adenina de uma fita se liga à timina da outra, e o mesmo ocorre entre a citosina e a guanina.

5 A “rainha” na eussocialidade

Assim como as abelhas, apenas algumas espécies de vespas são eussociais. Para cada colmeia, cupinzeiro, ninho-fortaleza de ratos-toupeiras-pelados ou de ratos-toupeiras-de-damara-land, há uma única “rainha”, mas um vespeiro e um formigueiro podem ter uma ou algumas. No formigueiro, ainda que haja mais de uma “rainha”, existe apenas uma “rainha-alfa”, que inibe parcialmente a capacidade das demais de colocarem ovos. O macho da abelha-rainha, o da vespa dominante e os da formiga-rainha morrem logo depois de se acasalarem, enquanto o rei-cupim permanece no cupinzeiro, fecundando a rainha-cupim, e poucos machos são selecionados para procriarem, um por vez, com a “rainha” de uma colônia de ratos-toupeiras-pelados ou de ratos-toupeiras-de-damaraland.

6 Maior metrópole já descoberta na Terra

Jornal Público de Portugal, no caderno de Ciências de 17 de abril de 2002, em reportagem cujo título foi “Descoberta a maior super-colônia de formigas do mundo”.

7 Francis Crick (1916 – 2004)

Biólogo molecular inglês, físico e neurocientista ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1962, com James Watson e Maurice Wilkins. Ele é mais conhecido por ser um dos descobridores, em 1953, da estrutura molecular dos ácidos nucleicos e seu significado para a transferência de informações em matéria viva.

À medida que todos os seres vivos terrestres conhecidos derivam de um mesmo ancestral comum – assim reza o paradigma científico vigente sobre o assunto – o homem seria, também, produto dessa lenta cadeia evolutiva que um dia teria se iniciado a partir do primeiro foco de vida simples que surgiu no planeta.

Sob esta perspectiva, a teoria da **“Panspermia Balística”**, desde que correta, explicaria como esse processo se iniciara. Conforme pensam os seus defensores, rochas de um planeta – ou de um outro bólido celeste – podem ser deslocadas até outros mundos como produto de colisões de asteroides, cometas etc., levando matéria orgânica e, possivelmente, bactérias extremófilas que poderiam sobreviver, dentro da rocha, durante todo o percurso da sua trajetória espacial até ser atraída pela gravidade de um planeta vizinho ou em ambiente próximo, e ali propagar a vida, se condições propícias existirem para tanto.

Francis Crick, porém, apresentou sobre o mesmo assunto, outro ponto de vista que deve ser ressaltado, já que formulado pela maior autoridade mundial em DNA, biólogo que foi laureado com o Prêmio Nobel por descobrir a hélice

dupla, a estrutura espiralada do DNA.

Apenas para que possamos compreender a importância das corajosas afirmações desse cientista, obrigamo-nos a ressaltar que, conforme o atual paradigma científico sobre o assunto, todas as formas de vida da Terra provieram de um mesmo código impresso em uma única molécula de DNA. Entretanto, absolutamente, ninguém sabe como esse código surgiu ou de onde ele veio.

Foi assim que em 1973, Crick publicou uma teoria que foi denominada **“Panspermia Dirigida”**, na qual ele defende a tese de que o nosso DNA veio de outro planeta. O curioso é que ele postula que o DNA não chegou no nosso mundo trazido por um meteoro ou por um cometa, mas sim, em algum tipo de veículo, única maneira, segundo ele, de permitir que o código do DNA chegasse intacto até a Terra.

Segundo Crick, a molécula de DNA é demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação do nosso planeta, há quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, e o primeiro aparecimento de vida, ocorrido há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos. Em outras palavras, o primeiro organismo que apareceu na Terra o fez subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples. Além do que, Crick considera improvável que organismos vivos tenham chegado a Terra como *esporos* de outra estrela ou incrustados em algum meteorito.

Desse modo, o seu corajoso postulado é o de que uma forma primitiva de vida foi inserida na Terra por alguma civilização avançada de outro planeta, de maneira deliberada. Daí o fato decorrente de que todas as formas de vida da Terra representam um “clone” derivado de um único organismo extraterrestre.

2. A “Colmeia do Éden”

1 Dante Alighieri

Escritor, poeta e político da cidade de Florença, Itália, que produziu uma das obras-primas da cultura humana – *“A Divina Comédia”*.

2 Edward Wilson

Biólogo estadunidense, autor dos livros *“Sociobiology: The New Synthesis”* (1975) e *“A Conquista Social da Terra”* (2012).

3 **“O Código Básico do Universo”**, Dr. Massimo Citro, Cultrix, São Paulo, 2014.

3. A “Colmeia Universal” e Seus Dois “Grandes

Favos”

1 Albert Einstein (1879-1955)

Físico teórico alemão. Prêmio Nobel de Física pelo seu estudo em torno do efeito fotoelétrico. Autor da Teoria da Relatividade.

2 Wolfgang Smith

Matemático, físico, filósofo da ciência e metafísico estadunidense e membro da escola perenialista. Crítico do império do cientificismo, ele propõe uma nova interpretação dos postulados quânticos, fundamentada principalmente na ontologia medieval e no realismo.

A escola perenialista, fundada por René Guénon e Frithjof Schuon, composta por um grupo de pensadores dos séculos 20 e 21, tem como tema central a crença de que existe uma sabedoria perene ou filosofia perene que postula a existência de verdades primordiais e universais, que são compartilhadas por todas as principais religiões do mundo.

Seus membros acreditam que existem verdades religiosas primordiais e universais que estão nas fundações de todas as principais religiões do mundo.

Segundo Schuon, os tradicionalistas falam de uma “verdade absoluta e presença infinita”. A “Verdade Absoluta” seria exatamente “a sabedoria perene (*sophia perennis*) que permanece como fonte transcendente de todas as religiões”. Ainda segundo os tradicionalistas, “a verdade primordial e perene manifesta-se numa variedade de religiões e tradições”. Presença Infinita é “a religião perene (*religio perennis*) que vive dentro do coração de todas as religiões intrinsecamente ortodoxas”.

3 Werner Karl Heisenberg (1901—1976)

Físico alemão, laureado com o Nobel de Física e considerado um dos fundadores da Mecânica Quântica.

4 Erwin Rudolf Josef Alexander Schrödinger (1887-1961)

Físico teórico austríaco, conhecido por suas contribuições à mecânica quântica, especialmente a equação de Schrödinger, pela qual recebeu o Nobel de Física em 1933.

5 Allan Kardec (1804-1869)

Pseudônimo do professor e pesquisador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, codificador da “Revelação Espiritual”, cujo pentateuco formado pelos “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Médiuns”, “Céu e Inferno” e “A Gênese”, compõem a base da doutrina espírita.

6 Basarab Nicolescu

Cientista romeno, escritor e professor de Física Teórica da Universidade Pierre e Marie Curie, em Paris, onde foi fundador do Laboratório de Física Teórica e de Altas Energias. É também presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares, fundado na França, em 1987.

Dedica-se também a produzir diversos textos que procuram desvendar as relações entre arte, ciência e tradição, propondo novos modelos de pensamento que possam resgatar à cultura e à sociedade um ser humano mais completo, com educação científica e filosófica, capaz de enfrentar os desafios da complexidade, que é a intrincada teia de relações entre conhecimentos, disciplinas e sistemas (naturais, culturais e econômicos), que caracteriza o mundo contemporâneo.

4. Cego Guiando Cegos

1 Martin Luther King (1929-1968)

Ativista norte-americano que lutou contra a discriminação racial utilizando-se do método da não-violência, da doutrina do *Satyaghaha* (defesa pacífica da verdade, da decência) posta em prática por Mahatma Gandhi. Tornou-se um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros, nos Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 1964.

6. “Projeto Talm”

1 “O Senhor dos Anéis”

Trilogia cinematográfica dirigida por Peter Jackson, com base na obra-prima homônima de J.R.R. Tolkien.

2 Leprosários

No Brasil, um decreto governamental de 1962 banuiu o isolamento compulsório de hansenianos em leprosários como medida oficial e soberana de combate à hanseníase, ainda que o estado de São Paulo só tenha aderido a essa política em 1967.

7. O “Plano Colmeia” para o Universo Biológico

1 “Uma Nova Ciência da Vida” – “A Hipótese da Causação Formativa e os Problemas não Resolvidos da Biologia”, Rupert Sheldrake, Cultrix, São Paulo, 2009.

2 Explosão cambriana

Evento de surgimento da vida pluricelular ocorrido no período geológico cambriano, sem que se possa encontrar os fósseis de transição da vida unicelular para a pluricelular. Em outras palavras, foi o aparecimento relativamente rápido, em um período de alguns milhões de anos, dos filos mais importantes da vida complexa na natureza planetária.

3 “A Conexão da Consciência”, Dr. Larry Dossey, Cultrix Editora, São Paulo, 2018.

4 Karl Kjer

Biólogo da Universidade Rutgers, em New Jersey, nos Estados Unidos.

5 “O Futuro de Deus”, Deepak Chopra, Editora Planeta, 2015, São Paulo.

8. Subserviência “Deslacrada”

1 Tipologia – Classe de Seres da Criação de Brahma/Javé – Padrões genéticos formadores dos gêneros universais

Para compreender o significado do padrão biodemol das espécies hiperbóreas e de outras, se faz necessária uma visão ampla dos códigos-fonte definidores dos padrões genéticos formadores dos gêneros universais.

Eis os gêneros universais ou as diversas “linhagens-tronco” que, por força dos fatos ao meu redor, fui obrigado a ir colecionando e ajustando com o passar do tempo.

Essas informações têm como objetivo tão somente o de melhor ilustrar alguns dos eventos narrados nos livros produzidos em torno da “Revelação Cósmica”.

Advirto que, apesar dos fatos, a classificação aqui apresentada nada tem de científica e representa apenas um modesto modelo de compreensão que formatei para uso pessoal, como tentativa de melhor tentar entender a complexíssima questão com a qual me defronto.

Não é tão simples, mas, para o que aqui pretendo elucidar, as duas grandes famílias citadas a seguir, que “povoaram o universo” desde tempos imemoriais, tiveram origem no código genético de dois dos três “Seres da Trimurti”. Esses dois Seres (Vishnu e Shiva) sempre tiveram como “base genética” das suas expressões corporais o próprio código-fonte pessoal do Criador (Brahma), desde

que passaram a habitar na Criação dele surgida.

Mesmo não sendo politicamente corretos alguns dos aspectos abaixo revelados, lembro apenas que a lógica e a ética humanas não existiam quando de toda essa ocorrência de criação de seres vivos no âmbito deste universo material. Somente isso revelo como uma tentativa de facilitar a compreensão para os que buscam entender os mistérios da existência.

Assim, da “forma demo” de Vishnu fez-se Mohen So, sua expressão avatárica demo, e desta se originou a personificação biológica conhecida no nosso universo como “Sophia”. Do código genético de Sophia, associado a Pashupati, um avatar de Shiva, foi que surgiu a “família biológica universal”, com os seguintes códigos-fonte definidores de padrões genéticos dos principais gêneros universais:

(a) **Padrão bio:** padrão biológico geral, formado por seres irracionais, assexuados e não operativos (no sentido de nada produzirem, com noção de consciência, para o progresso universal). No contexto do conhecimento terrestre, pode-se, aqui, apontar os vegetais como exemplo.

(b) **Padrão dem:** não é propriamente um gênero-padrão, mas tão somente um “neutralizador mental demo” que os “Arquitetos e Cientistas Universais” dele se utilizam para “tornar inteligente o aspecto irracional” das mentes particularizadas de seres ainda não operativos. Não existe exemplo de espécies na natureza terrestre exatamente por esse não ser um padrão nos moldes dos que definem um “tipo de ser”, sendo tão somente um “composto genético” aplicado sobre a “herança mental” de seres demoníacos que “morreram para suas *lokas* ou moradas” e cujas “almas” passaram a nascer nas linhagens biológicas do universo material. No início do processo, foi um fator de redução da “doença demo”, cujas formas foram utilizadas somente nos “primeiros momentos” da transição das almas demoníacas, para que muitas delas pudessem ser, depois, imantadas a corpos biológicos. Cumprida a sua função passou a ser um fator de composição para a formação de diversos outros gêneros.

(c) **Padrão demo:** padrão genético que apropriou, na sua formatação, a herança mental racional e produtiva vinda das experiências das diversas gerações demoníacas. Foi um tipo de gênero somente trabalhado laboratorialmente para a produção genética – por meio de “cobaias” – **dos melhores exemplares para a continuidade da “semeadura” de seres biológicos pensantes no universo material.** Muito do que foi feito com os membros desse gênero não pode ser tido como algo aceitável perante a ética humana. Infelizmente, quase nada nessa história, ainda que financiada pelos esforços de Sophia, pode ser considerado “ético”.

(d) **Padrão biodem:** gênero cujos corpos contêm “carga mental demo”

fracamente neutralizada, associada à função biológica assexuada irracional. Alguns poucos desse gênero conseguiram evoluir intelectualmente – refiro-me à produção de tecnologia –, mas sem maiores habilidades no campo do senso crítico e da razão filosófica. Aqui se encontram muitos dos seres extraterrenos que nos visitam chamados comumente de “greys”.

(e) **Padrão biodemo:** gênero cuja carga mental demo se encontra parcialmente neutralizada e associada à função biológica assexuada, tendo como membros indivíduos normalmente racionais e operativos, variando tão somente os seus padrões de senso crítico e de razão filosófica.

(f) **Padrão demol:** fator genético da herança mental produtiva animalizada, sexuada, que foi utilizada apenas em produção laboratorial, usando-se uma metodologia dolorosa. Porém, foram muitas as espécies “quase pensantes e com possibilidades de racionalidade plena” que surgiram dessas experiências. Muitas das espécies dos gêneros *Australopithecus* e *Ardipithecus*, que surgiram na natureza terrestre, tiveram origem a partir dessas “cobaias”.

(g) **Padrão biodemol:** linhagem cuja carga mental demo se encontra parcialmente neutralizada, associada à função biológica sexuada, animalizada, podendo ser racional e irracional. Podem se tornar extremamente operativos quando racionais. Aqui, estão muitos personagens citados no “*Mahabharata*” e no “*Ramayana*” – Krishna, os *Kurus* e os *Pandavas* –, como também os *Nephelin* bíblicos (*Anunnaki*) e os “nomos sirianos” (seres anfíbios).

Sob essa perspectiva, os humanos terráqueos seriam a espécie mais nova do universo, surgida a partir do gênero biodemol e com influência mental biodemo.

Além da “família biológica”, existem outras famílias de diversos matizes que foram também geradas a partir de um trabalho conjunto de Vishnu/Sophia e Shiva, e que nada têm a ver com o padrão “bio” da família “bio”, ou seja, não são biológicos. A denominação não é apropriada, mas denomino-os de “seres transbiológicos”. Nesse padrão estão os seres mineralizados, os gaseificados, os líquidos eletrônica e magneticamente estruturados, os sintéticos (ou artificiais) eletrônicos, os sintéticos eletrônicos algoritmizados e os sintéticos eletrônicos algoritmizados e com plasma. O “chocante”, para a lógica humana, é perceber que todos esses seres são passíveis de racionalização, e muitos ainda existem e existirão por muito tempo com esse padrão.

10. Inesperada Liberdade

1 As Etapas da Evolução Universal

1ª) Era da Solidão (0 a 500 milhões de anos)

Era caracterizada pela solidão do Criador “decaído” e “prisoneiro” da própria Obra. Aqui teve lugar a reconstrução do Ser “decaído” (Prabrajna), nos moldes holográficos em que passou a ser conhecido como Brahma. Durou até cerca de 500 milhões de anos após o início da Criação.

2ª) Era da Geração (500 milhões a 2,2 bilhões de anos)

Era em que ocorreu a geração de diversas espécies de clones – surgiu a linhagem “*Brah-ma*” – a partir do próprio código de vida do Criador. Vai até cerca de 2,2 bilhões de anos, quando o “clone rebelde” agrediu o Criador. Savna “mergulhou” na Criação em 1,63 bilhão de anos e, depois, agrediu Brahma em 2,2 bilhões de anos após o “*Big Bang*”. Após Brahma ter revidado o ataque e destruído o seu corpo clone, ele formou um novo tipo de constituição corporal, a partir da qual criou a linhagem demo “*Shai-Va*”, e passou a ser conhecido como “Shiva”.

Durou uns 300 milhões de anos o período de recuperação e reorganização de Brahma, ao mesmo tempo em que ele se preparava para punir os anjos-clones “rebeldes – aquele que se tornou Shiva, e os que o seguiam.

3ª) Era da Punição (2,5 a 3,2 bilhões de anos)

A terceira era começa com a punição e os desdobramentos demoníacos – por volta de 2,5 bilhões de anos desde o início dos dois universos.

Foi a era do martírio, com o castigo impingido pelo Senhor Brahma sobre grande parte da sua Hierarquia Celestial quando muitos demos tiveram que sofrer “metamorfoses” advindas ou provocadas pelo poder mental do Criador. Nessa época, surgiram muitas espécies ainda mais estranhas – para o senso atual desta humanidade –, advindas da genética *Shai-Va* e da *Brahm-Ma*.

Uma das tais espécies que surgiu nessa ocasião em que esta punição se deu, e que, no futuro, teria larga atuação nos destinos do ainda inexistente planeta Terra, refere-se a um certo segmento bem “singular” da “família dos demônios”. Esse padrão genético demo (que eu denominei de “demo hesitante”), terminaria por “alicerçar o seu progresso” em diversas espécies biológicas que, somente mais tarde, surgiriam no âmbito do universo, o qual, até então, não possuía vida biológica.

4ª) Era do Impasse (3,2 a 4,1 bilhões de anos)

A Era do Impasse assinala uma época em que o Senhor Brahma já havia definitivamente perdido – o que fez cessar a elaboração de mais seres da família *Brahm-ma* – a capacidade de urdir seres sozinho, por força da agressão de *Shiva*, cabendo, então, a geração de novas espécies ao poder que ele havia repassado a algumas classes dos seus filhos anjos-clones e a outros processos. Assim, nessa ocasião, o caos se estabeleceu em todo o universo antimaterial.

Foi quando surgiram as famílias *Aya* e *Aye* (na verdade, novas versões de clones antes existentes), já misturadas com a genética dos descendentes de *Shai-Va* e dos de *Brahm-Ma*.

Mavatma “mergulhou” 4,1 bilhões de anos depois que a Criação teve lugar. Do seu “mergulho”, Vishnu surgiu na sua expressão *Adhydaiva*.

Por 200 milhões de anos, houve uma “influência avassaladora” de Vishnu (da mitologia hindu) ou Eros (da mitologia grega), no universo antimaterial.

5ª) Era da *Lila* e da Aceitação (4,3 a 5,7 bilhões de anos)

A quinta era começa com a institucionalização da *Trimurti* (o comando da Criação dividido entre Brahma, Vishnu e Shiva), e o estabelecimento da *Lila* (o “jogo do comando”, baseado em apostas entre os três “Senhores da *Trimurti*”), por volta de 4,3 bilhões de anos desde o surgimento destes dois universos.

É a era da aceitação, por parte do Senhor Brahma, da “semeadura” do seu “código-fonte definidor de vida”, já manipulado, nas naturezas planetárias do universo material, favoráveis à vida, com vistas à geração de seres menos problemáticos, menos poderosos e menos “adoentados” pela afetação do psiquismo do Criador. Surge o “Projeto *Talm*”.

O “Projeto *Talm*” começou há cerca de 7,7 bilhões de anos, ou seja, por volta de 6 bilhões de anos após o início da Criação.

Vishnu gerou Mohen So, seu avatar demo, cerca de 6,4 bilhões após o início destes universos.

A elaboração do “Projeto *Talm*” levou cerca de 600 milhões de anos – estudo de quais elementos químicos comporiam a estrutura da vida química-biológica.

6ª) Era da Semeadura Universal (5,7 a 7,8 bilhões de anos)

Nessa era ocorreu o surgimento do primeiro protótipo de ser evolutivo com liberdade racional como fruto do concurso de associação celular (função sexual, em diversos níveis de consecução) de dois ou mais seres. Aqui surgiram, pela primeira vez, alguns padrões de forma corporal parecidas com algumas das espécies animais que, na atualidade, são conhecidas na Terra. Dentre elas, a que poderíamos chamar de “primata/humanoide”, como destaque, até porque, no caso do nosso planeta, viria a ser exatamente sobre ela que a Espiritualidade Superior faria valer a etapa mais estratégica do seu propósito de criar a “razão filosófica” conjugada à liberdade de pensamento, entre os seres do universo.

O nosso sistema solar sequer existia nessa altura dos fatos. A nossa estrela, o Sol, encontrava-se ainda no início da sua formação.

Nesse período surgiram diversas espécies evolutivas com alto e médio grau de afetação em relação ao código de vida pessoal do Criador.

Até então, todos os seres que existiam no âmbito da Criação do Senhor Brahma/Javé, poderiam se parecer com qualquer coisa conhecida pela atual

cultura humana, menos com a forma humanoide moderna – que apenas surgiu a partir de uma etapa mais recente da História Universal.

Se assim é, torna-se conveniente que observemos com outros olhos os “monstros” descritos em algumas mitologias do passado, porque o que sempre foi normal na Obra deste Criador foi o padrão do que, para a nossa lógica, parece ser “monstruoso”.

O padrão humano é tão somente o mais novo dessa História Universal. Do mesmo modo, a lógica humana também é algo moderno e surpreendente, não só no contexto deste universo, mas no de toda esta Criação.

7ª) Era do Refino da Semeadura Biológica Universal (7,2 a 13,8 bilhões de anos, pelo menos)

Essa sétima era, que começou há 7,2 bilhões de anos continua até a atualidade (13,8 bilhões de anos desde o início da Criação), ou seja, já está durando 6,6 bilhões de anos.

É a era do surgimento de diversas espécies evolutivas, com baixo padrão de afetação, dentre as quais, a que surgiu na Terra como produto da interferência de vários processos distintos. Nesse ponto, houve o impasse entre o Senhor Javé e o seu “enviado”, conhecido como Jesus, o qual perdura até os dias atuais, apesar de que, em tese, a questão da “Divisão do Comando e da Gestão Cósmica” já é assunto resolvido entre eles – falta tão somente a “entrega dos Cargos”.

Essas sete etapas anteriores ao tempo em que ocorrerá a “Divisão na Administração Cósmica”, serão conhecidas, em um futuro próximo, como as etapas ocorridas “antes da Divisão do Comando”.

8ª) Era da Divisão do Comando

Começa com a “Reintegração Cósmica”.

Nessa era futura se dará a tomada de consciência quanto à “consumação da decadência” das principais espécies de anjos-clones, como também da ineficiência do método de dominação, até então utilizado.

O DNA humano terráqueo será a base da edificação da “Criatura Universal”, que deverá surgir como sendo a mais adequada “criatura-ferramenta” a agir no universo, ao mesmo tempo que “cuida e vela” pela “saúde” do Criador e seus Assessores diretos.

Na verdade, será essa espécie futura que financiará a “redenção” de todos os envolvidos nesta estranha aventura universal.

Assim, o DNA terráqueo será “produto de exportação” para todo o Cosmos.

9ª) Era da Assunção Espiritual

É quando haverá a “assunção espiritual” do Senhor Javé e da quase totalidade dos membros do “Quartel-general” da sua Hierarquia Celestial. Será também a era das “civilizações evolutivas” assumirem as rédeas do rumo

universal sob a égide da gestão amorosa dos Prepostos do Senhor Javé, que permanecerão à frente do processo cósmico, dentre os quais Sophia, cujo avatar ficou conhecido, na Terra, como Jesus.

Ao final dessa era, Javé deverá se reintegrar a sua condição divina (*Adhyatman*) e é aqui que começam os seus “problemas” perante a “Justiça Divina” – idem para os seus anjos-clones. Óbvio que cada um dentro das suas condicionantes!

10ª) Era das Supercivilizações

Era das “supercivilizações”, que administrarão o final do ciclo da Criação de Javé. Tais “supercivilizações” não mais estarão “existindo” ou residindo em planetas naturais, mas sim, em verdadeiras naves “transuniversais”, que deixarão o espaço-tempo deste universo quando “não mais houver a luz das estrelas” nos moldes como atualmente conhecemos. Essas naves poderão se dirigir tanto para outros universos como também, simplesmente, retornar aos quadrantes da Espiritualidade Superior, que é o único local realmente atemporal e eterno – o resto é pura transitoriedade, por belas e estimulantes que sejam as feições existenciais possam assumir.

2 Escala de Kardashev

Método proposto pelo astrofísico russo **Nikolai Kardashev**, para medir o grau de desenvolvimento tecnológico de uma civilização, seja ela a nossa ou mesmo uma outra possível, de ordem extraterrestre. Essa escala foi apresentada originalmente no ano de 1964 e se utiliza de três etapas ou tipos, classificando as civilizações com base na quantidade de energia coletada, utilizada e processada, conforme seu aumento em escala logarítmica.

As três etapas de Kardashev são:

- Tipo I – Uma civilização capaz de aproveitar toda a energia potencial de um planeta, aproximadamente 10^{16} W. A significação real dessa classificação é muito efêmera, pois a Terra, especificamente, tem uma capacidade energética de aproximadamente $1,74 \times 10^{17}$ W, quando na definição original de Kardashev era de 4×10^{12} W, e ele estabeleceu o Tipo I como tendo “um nível tecnológico próximo ao alcançado atualmente na Terra” (sendo que “atualmente” é referente a 1964). Um planeta tipo I se trataria de uma “ecumenópole”.

- Tipo II – Uma civilização capaz de aproveitar toda a energia potencial de uma estrela, aproximadamente $3,86 \times 10^{26}$ W. A definição original de Kardashev era de 4×10^{26} W.

- Tipo III – Uma civilização capaz de aproveitar toda a energia potencial de uma galáxia, aproximadamente 10^{36} W. Esta classificação é muito efêmera, já que as galáxias variam enormemente em tamanho, formato e calor emitido. A definição original de Kardashev era de 4×10^{37} W.

3 “Biocosmos Inteligente” – Tese de James Gardner, apresentada no livro “*O Universo Inteligente*”, da Editora Cultrix.

James Gardner é um jornalista especializado em pesquisa científica, que aborda as teses do “Biocosmos Egoísta” e do “Biocosmos Inteligente”, dentre outras questões instigantes. Segundo ele aponta no livro “*O universo inteligente*”, “a essência da hipótese do Biocosmos Egoísta é que o universo que habitamos está no processo de ficar impregnado de vida cada vez mais inteligente – mas não necessariamente vida humana ou sua sucessora. Nessa teoria, a emergência da vida e da inteligência cada vez mais competente não é um acidente sem significado num cosmos hostil, em grande parte isento de vida, mas está no próprio âmago da vasta maquinaria da criação, da evolução cosmológica e da replicação cósmica”.

4 Quarto Logos

Personagem descrito no livro “*O Quarto Logos*”, do mesmo autor, que devido ao esgotamento dos processos financiados e produzidos pelos três primeiros Logos, os “Senhores da *Trimurti*” (Brahma, Shiva e Vishnu), iniciará um novo método pedagógico evolutivo a partir da emancipação e da especiação dos terráqueos racionais e esclarecidos.

12. “Mediocridade e Vexame” vistos como “Divinos”

1 Jules Henri Poincaré (1854 – 1912)

Matemático francês, físico e filósofo da ciência que, dentre outras contribuições, estudou a estrutura das equações que descrevem as correlações entre “observadores inerciais” e que possibilitou o aparecimento da síntese feita por Einstein, na sua Teoria da Relatividade Restrita.

2 Mario Novello

Físico brasileiro, pesquisador emérito do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, em artigo publicado na Revista “*Scientific American*” – Brasil, com o título de “*Uma Bifurcação no Cosmos*”.

13. Pluribus Unum

1 Trilogia “Terra Atlantis”

Trilogia composta pelos livros “*O Sinal de Land’s End*”, “*A Frota Norte*” e

“A Era Sapiens”, do mesmo autor.

2 “A Grande Muralha”

Filme dirigido por Zhang Yimou, e estrelado por Matt Damon como um mercenário europeu que vai para a China em plena Dinastia Song e lá passa a defender a Grande Muralha do ataque de monstros. Segundo essa lenda, a cada 60 anos, uma horda de monstros tenta transpassar a barreira representada pela Grande Muralha, para se alimentar dos humanos que vivem do outro lado.

3 Lila

Palavra sânscrita que representa o *modus operandi* dos três “Senhores da Trimurti”, a saber, Brahma, Vishnu e Shiva. Dentre os seus múltiplos e possíveis significados, seria uma espécie de “constituição que legitimaria as apostas e disputas intermináveis” sobre qual dos três havia sido o Criador do universo e quem o comandava.

14. Unus Pluribus

1 Ryan Darby

Professor da Universidade de Vanderbilt, citado no artigo “Livre-arbítrio *Evanescente*”, na edição da revista “*Scientific American*” – Brasil, de fevereiro de 2019, escrito por Bahar Gholipour.

2 Leonard Cohen, álbum “*You Want it Darker*”, 2016.

15. O “Fator Colmeia” e o Cenário Final

1 Nietzsche

Nietzsche, filósofo alemão, autor de “*Crepúsculo dos Ídolos*” (de 1988) ou “*Como Filosofar com o Martelo*” (tradução do título original, escrito em alemão).

2 Professor Hermógenes

José Hermógenes de Andrade Filho, brasileiro, mais conhecido como professor Hermógenes, foi também um militar, escritor, poeta, e divulgador do *hatha yoga*. Era Doutor em Yogaterapia pelo World Development Parliament, da Índia, e Doutor *Honoris Causa* pela Open University for Complementary Medicine.

3 Sai Baba (1926-2011)

Sri Sathya Sai Baba, nome de nascimento Sathyanarayana Raju. Era um guru, líder espiritual, místico, filantropo e educador, considerado por muitos como um avatar.

4 Maurice Maeterlinck (1862-1949)

Escritor, poeta e dramaturgo belga, que recebeu o Prêmio Nobel de literatura em 1911.

5 “Divindades Criadoras de Realidades com Padrões Dependentes”

Conforme consta nos anais da Espiritualidade, entre as Divindades Cocriadoras existem as “Divindades Criadoras de Realidades com Padrões Independentes”, que costumam gerar dimensões e seres que passam a ser total e completamente independentes em relação à mente daquele que os criou. Muitos universos e seres assim existem, e a afinidade ressonante entre esses e o seu Criador constitui um fator a ser naturalmente construído pelo mérito individual de cada criatura. É exatamente nessa questão que reside o necessário processo de autorrealização – proposta maior da existência para qualquer ser pensante – de cada individualidade envolvida no que, particularmente, chamo de “aventura amorosa da existência”, e a que o Mestre Jesus se referia como sendo “a vida eterna”.

Entretanto, outras Divindades Cocriadoras, ou seja, as “Divindades Criadoras de Realidades com Padrões Dependentes”, formulam suas Criações estabelecendo um “padrão de dependência vibratória” – explicado no livro *“O Drama Cósmico de Javé”*, do mesmo autor, sendo chamado de “dependência holográfica” –, sob o pretexto da evolução das individualidades inseridas em um universo desse tipo se darem “com” e “através” da influência progressiva e direta da Divindade Criadora daquela realidade. Prabrajna (ou Prajapati) – que “caiu” na própria Obra, e se constituiu como “Javé” – é uma “Divindade Criadora de Realidades com Padrões Dependentes”.

Entre esses dois extremos, existe um número simplesmente inimaginável – para os padrões terráqueos – de situações existenciais intermediárias, assim formuladas pelos planejamentos das Divindades Menores, pertencentes ao colegiado do Mister Criador.

Sobre o Autor



Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Programas na [Rádio Atlântica](#): Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

www.janvalellam.org
contato@janvalellam.org

* * *

LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé
- O Drama Espiritual de Javé
- O Drama Terreno de Javé
- Crônicas de um Novo Tempo
- Cartas a Javé
- Favor Divino
- O Guardião do Éden
- O Sorriso de Pandora
- O Big Data do Criador
- Homoafetividade - O Segredo do Éden
- Memórias de Javé
- Terra Atlantis - O Sinal de Land's End
- Terra Atlantis - A Frota Norte

- Terra Atlantis - A Era Sapiens
- Inquisição Trimurtiana
- Inquisição Filosófica
- O Dharma e as Castas Hindus
- O Quarto Logos
- A Rebelião dos Elétrons
- A Divina Colmeia

Outras obras como Rogério de Almeida Freitas

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).
- Homo Sapiens : da Guerra ao Esporte
- Autor do Manifesto da Cidadania Planetária (Projeto Orbum).
- Autor do Manifesto Onda Vírus (IEPP)



Entrevista com Jan Val Ellam

Dentre sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central de seu trabalho?

A necessitada, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão de realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras. Afinal, somos racionais: seres que antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar, estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumamo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionamos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

Os estudos desenvolvidos em seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas se perdem nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente penso não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registrei em um dos livros que até o momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

Diante da nova realidade que suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma se equivocar de duas maneiras: uma, acreditando no

que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos painéis importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspectos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto. As elites religiosas não têm interesse em que seus fieis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fieis como prisioneiros dos seus circuitos.

Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros até hoje lançados encontra-se o “Manifesto Orbium da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no fato da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amor, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso! Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados por que podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do toma lá dá cá, viciaram todos os seus fieis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai se perpetuar?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse

estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspecto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente lançado, aborda de modo inusitado essa questão.

Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

Guia e Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I.

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**.

Reintegração Cósmica.

Caminhos Espirituais.

Carma e Compromisso.

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias

capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte. Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico. Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre. Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus. Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia. Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I, II e III. Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo

Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 - ETAPA II.

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração. O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre. Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus. Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha. Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo. Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética. O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo. Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a

construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 - REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III.

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos quatro grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé. Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé. Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providencias da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé. Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino. Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé. Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador. Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé. Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica. Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia. Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

O Dharma e as Castas Hindus. O que sempre esteve por trás das castas hindus e a humanidade nunca soube? Qual o significado real do Dharma?

Por que será que na Terra existe uma multidão de miseráveis e somente uns poucos nascem com possibilidade de dar um bom curso as suas vidas?

Este livro responde a essas questões, dentre outras jamais abordadas na cultura humana, e apresenta um inquietante mecanismo psíquico que sempre pretendeu impedir o ser humano de se inconformar perante o absurdo de alguns painéis da existência.

Mitologia, religião, espiritualidade, filosofia, história e cosmologia se encontram numa abordagem ímpar, que ultrapassa os limites do trivial em torno da imoralidade que é a situação de um ser humano que, por força do seu nascimento se vê obrigado a ser o que a tradição religiosa impõe.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora. A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden. O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os

tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End. Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Frota Norte. Abordagem da saga dos biodemos capelinos — incluindo o quartel general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio. Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”. Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra. Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como

Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Era Sapiens. Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou acontecendo. Len Mion e Yel Luzbel perseguem a vinda do Messias anunciado pela veia profética do povo hebreu ao mesmo tempo em que procuravam compreender se Jesus era o “conquistador” há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel, dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar de todas as maneiras, qualquer interesse que ele enxergasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir na Terra a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.s

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte. Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

Grupo 4 – Temas Avançados.

A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador. Dentre as partículas

fundamentais da matéria, apontadas pela Física, os elétrons têm uma característica incomum e pouco conhecida: a de hospedar, na sua “intimidade”, as informações produzidas desde o “momento zero” da sua história que começou com o Big Bang.

Os psiquismos das diversas espécies da natureza universal, que nasceram programadas (as mais fortes, as predadoras) para liquidar outras formas de vida, para, assim, por meio da violência imperativa, manter a “sobrevivência dos mais fortes” como sendo a tônica da vida inclemente, têm sujado a “vida interior” desses agentes da informação cósmica.

Os elétrons parecem não ter premissa lógica – pelo menos por enquanto – para se perguntar sobre o porquê das coisas serem assim, mas, estranhamente, sobram indícios e evidências de que, algum tipo de premissa neles, não mais suporta acumular marcações de sofrimento e de outros naipes que enfeiam e criminalizam a existência.

Esse tema jamais foi abordado nos cânones da cultura humana, mas por “urgências e necessidades” ainda desconhecidas para a lógica planetária, tornou-se agora imperiosa a sua abordagem.

* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

Por que o IEEA?

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos



Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
- Assista vídeos de palestras não públicas
- Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smartphones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida
- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos
- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos
- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos
- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica

- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Entre muitos outros fascinantes temas.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

Manifesto Projeto Orbum



“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a

atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Filie-se espiritualmente a esta idéia.

Jan Val Ellam

Mais informações

Para mais informações sobre o ator, novos lançamentos de livros e sua agenda de palestras e eventos, acesse nossas redes:

Website e Livros

www.janvalellam.org

Youtube

www.youtube.com/janvalellam1

Facebook

www.facebook.com/janvalellam

Programa de Rádio

www.radioatlan.com

Ebooks Amazon

www.amazon.com/author/janvalellam